MISTÉRIOS
DA FORMAÇÃO
DA TERRA
A ASCENSÃO E AFUNDAMENTO
DOS CONTINENTES
IRA C. FULLER
TRADUÇÃO DE AMADEU DUARTE

OS MISTÉRIOS DA FORMAÇÃO DA TERRA
A ASCENSÃO E O AFLUNDAMENTO DOS CONTINENTES

A INTRODUÇÃO DO HOMEM E A REVELAÇÃO DO SEU DESTINO
SEGUNDO A VONTADE E O TEMPO DE DEUS

Ira C. Fuller

INTRODUÇÃO

O conteúdo deste volume foi transmitido pelo Espírito Josephine através da mediunidade da Sra. Mary Theresa Longley, sendo o espírito controlador Josephine — que à época afirmava estar em contacto com um grupo de Espíritos Antigos, de quem recebeu a matéria aqui apresentada. Josephine é membro de uma Falange Espiritual avançada, a qual escolheu o editor desta obra como destinatário dos seus favores intelectuais e instrutivos. As várias Entidades desta Falange de trabalhadores espirituais comunicaram-se com o Sr. Fuller através de diferentes médiuns, de modo a não deixar dúvida quanto à veracidade e inteligência das mensagens, bem como quanto à semelhança no vigor intelectual e nas características pessoais manifestadas por cada médium.

DEUSES TUTELARES E ESPÍRITOS ANTIGOS

Na sétima esfera ou zona da vida espiritual, existe um grandioso templo de proporções magníficas e de arquitetura sublime. O material de que é constituído apresenta-se de uma brancura ofuscante, parecendo ser de uma pedra translúcida, mas tal substância jamais foi criada pela arte dos oleiros, nem extraída de qualquer pedreira terrestre. O templo, imponente e elevado em conceção e acabamento, belo em todas as suas partes e deslumbrante na sua alvura, não foi erguido pelos lentos e laboriosos processos conhecidos na Terra; porém, permanece há milhares de anos como uma joia arquitetónica na paisagem celestial, tributo e monumento à perícia, ao génio e ao poder da força criadora da mente humana. Que fique claro aos habitantes da Terra: esta estrutura, tão extensa em domínio e tão maravilhosa em proporções, surgiu num instante pela vontade e desejo mágico de Cabul — um Deus, ainda que homem, do mundo celestial.

Em tempos remotos, Cabul concebeu a ideia de um templo que fosse um poema em pedra, uma joia arquitetónica, um espaço vasto e espaçoso o suficiente para acolher simultaneamente todos os habitantes da sua região, caso desejassem entrar nas suas galerias ou permanecer nos seus magníficos salões. E ao pensar nesse templo "não construído por mãos humanas", eterno nos Céus, a imagem completa da sua perfeição tomou conta da sua mente. Então, encontrando-se no centro de um grande e belo vale, rodeado por montanhas elevadas, cujos cumes, por vezes, brilhavam com o rubor dourado do oriente ou se tingiam com as sombras púrpuras do céu ocidental, elevou o rosto e, com os pensamentos

concentrados, exclamou com fervor e autoridade: "Sê tu, ó templo, estabelecido nesta fértil planície, e sê fixo como as montanhas e estável como as estrelas eternas — e não será colocada pedra sobre pedra, pois tu existirás como um único e gigantesco bloco de pureza resplandecente, cintilando na luz como a pérola no seu engaste de valor inestimável."

E mal proferira estas palavras, ergueu-se do vazio do ar uma visão de estrutura gigantesca e completa, assente sobre uma fundação de pedra sólida que brilhava intensamente — um templo com colunas esculpidas e paredes gravadas, uma cúpula esplendorosa reluzente como uma imensa joia, portas feitas de metal precioso adornadas com rendilhado delicado de perícia humana, corredores amplos embutidos de madrepérola, fontes a jorrar nos pátios e ricas tapeçarias a adornar as suas paredes. O templo preenchia quase todo o vale com as suas vastas dimensões, empurrando flores e arbustos até aos pés das montanhas que, majestosas, pareciam vigiar a cena.

Todo o povo da esfera rejubilou — pois fora-lhes anunciado que um dos seus sábios faria surgir um templo num instante e que este seria conhecido como o Templo de Diernes, em honra da entidade de onde emanara o poder para tal obra. Importa saber que Diernes é a Deusa tutelar que rege a sétima esfera — ou melhor, que ela e Diern, como uma única entidade em duas expressões, masculina e feminina, são os Deuses tutelares dessa zona. Estes grandes seres não são vistos pelos homens, mas quando decidem demonstrar especial favor ao povo da sua zona, escolhem alguém dotado de imenso poder de vontade para realizar alguma façanha prodigiosa que beneficie toda a raça.

E assim se provou que o povo da sétima esfera gozava do grande favor de Diern e Diernes, pois Cabul foi escolhido para fazer surgir do ar este magnífico templo, apenas com o poder da sua vontade, oferecendo ao povo um espaço de reunião e instrução onde o bem comum pudesse ser cultivado.

Existem muitos outros seres poderosos semelhantes a Cabul nos domínios maravilhosos da sétima esfera. A sua obra foi aqui escolhida apenas como exemplo das realizações grandiosas que tais entidades podem concretizar à vontade. Assim se menciona este templo que, há milhares de anos, permanece em toda a sua beleza e glória originais, imune ao passar do tempo e sem mancha do envelhecimento. Pois nesta esfera, onde reina a beleza e a luz, não há tempestades nem invernos gélidos. Tudo é luz, tudo é beleza e ordem, sem sinais de fraqueza ou decadência, pois a glória de Deus desce sobre a humanidade.

Na sétima esfera habita uma raça de seres que viveram no planeta Terra há milhares de anos — e, além deles, desde a sétima até à décima segunda zona, habitam aqueles que foram trabalhadores e pensadores no mundo mortal há vinte ou vinte e cinco mil anos. Estes seres são ricamente dotados em cultura, inteligência, sabedoria e poder de realização. As suas obras são de tal maravilha que ultrapassariam os limites da credulidade humana se tentássemos descrevê-las. A sua aparência é gloriosa — de grande estatura, alguns com três ou quatro metros de altura, de proporções majestosas e rostos brilhantes como o sol. As suas vestes irradiam luz ao moverem-se, deixando um rasto de glória por onde passam, pois é a própria iluminação do seu ser que resplandece em beleza, iluminando tudo em seu caminho.

Estes são os Deuses e Deusas das esferas — não reconhecidos como tal pelos seus seguidores ou discípulos, mas tidos simplesmente como filósofos, mestres e guias, correspondendo em pessoa e poder à ideia de divindades que a humanidade cultivou ao longo das eras. Em tempos remotos da história primitiva da vida humana na Terra, seres desta classe — hoje habitantes das zonas espirituais da sétima à décima segunda esfera como mestres e realizadores prodigiosos — visitaram ocasionalmente a Terra. Por vezes, algum vidente ou estudioso profundo das ciências ocultas obtinha uma visão de um ou mais deles, ou recebia revelações psíquicas dos segredos celestiais, transmitidas por um destes antigos guias — e então a glória da vida celestial era anunciada ou cantada aos mortais, afirmando-se que Deus descera entre os homens para mostrar as maravilhas do seu poder e aconselhar os seus eleitos.

E assim cresceu entre os fiéis a ideia de que Deus, o criador do universo, tinha forma semelhante à do homem, mas mais gloriosa e majestosa, e que se dignava a comunicar com os homens na Terra. Por meio de lenda e tradição, consolidou-se a crença na personalidade de Deus, e passou a ser descrito como habitando um trono no centro dos Céus, de onde governava a Terra e tudo quanto nela existe.

Contudo, os Deuses das esferas são muitos, e nenhum deles assumiu nem atingiu o grau do poder infinito, ainda que as suas realizações sejam vastas e maravilhosas — comparadas às quais, as maiores invenções e conquistas científicas da Terra não passam de brinquedos de lama feitos por crianças na rua, perante as prodigiosas mecânicas e realizações de mestria executiva e artística concebidas pelo mais elevado intelecto e força humana jamais vistos na Terra.

As Zonas de habitação espiritual que se estendem da sétima à décima segunda não são inteiramente povoadas por aquelas antigas inteligências de que temos falado — pelo contrário, essas Zonas são principalmente habitadas por Espíritos humanos avançados que viveram na Terra em tempos relativamente modernos. Estes seres constroem lares felizes e seguem nobres propósitos nas esferas espirituais, realizando constantemente obras cada vez mais maravilhosas, pois encontram-se sob a orientação e instrução dos Seres Antigos anteriormente mencionados, que permanecem nessas zonas por escolha própria, prestando serviço aos seus habitantes e ensinando-lhes "o caminho, a verdade e a vida".

Os antigos que habitam estas elevadas planícies e que exercem os seus trabalhos benéficos entre aqueles que os veneram e respeitam detêm uma influência especial sobre certas porções de cada uma das esferas abaixo da sua. Assim, Cabul, enquanto realizador de prodígios e vidente, exerce influência e supervisão sobre todas as fases e labores da mediunidade fenomenal na Terra.

Não que visite pessoalmente cada médium ou trabalhe diretamente com ele ou ela, mas todas as inteligências que operam de esfera em esfera no trabalho da produção de fenómenos físicos através da mediunidade terrestre pertencem à sua linha de ação e estão sob o seu controlo. Camaga, outro antigo, viveu na Terra há vinte mil anos. Foi um grande vidente, estudou os astros e predisse acontecimentos — tem hoje a seu cargo os labores e manifestações da clarividência nas esferas abaixo da sua, incluindo a Terra. Darneva, outro

antigo, possuidor de grandiosas capacidades curativas, supervisiona os curadores e médicos, embora estes nada saibam do seu poder; pois os guias e acompanhantes espirituais dos médiuns não revelam a identidade da fonte de energia ou influência que, por canais intermédios, lhes é transmitida desde um manancial e guia original de natureza profundamente humanitária.

II

Foram já referidos vários dos poderosos Antigos que velam pelas vidas e missões de diversos indivíduos na Terra e nas esferas inferiores à sua própria, e existem muitos outros seres elevados que vêm e vão livremente — e não estão limitados ao planeta Terra ou aos seus mundos espirituais circundantes, mas podem viajar para longe no espaço e manter comunicação com os Espíritos planetários de outros planetas e sistemas, trazendo consigo as informações que recebem e transmitindo-as, conforme julgam conveniente, aos seres humanos das Zonas espirituais que se encontrem preparados para as receber.

Nas sétima, oitava, nona e décima esferas habitam muitos antigos gregos e romanos, bem como pessoas de diversas línguas e nacionalidades terrestres — filósofos, sábios, bardos e mestres — que ali residem talvez há quatro ou cinco mil anos. Embora possuam poderes de realização admiráveis, estas personagens são meros pigmeus em sabedoria e capacidade, e autênticas crianças em idade e expressão, comparadas com os seres humanos ainda mais antigos de que tratamos nestas páginas. Por exemplo, Cleópatra do Nilo não passa de uma bela mulher quando comparada com as senhoras de elevada estirpe das esferas espirituais, que habitam nos seus lares celestiais há vinte mil anos.

Importa que os leitores terrenos compreendam que estes antigos seres não pertenciam todos à mesma raça ou região, nos tempos remotos em que viveram nas margens do mundo mortal. Alguns viveram numa parte do globo e floresceram sob uma dinastia, outros noutra. Desde então, a face do vosso planeta — ó Mortais — transformou-se completamente. Onde agora existem oceanos e mares, outrora terras e nações ofereciam as suas riquezas ao olhar e ao alcance do homem — e onde outrora os Oceanos se moviam ao ritmo da música e da mais profunda harmonia, hoje estendem-se continentes de um lado ao outro de vastas massas de água.

Não é tarefa fácil fazer-vos compreender exatamente onde se situam os continentes submersos do passado; pois houve mais do que um país que foi inundado e sepultado, onde as águas de séculos entoaram o seu réquiem durante milhares e dezenas de milhares de anos. Mesmo os cientistas mais radicais e entusiastas, cujas pesquisas geológicas os convenceram da antiguidade da Terra, não fazem ideia de quão antigo é realmente o vosso planeta — e se lhes fosse dito que há cinquenta mil anos homens e mulheres viviam na Terra — não como trogloditas incultos e selvagens, mas como seres polidos, cultos, intelectualmente desenvolvidos, com conhecimento das artes e das ciências — rejeitariam tal relato como sendo fantasia de um qualquer Munchausen moderno, a testar os limites da credulidade humana.

Contudo, é verdade que, nesse passado tão remoto, viveram na Terra seres humanos de gostos refinados e vasto saber, que exerciam as suas atividades e missões com fidelidade e perícia; mas à medida que os séculos passavam, as suas terras foram submersas, os seus lares e templos destruídos, os seus bens perdidos, as suas artes e ciências banidas, e as suas raças extintas — tudo devido à violência da Natureza, no seu esforço para eliminar certos elementos indesejáveis do planeta e conduzir todos os povos e todas as coisas a uma linha de desenvolvimento que produzisse, por fim, o mais elevado estado de harmonia na Terra.

Contudo, embora estes povos tenham sido varridos da face da Terra, não foram aniquilados, pois encontraram morada no mundo espiritual. Tal era o grau do seu avanço em tudo quanto constitui uma verdadeira identidade espiritual, que, quando a destruição atingiu o plano terreno, estavam já preparados para ingressar diretamente na quinta e sexta esferas, sem necessidade de permanecer nas zonas inferiores.

Mais adiante falaremos dos continentes terrestres habitados por estes diferentes povos, bem como dos seus hábitos, costumes, ocupações e templos de então, mas por agora tratamos deles como entidades espirituais elevadas, e temos algo a dizer sobre a sua vida e atividade nas alturas.

Importa, antes de mais, recordar que, antes de o planeta Terra ser formado e lançado na sua órbita pelo espaço, seres grandiosos e majestosos oriundos de planetas mais antigos nos Céus, com centenas de milhares de anos de existência, haviam já sido comissionados e dotados de inteligência, sabedoria e poder, para atuarem sobre a vida germinal do planeta e a vitalizarem com elementos capazes de promover o seu crescimento e desenvolvimento em atividade planetária.

Estes seres tutelares — dois em número, grandiosos como Deuses, um masculino e outro feminino — tinham como subordinados, para cumprirem as suas ordens no trabalho planetário e na sua guarda, numerosas entidades humanas de outros planetas, tão belas como a alvorada e tão poderosas em inteligência e expressão quanto qualquer mente mortal poderia conceber. São estes os que, ocasionalmente, são vistos e reconhecidos como Espíritos planetários por médiuns ou clarividentes no plano terrestre.

Como dissemos, a Terra foi organizada e posta em funcionamento sob a influência direta destas entidades elevadas, e continuam a presidir aos seus destinos, trabalhando pelo seu progresso rumo à perfeição última. Mas estas entidades não se ocuparam apenas da Terra; também intervieram no seu planeta espiritual e nas Zonas respetivas, a fim de os magnetizarem, ou de infundirem neles certas propriedades humanas, elétricas e magnéticas, capazes de se misturar com as forças emanadas da Terra e dos seus habitantes por radiação e vibração, ajudando assim a prepará-los para a habitação dos filhos da Terra, quando estes se libertassem do corpo material e ingressassem no reino espiritual.

Retornemos agora, em pensamento, aos antigos que habitaram o vosso planeta há vinte ou mais mil anos.

Eram sábios e sublimes. Porquê? Porque certos Espíritos planetários — talvez uma centena ou mais — haviam, muitos anos antes, descido do seu estado celestial e, sob os cuidados e orientações dos Deuses tutelares, abandonaram os seus corpos e, como almas humanas sem forma, misturaram-se com a essência magnética da vida humana na Terra, sendo absorvidos pelos órgãos parentais de seres humanos e nascendo na Terra de casais harmoniosamente unidos — assim trazendo e encarnando as condições de perfeição e plenitude espiritual no mundo material. E assim aconteceu que esses Espíritos planetários se tornaram seres terrestres durante algum tempo.

Foram dotados de grandiosas tendências e, ao crescerem da infância à juventude, as suas características puras e sábias tornaram-se tão evidentes, a sua inteligência tão notável, que lhes foram dadas todas as oportunidades de expandirem os seus dons e cultivarem os seus intelectos. Contudo, os ensinamentos mais elevados e as verdades mais sublimes foram-lhes transmitidos pelos Espíritos planetários que os acompanhavam, e, com o passar dos anos, estes mortais dotados tornaram-se mestres, sábios e sumos sacerdotes do saber e da arte, transmitindo ao povo os seus ensinamentos.

A maioria destes seres era rápida na aprendizagem, sendo intuitiva, inocente e sensível a influências elevadas. Foram construídos templos para os homens e mulheres sábios, nos quais fundaram escolas de filosofia, arte, música, literatura, ciência e formação manual. Todas as crianças ficavam sob a tutela desses sábios e, por um período de doze ou mais anos, permaneciam sob o seu ensino e orientação direta. O resultado foi o surgimento de uma raça de homens e mulheres saudáveis, simples, de mente pura, altamente dotados e cultivados; e quando partiam da Terra, encontravam-se preparados para residir e trabalhar nas esferas superiores às cinco que rodeiam imediatamente o planeta.

Já os Espíritos planetários designados para se reencarnarem, ao deixarem a Terra, reassumiam de imediato a sua condição anterior como Espíritos planetários, embora apenas por um breve período. Voltavam a nascer na Terra, cresciam novamente até se tornarem mestres e realizadores de prodígios, liderando mais uma vez as gerações rumo a grandes conquistas e poder.

Contudo, chegou por fim a hora fatídica em que os países — cada um por sua vez, alguns muitos séculos antes de outros — foram submersos, e os seus povos varridos da face da Terra. Posteriormente, as águas recuaram e novos continentes emergiram, sendo povoados por viajantes oriundos de outras terras e pelo próprio mundo espiritual — pois é importante recordar que nunca a totalidade do globo foi submersa em simultâneo.

Voltemos agora a nossa atenção para as Zonas espirituais no momento em que ocorreu a primeira submersão de um continente. Nessa época, existiam já sete Zonas espirituais, bem como um planeta espiritual. Todos estes espaços estavam bem vitalizados pelos seus habitantes e pelas emanações da vida humana magnética emitidas pela Terra. Mas os Deuses Tutelares e os seus auxiliares sabiam que havia ainda muito trabalho a realizar. Estes Deuses previam que raças humanas estranhas ainda habitariam a Terra, que a arte, a ciência e a filosofia seriam nela perdidas por milhares de anos, e que, durante um longo

período, o planeta mergulharia num estado de selvajaria e trevas antes de desenvolver uma civilização elevada e de evoluir para uma atmosfera e condições climáticas mais belas.

Previam também que as esferas inferiores da vida espiritual seriam necessárias para acolher entidades humanas que seriam lançadas da Terra num estado de rudeza e ignorância, e que a primeira esfera perderia a sua luz primitiva devido às emanações de vidas cruas e sensuais na Terra, tornando-se imprópria para habitação, exceto para seres de igual natureza. As duas ou três Zonas seguintes tornar-se-iam, assim, degraus de transição — ou lugares de permanência — para espíritos em busca de experiências e progresso rumo aos reinos superiores. Assim, os Deuses designaram os Espíritos mais elevados que haviam ascendido da Terra a estados sublimes para trabalharem na criação de novas Zonas, com o propósito de abençoar as almas humanas.

III

O trabalho desses seres exaltados consistiu em recolher, dos reinos do espaço, as nébulas flutuantes dos mundos, soprando sobre elas e infundindo-as com as emanações provenientes das vidas dos habitantes da sétima Zona, emanações essas que envolviam a Zona como um cinto de luz. À medida que estas obras magnéticas prosseguiam, e que o novo círculo ganhava densidade e força sob a manipulação dos exaltados habitantes do oitavo mundo espiritual, a nova esfera habitável tomava forma.

Os habitantes da sétima Zona ascendiam até ela, erigindo templos e palácios, delineando parques e jardins, apenas pelo exercício da vontade e da força vibratória magnética. Imediatamente os Deuses e os Espíritos superiores da oitava Zona iniciaram a criação de uma nova Zona, que foi concluída a seu tempo. O processo de ascensão ou deslocação prosseguiu, com os habitantes de cada esfera a ascenderem para a seguinte, deixando as primeiras três para uso futuro de seres terrestres.

Aqueles que subiam de uma faixa de existência para outra superior não ocupavam as habitações nem os jardins dos que os precederam, pois estes, antes de partirem — quer por força de vontade, quer por impulso elétrico e magnético — faziam desaparecer tudo o que haviam criado, permitindo assim que os seus sucessores edificassem as suas próprias moradas e delineassem os seus próprios espaços, de acordo com o seu gosto e perícia. É através dessas criações, bem como de atos de sacrifício, que a entidade humana evolui.

Toda esta construção de Zonas a partir da aura magnética e da vontade dos seres humanos, complementada com o pó planetário dos Céus, requereu tempo, e entretanto, a maior parte da Terra atravessava longos períodos de frio, desolação e escuridão. O seu povo havia-se degenerado, restando apenas fragmentos de outrora poderosas tribos, agora reduzidas a uma classe deteriorada, obrigada a lutar contra os elementos, sem acesso às forças de intuição e luz espiritual. Ainda assim, os germes da grandeza não morreram; a possibilidade de crescimento e a promessa de uma futura cultura mantiveram-se latentes, e à medida que a Terra prosseguia a sua trajetória, preparavam-se as condições para o renascimento de uma humanidade elevada e sublime.

Entretanto, a esfera mais baixa da vida espiritual começava a ser habitada por pessoas de inteligência débil e instintos brutais — seres humanos ignorantes e não desenvolvidos, a quem Espíritos missionários, vindos dos reinos superiores, se apresentavam como mestres e amigos. O homem terreno lutava contra todo o tipo de adversidades: perturbações atmosféricas causavam-lhe desconforto; a escassez das necessidades básicas tornava a sua existência penosa. Contudo, lentamente, ao longo das eras, as energias naturais do seu ser começaram a afirmar-se e ele iniciou o seu crescimento em vigor intelectual, até que as suas capacidades de cálculo, previsão e julgamento lhe permitiram planear e conceber métodos para ultrapassar as inclemências do clima e garantir a subsistência própria e da sua família.

Assim, através dos séculos, a humanidade lutou e evoluiu até atingir o estado atual de civilização e progresso. No entanto, desde os tempos dos grandes dilúvios e da submersão de continentes, jamais surgiu uma raça de homens tão elevados, intelectuais, científicos e progressistas como aquela que existiu nesses dias pré-históricos — nem a Terra voltará a ser habitada por um povo tão humanitário e sublime até que tenham passado dez mil anos ou mais. Pois, nesses tempos remotos, as raças da Terra eram mais profundamente animadas e vitalizadas pelo poder do Espírito do que jamais foram desde então.

As Inteligências Planetárias, ao assumirem voluntariamente um nascimento e uma vida na Terra com o propósito de educar e espiritualizar os povos, trouxeram às primeiras raças humanas uma influência e um poder oriundos de esferas superiores que as elevaram acima dos níveis comuns da Terra, para um plano de vigor intelectual e moral que o planeta, por si só, seria incapaz de desenvolver.

Contudo, há esperança e promessa para o bem futuro da Terra. A humanidade do planeta aproxima-se cada vez mais do Divino. As forças psíquicas e morais dos seres humanos atuam em toda a linha do progresso, e a raça humana ergue-se, era após era, rumo a um patamar grandioso de luz mental e espiritual — há progresso constante e uma marcha firme para diante, e o homem, triunfante no seu percurso, reconhece o crescimento dos séculos e alegra-se.

Mas por agora, voltaremos a ocupar-nos dos Antigos no seu reino de luz celestial.

A partir da oitava Zona, habitada por entidades avançadas, irradiou uma poderosa corrente magnética, carregada de elementos de estabilidade e beleza, que foi vitalizada pelas forças elétricas transmitidas pelos Deuses Tutelares e pelos seus agentes planetários. Com o tempo, essa corrente deu origem ao nono cinturão, que envolveu com esplendor a oitava Zona, e quando esta bela região ficou pronta para ser habitada, inumeráveis companhias oriundas das esferas inferiores ascenderam até ela.

Os lugares por eles deixados foram então preenchidos pela promoção de espíritos das Zonas ainda mais baixas — e assim, ao longo dos séculos, novas esferas foram sendo criadas, uma após outra, conforme as necessidades e de acordo com a inteligência em constante expansão dos seus criadores, até que um ciclo de doze Zonas ou faixas envolveu a Terra, cada uma habitada por entidades sensíveis em função do seu desenvolvimento

espiritual. Todas elas completavam a primeira fase do trabalho criativo confiado aos Antigos pelos seus guias Tutelares e Planetários, no grande desígnio da criação dos mundos.

Durante todos estes séculos, os Antigos, ocupados com as suas próprias tarefas, sentiam e sabiam que existiam ainda labores mais elevados nos quais poderiam vir a envolver-se, pois, embora com as suas energias e forças magnéticas fossem capazes de criar uma Zona espiritual, não possuíam, contudo, a capacidade de edificar um planeta ou mundo no espaço, como os que se vislumbram na vastidão dos Céus.

Os Deuses Tutelares e os seus subordinados eram os poderes encarregues de tais feitos, e embora alguns dos Antigos conseguissem, por vezes, captar vislumbres clarividentes desses seres superiores, a maioria dos construtores de Zonas jamais contemplara os poderosos seres que os conduziam. Todavia, a construção das Zonas prosseguiu. Após a décima segunda, formou-se a décima terceira faixa, lançada a partir da anterior e envolvendo-a, e assim sucessivamente, até que vinte e quatro Zonas ou faixas completaram o Ciclo das eras passadas.

À medida que cada Zona era concluída, certos habitantes da esfera inferior a ela começavam a ascender às suas regiões de deleite — embora muitos dos Antigos permanecessem nas diversas Zonas, preparando-se para servir como mestres, guias e realizadores de prodígios para a humanidade que os seguia, em vez de ascenderem às esferas superiores. E enquanto muitos outros seguiam em frente, transmitindo as suas influências e ensinamentos aos seus colaboradores entre os povos dos planos inferiores, havia também um número incontável de antigos filósofos, sábios e magos que ainda habitam as diversas Zonas, da sétima à décima, cujas obras são tão maravilhosas aos olhos dos seus discípulos como as manifestações de Deuses o seriam para os habitantes da Terra.

Os Antigos que residem entre os povos de qualquer esfera abaixo da décima terceira não são apenas sábios, filósofos, realizadores de prodígios, artistas e cientistas dotados das suas próprias capacidades, mas também videntes e médiuns, e graças às suas qualidades psicológicas, conseguem receber comunicações das almas ascensas que estão acima deles. Assim, encontram-se duplamente equipados na sua missão de auxílio à humanidade. Cada Zona possui os seus próprios Deuses Tutelares — dois, um masculino e outro feminino — e todos esses Deuses das Zonas encontram-se sob a orientação do par superior de Deuses Tutelares que foram os instrumentos da criação da Terra e do seu planeta espiritual.

Durante milhares de anos, a primeira faixa ou Zona que rodeia a Terra tem sido morada de Espíritos ainda ligados à matéria terrestre. Estes são seres humanos que perderam os seus corpos mortais, mas que, no momento da sua morte, não haviam desenvolvido espiritualidade suficiente para ascender aos verdadeiros reinos espirituais e que, por isso, são obrigados, por um tempo, a permanecer em estreito contacto com a Terra, até desenvolverem uma faculdade de perceção mais elevada que lhes permita alcançar a luz.

Esta primeira esfera é, na verdade, um lugar intermédio entre a Terra e a vida espiritual — é o vestíbulo dos reinos espirituais e, para muitas almas, constitui uma região

de escuridão e frio, pois a sua atmosfera é composta pelas emanações de vidas escuras, turbulentas e gélidas — marcadas pelo egoísmo e pelas iniquidades — vividas na Terra.

Espíritos humanitários de várias esferas superiores descem a estes estados inferiores para trabalhar como missionários, mestres e curadores entre os seres mais desamparados e perdidos, orientando-os para caminhos mais elevados.

IV

Com o tempo, os missionários têm sucesso no seu trabalho, e as almas obscurecidas iluminam-se com uma luz interior, sendo reanimadas pelo magnetismo dos seus ajudantes, até que conseguem libertar-se do seu estado infeliz e ascendem à segunda esfera, onde se tornam trabalhadores, auxiliando aqueles que estão abaixo deles e a quem possam chegar com simpatia e amor, assim contribuindo para o seu próprio progresso rumo aos reinos superiores.

Entre os missionários que laboram com os habitantes das esferas inferiores como mestres e guias, encontram-se muitos dos Antigos, que retiram grande satisfação do ato de transmitir a sua sabedoria e conhecimentos a todas as almas que estejam prontas a receber ou a serem orientadas por eles.

A primeira — ou esfera inferior — da vida espiritual é composta por classes estranhas e diversas, oriundas de todas as raças e regiões, e, devido à sua forte ligação à vida física, revelam todos os traços de carácter e hábitos que possuíam em vida. Todas as pessoas verdadeiramente egoístas e exigentes, todos os licenciosos ou brutais, os grosseiros, degradados e viciosos, gravitam naturalmente para a primeira esfera — alguns podem ali permanecer durante muitos anos nas suas regiões sombrias sem sequer se aperceberem de que morreram.

Outros libertam-se mais cedo das correntes que os aprisionam, cansam-se da maldade e do pecado e, sob a influência dos Espíritos missionários, desenvolvem gradualmente uma natureza superior que lhes permite ascender às esferas superiores. Alguns dos seres que habitam a primeira esfera ocuparam posições elevadas na Terra, onde aparentavam ser melhores do que na realidade eram. Ali encontram-se reis e rainhas que governaram o destino de nações, sacerdotes e bispos que detinham a autoridade da Igreja e o bem-estar do povo nas suas mãos, entre muitos outros de nome e posição — mas nenhum deles, seja rei ou plebeu, clérigo ou leigo, foi verdadeiramente altruísta ou tentou sinceramente fazer o bem.

Muitos dos que habitam esta esfera inferior possuem forte poder hipnótico e, quando entram em contacto com seres sensíveis na Terra, fazem com que estes vejam aquilo que desejam projetar. Assim, alguém que em vida foi um monarca — mas que, pela sua crueldade e egoísmo, não desenvolveu uma natureza espiritual forte o suficiente para se elevar acima da Terra — pode aparecer a um sensitivo como um ser grandioso, vestido de púrpura e linho fino, enquanto, na realidade espiritual, pode ser uma criatura deformada e vestida de farrapos. Um sacerdote autocrático e dominador pode parecer um Anjo de luz, mas na verdade possuir um semblante escuro e perturbador. Porém, se os sensitivos terrenos

cultivarem as suas faculdades superiores e aspirarem a coisas espirituais, não serão por muito tempo enganados por tais impostores, pois a verdade e a luz lhes serão reveladas.

Os Antigos têm poder sobre as forças e planos inferiores da vida, sendo por isso de grande utilidade para dissipar os redutos de malfeitores nas regiões mais baixas, onde impera a corrupção e se conspiram males contra o bem-estar da humanidade.

Todas as entidades espirituais que se encontram acima dos planos inferiores emitem luz a partir dos seus corpos; quanto mais elevada for a posição espiritual de um espírito, mais intensamente este brilhará. Os Antigos que habitam os reinos superiores há milhares de anos parecem feitos inteiramente de luz — brilham como o sol, mas a glória da sua presença cega o olhar e confunde a mente daqueles que vivem nas trevas da Terra.

Por essa razão, os Antigos utilizam agentes para alcançar os Espíritos ainda ligados à Terra — agentes menos brilhantes e avançados do que eles próprios — que são enviados para preparar o caminho para a chegada de um Antigo, cuja luz possui um poder penetrante capaz de revelar o oculto e trazê-lo à superfície. Depois de o agente conseguir transmitir uma qualidade magnética necessária a um local infestado, onde, porventura, centenas de seres degradados se congregam, um dos Antigos aproxima-se e, pela luz que emite, provoca uma vibração rápida na atmosfera, a qual afeta o estado interior das pessoas presentes, despertando nelas maior atividade.

Esta vibração alcança a sua natureza espiritual adormecida, despertando nela o desejo de conhecer algo mais da vida e de aspirar a algo melhor, ficando assim preparadas para receber o ensinamento daquele que as virá iluminar. Frequentemente, centenas de seres são despertados simultaneamente para uma nova atividade.

O Antigo não é visto por eles como um ser humano, mas apenas como uma luz resplandecente. Contudo, os mestres e guias da era moderna, que os acompanham depois de o Antigo cumprir o seu trabalho, são visíveis e sentidos — alguns de forma ténue, outros com mais intensidade — e reconhecidos como seres humanos benéficos.

Assim que um habitante da esfera mais baixa desperta para a sua verdadeira condição e demonstra vontade de se regenerar e de sair do seu estado infeliz, a sua própria força vibratória aumenta, permitindo-lhe libertar-se dos elementos densos e obscuros que o prendem à Terra e gerar uma aura mais clara e de melhor qualidade do que a anterior. Esta é então magneticamente fortalecida pelos elementos que lhe são transmitidos pelos mestres e guias.

Fica assim suficientemente livre do seu cativeiro para deixar de ser um espírito terrestre e é auxiliado na sua ascensão à segunda esfera. Ali, pode ser colocado numa escola, sanatório, refúgio ou outro espaço de proteção e aprendizagem, consoante as suas necessidades, onde receberá os cuidados necessários ao encorajamento e desenvolvimento das suas qualidades superiores.

Não existem escolas nem sanatórios na primeira Zona da vida espiritual, mas há locais de contenção onde espíritos refratários são, por vezes, mantidos até estarem preparados para receber a luz e o magnetismo que lhes permitirá ascender a um estado mais elevado.

Todas as esferas da vida espiritual, até onde nos é dado saber, são povoadas por inteligências humanas, embora muitos dos que habitam a Zona inferior possam ser mais facilmente confundidos com seres animais do que espirituais, enquanto aqueles que se encontram nos planos mais elevados se assemelham mais a Deuses ou seres de luz do que a entidades humanas. Existem também muitos espíritos humanos que permanecem durante anos junto dos seus antigos lares ou lugares de convívio terrestre, ignorando por completo os mundos espirituais que giram em harmonia com a Terra no espaço.

É-nos dito por seres celestiais da Antiguidade, através das comunicações que nos são transmitidas por Oráculos intermediários, que no centro do Universo existe um reino de glória e poder cuja vastidão nenhuma alma humana pode conceber, e que nesses reinos infinitos habitam seres que servem a Luz e a Inteligência supremas de todo o Ser — entidades estas que transcendem qualquer semelhança com a natureza humana, tão Divinas e Omnipotentes se tornaram, ainda que tenham evoluído, ao longo das eras, a partir da família humana, sendo, em verdade, almas humanas perfeitas.

Em contraste com isto, é-nos também revelado que na Terra, interpenetrando a sua atmosfera e misturando-se com a aura de cavernas, florestas, refúgios montanhosos e até com os lugares habitados pelas multidões nas cidades, existe uma esfera de vida que não é nem animal nem humana, mas que se situa entre ambas. Nesta esfera vivem criaturas que se encontram em processo de evolução e que, com o tempo, entrarão no reino humano, sendo-lhes então permitido adquirir forma humana e nascer com tal aparência, descendentes de progenitores terrenos.

Estes pigmeus ou elementais só podem integrar-se na raça humana e com ela fundir-se através da encarnação entre as tribos humanas mais primitivas. Após superarem esta fase inicial da existência humana, serão vitalizados por uma centelha espiritual que os colocará no caminho da Imortalidade como entidades humanas, embora possam ter de se reencarnar várias vezes, atravessando diferentes tribos e estágios, até que as suas nascimentos mortais cessem e o seu progresso terreno se complete.

Estes seres elementais possuem um certo grau de inteligência — o princípio vital que os anima já existiu anteriormente em uma ou outra forma animal. São ativos, astutos, por vezes dóceis, outras vezes traquinas. Há homens na Terra que tomam consciência da sua existência e fazem deles aliados ou servos. Alguns sensitivos com organização peculiar sentem-se incomodados por eles, enquanto outros se divertem com as suas travessuras.

Muitos espíritos desencarnados, mesmo de ordem avançada e altamente inteligente, desconhecem completamente a existência destes pigmeus, elfos e gnomos; mas os Antigos conheciam-nos e compreendiam-nos, e são instrumentais no processo de os preparar para a condição que os tornará aptos a nascer como seres humanos, pois é a força eletro-

magnética desses Antigos que vivifica o princípio vital do elemental, transformando-o em qualidade de atividade espiritual.

V

Nos templos da sétima esfera é-nos explicado, pelo Guia Antigo que governa essa Zona, como os seres humanos são trazidos — enquanto entidades — para a atmosfera da Terra, e como adquirem uma forma mortal.

Existem, segundo nos é ensinado, diversas origens da humanidade, referindo-nos aqui às entidades humanas na Terra, embora, em última instância, toda a essência vital e germe da alma provenha de uma única Fonte Eterna e Imutável.

Nas lições recebidas no templo, aprendemos que o elemento vital ou germe da alma existe como um ponto de luz e que este provém da Fonte-Mãe de toda a Inteligência e Poder, no centro do Universo. Estes pontos de luz, dotados da potência e possibilidade de expressão e desenvolvimento infinitos, são enviados aos milhões a partir da Luz Central — sendo transportados por correntes irresistíveis de atração para várias partes do Universo.

Ao entrarem na atmosfera de diferentes planetas, são absorvidos pelas respetivas influências e forças planetárias, que lhes imprimem qualidades específicas. Quanto aos germes da alma que são projetados da Luz Central para os planetas Marte, Júpiter ou Saturno, nada temos a considerar neste momento — esses têm as suas próprias missões, desenvolvimentos e características. O mesmo se aplica aos germes vitais do planeta Terra.

Cada germe da alma, enquanto ponto de luz na sua forma original, está envolvido por uma massa de matéria nebulosa sublimada e refinada, que lhe serve de escudo protetor enquanto flutua na atmosfera. Quando este germe é absorvido pela aura magnética de uma mulher na Terra, no momento da conceção de um feto humano, alimenta-se deste elemento gelatinoso que lhe fornece o sustento até que a gestação avance e o embrião possa retirar alimento e vitalidade do organismo materno.

Se este processo decorre com regularidade e continuidade, o embrião cresce e transforma-se, a seu tempo, numa criança viva, pois o germe da alma adquire força e poder à medida que se desenvolve. Se, contudo, não receber a vitalidade necessária de acordo com os processos naturais, o crescimento e a expressão da alma são interrompidos, ocorre um nascimento prematuro e o germe da alma é lançado de novo na atmosfera, onde se alimenta das forças magnéticas fornecidas pelos Antigos, até poder ser novamente absorvido por uma aura humana na Terra e nascer como uma criança viva.

Aqueles que entram na atmosfera parental apenas como germes de alma não são ainda entidades humanas — são germes em fase de desenvolvimento; se forem expelidos antes de terem vivido na Terra pelo menos alguns meses ou anos — período necessário para estimular a atividade na região craniana e produzir inteligência — não terão vida consciente e sensível no espírito. Esses germes devem ser cuidados e vivificados, magneticamente e eletricamente, pelos Antigos que compreendem a Lei, sendo depois trazidos de volta ao convívio de seres humanos na Terra, para poderem nascer como crianças vivas. O embrião

torna-se ativo e as suas faculdades humanas são despertadas por forças estimulantes dos seus guardiões espirituais algum tempo antes do nascimento mortal.

No momento do nascimento, inicia-se o seu percurso rumo ao desenvolvimento intelectual. Em alguns casos, esse desenvolvimento ocorre mais rapidamente do que noutros, devido, em grande medida, às qualidades e elementos que absorveu — quer dos seus pais terrenos, quer dos seus acompanhantes espirituais, ou de ambos. Se uma criança assim concebida vier a falecer poucos meses após o nascimento, poderá ou não desenvolver-se no mundo espiritual.

Alguns desses bebés adquirem, em poucos meses de experiência terrestre, vitalidade espiritual e elétrica suficiente para se adaptarem à vida espiritual propriamente dita, enquanto outros não o conseguem. Nestes casos, apresentam-se como pontos de luz ampliados, mantidos acesos pelo magnetismo de espíritos sábios até que possam beneficiar da lei da reencarnação e voltar a nascer.

Ao ler estas afirmações, o leitor poderá perguntar-se: se tudo isto é verdade, por que razão muitos espiritualistas afirmam comunicar com espíritos que cresceram da imaturidade à idade adulta nas esferas superiores, e que dizem ser filhos de nascimentos prematuros sem experiência terrestre? Abordaremos essa questão numa secção futura deste texto, que por agora se concentra nos modos e métodos do nascimento humano e da expressão terrena.

Os seres humanos que chegam pela primeira vez à Terra como germes da alma — ou pontos de luz — provenientes da Grande Fonte Central, são, em regra, gentis, tímidos, relativamente calmos e pacíficos de carácter — embora essas qualidades possam ser, e frequentemente sejam, modificadas, acentuadas ou alteradas por influência parental, por condições pré-natais ou pela ação dos planetas sob cuja influência foram gerados e nasceram. Após uma experiência terrena de duração variável, passam para o mundo espiritual e inserem-se em novas associações e ambientes.

Séculos mais tarde, terão a opção de se reencarnar ou não na Terra — pois, no seu caso, não existe qualquer lei arbitrária que os obrigue: podem decidir por si próprios. Alguns destes espíritos, durante a sua primeira passagem pela Terra, tornaram-se mestres filantrópicos e ministros de auxílio ao próximo; outros foram artistas, músicos, ou, talvez por circunstância e formação, tornaram-se juristas, soldados ou guerreiros.

Pouco importa o que tenham sido na Terra — alguns poderão ter-se desviado e tornado criminosos — não é necessário que se reencarnem, a menos que assim o escolham. Mas a lei existe, permitindo-lhes beneficiar dessa possibilidade, caso o desejem. Talvez alguém que tenha amado os seus semelhantes na Terra tenha sido, ao mesmo tempo, uma alma sofredora ou moralmente débil. Após passar por experiências e ensinamentos no mundo espiritual, as suas simpatias podem alargar-se profundamente.

Contemplando o sofrimento e a dor no plano terreno, deseja ajudar a apaziguar a angústia alheia. Decide então regressar à Terra e comunica esse desejo a um Guia Antigo.

Este seleciona o caminho a ser percorrido e ajuda a preparar as condições para o novo nascimento.

O candidato à reencarnação é entregue aos cuidados do Antigo e colocado num sono magnético, durante o qual o seu corpo espiritual se torna extremamente subtil. Quando chega o momento da transição, o ser magnetizado é conduzido até à atmosfera dos futuros pais terrenos, e o espírito ou entidade da alma é extraído do seu corpo em dissolução como um fluxo de substância vaporosa, sendo absorvido pela atmosfera magnética da mãe.

Permanece então num estado de quietude durante os três primeiros meses da gestação, entrando depois em contacto com o embrião e, no momento apropriado, começa a vitalizá-lo até que uma criança viva nasça sob tais condições — condições essas que, apesar das circunstâncias, farão dela um líder no ensino moral e na conduta, ou um nobre benfeitor através do amor e da compaixão pelos seus semelhantes.

Este exemplo é apenas ilustrativo. Outros poderão renascer sob diferentes condições terrenas e com finalidades distintas. Cada renascimento representa um avanço em inteligência, poder, oportunidade e labor relativamente à encarnação anterior da mesma entidade. O espírito não conserva memória das suas encarnações anteriores na Terra ou noutros planos, pois a sua missão no presente prende-se apenas com assuntos terrenos. Contudo, mais tarde, ao atingir as esferas supernas, verá tudo com clareza e compreenderá plenamente. Cada alma reencarnada encontra-se sob a tutela de um Antigo — por vezes dois — além de receber assistência de outras inteligências mais recentes.

Frequentemente, esses guias optam por ocultar da entidade reencarnada qualquer lembrança das suas vidas passadas, por julgarem tal decisão mais benéfica. Todo o espírito assim renascido na Terra é sensitivo, com poder psíquico estimulado — muitos são médiuns excecionais através dos quais se realiza alguma obra humanitária abençoada ou se transmitem grandes verdades.

Os corpos espirituais dessas entidades tornam-se tão subtilizados e etéreos que, ao serem deixados, quando o ego retorna à Terra, se dissolvem imediatamente na atmosfera, formando uma espécie de aura em torno do corpo gestacional — servindo como núcleo do corpo espiritual da criança que está para nascer. Por vezes, a primeira manifestação na Terra do mesmo germe de entidade humana é tão débil e carente de vitalidade que não possui vínculo especial com os pais terrenos — e por vezes os pais terrenos são tão absolutamente distintos da essência espiritual do filho que não existe entre eles verdadeira afinidade. Quando a criança, nestas condições, morre, não possui pais verdadeiros.

Essa criança renasce então na Terra através de pais a quem está espiritualmente ligada e com quem partilha verdadeira afinidade. Pode viver muitos anos e, ao falecer, reconhecer os pais que o precederam — ou poderá ser ela a falecer primeiro e dar-lhes as boas-vindas quando estes chegarem ao outro lado. Por outro lado, sendo agora uma entidade vital devido à sua encarnação anterior, mas marcada por qualidades que antes lhe faltavam — qualidades estas adquiridas dos novos pais e de outras fontes — poderá não conseguir manter-se no

plano mortal e ser devolvida ao mundo espiritual, como nascimento imaturo. No entanto, o espírito reconhece como seus os pais que não chegou a alcançar no plano físico, e são estas crianças que se manifestam através de médiuns como entidades espirituais, reclamando laços com os pais com quem, no plano da alma, estavam profundamente ligados.

VI

Não há contradição na afirmação frequentemente feita de que crianças que não atingiram a maturidade na Terra podem viver e crescer no espírito e comunicar com aqueles que teriam sido seus pais terrenos, caso tivessem nascido e sido criadas devidamente. Tampouco há contradição no facto de que outros espíritos necessitem de reencarnar para obter um verdadeiro vínculo com a vida imortal. Tudo isto procurámos demonstrar nos textos anteriores. É lamentável que tenhamos de depender de formas mortais de expressão e terminologia para descrever estes assuntos, pois tais formas são muitas vezes inadequadas às exigências desta obra.

A lei da reencarnação existe; existe para satisfazer as necessidades de qualquer alma que deseje beneficiar dela. Muitos seres humanos que, na Terra, vivem em estado de idiotia são apenas germes de alma não desenvolvidos. Para eles, a lei é bela e perfeitamente adaptada às suas necessidades. Outros, que foram inteligentes e brilhantes na Terra, mas que procuram mais disciplina e experiência no plano mortal, veem nesta lei um benefício pessoal. Quando a alma está suficientemente vitalizada para prosseguir o seu crescimento intelectual, a lei não se aplica de forma arbitrária, pois cada ser inteligente pode decidir por si se deseja ou necessita de se reencarnar.

Nos casos em que a entidade humana é privada do estímulo necessário ao seu crescimento, ou em que o germe da alma não criou um vínculo com a imortalidade enquanto entidade pessoal, a lei age de forma arbitrária, mas ainda assim benéfica.

Existem outros casos em que esta lei é uma força para o bem, embora não se manifeste como reencarnação em forma humana até fases mais avançadas do desenvolvimento. E ao tentarmos explicar como a humanidade, através das suas múltiplas formas de criação — se nos for permitido usar esta palavra — se torna num ser sensível e inteligente na Terra, não podemos ignorar este ramo do nosso tema.

Ao longo deste relato sobre os Deuses Tutelares e os Espíritos Antigos, mencionámos os elementais — criaturas estranhas e diminutas que não são propriamente humanas nem animais em forma ou inteligência, mas que representam um estágio intermédio entre esses dois estados de existência ativa e consciente.

Segundo o conhecimento transmitido pelos nossos mestres Antigos, estes elementais são formados a partir da essência, do princípio vital e de elementos sublimados de certas formas de vida animal, que evoluíram até adquirir consciência e atividade superiores à puramente animal, embora ainda não plenamente humanas. São seres reais, compostos mais de matéria do que de espírito, e apenas invisíveis à visão e ao toque mortais devido à rapidez das suas vibrações — que os sentidos físicos, mais lentos e embotados, não

conseguem captar. Contudo, esses mesmos elementais exercem, por vezes, uma influência traquina ou perturbadora sobre certos seres humanos.

Explica-se que estes elementais precisam ainda de ser espiritualizados através da absorção de germes de alma — provenientes da grande Fonte do Ser — e que cada uma destas criaturas é capaz de atrair e integrar um desses germes, entrando assim em contacto com a vida humana sensível, tanto espiritual como física. Ao atrair para si um germe de alma, o elemental é, por sua vez, impelido com força irresistível para a atmosfera de uma mulher humana pertencente às camadas mais baixas da humanidade — por exemplo, entre os aborígenes australianos — e fixa-se nessa pessoa.

Com o tempo, essa mulher estabelece a ligação necessária com o seu parceiro masculino, concebe e dá à luz uma criança — uma criança que é, na realidade, um elemental encarnado, vitalizado com um germe de alma. No entanto, os níveis mais baixos de vida humana não possuem vitalidade espiritual suficiente para permitir o desenvolvimento da consciência espiritual ativa nas esferas do espírito.

A criança cresce na Terra e vive o seu tempo designado, que poderá ser curto ou longo. Ao morrer, o princípio vital não regressa ao estado elemental, nem ascende ao mundo espiritual — permanece na atmosfera da Terra, semelhante a uma chama azul, sem forma nem consciência. Com o tempo, é absorvido pela aura magnética de uma mulher fértil pertencente a uma humanidade de tipo superior, e renasce como uma criança viva, agora dotada de suficiente energia da alma e impulso espiritual para iniciar o seu caminho de ascensão como entidade imortal. Neste caso, a lei da reencarnação é necessária, arbitrária e, acima de tudo, benéfica.

São os Espíritos Antigos, que viveram na Terra há muitos milhares de anos, que lidam com a lei da reencarnação e a compreendem suficientemente bem para poderem oferecer sábias exposições sobre o seu funcionamento aos mortais — se sentirem necessidade de partilhar tal conhecimento. Contudo, são poucos os desses seres muito antigos que mantêm comunicação direta com os habitantes da Terra, embora muitos estejam encarregues de sensitivos e médiuns, tanto neste plano como noutros planos de existência sensível.

De tempos a tempos, inteligências que habitaram os reinos da Terra em épocas tão remotas que os registos dos tempos de Moisés e dos patriarcas parecem páginas de história moderna em comparação com os seus próprios anais, encontram médiuns na presente fase de desenvolvimento planetário que podem ser por eles diretamente orientados ou controlados com um propósito especial. Mas tais casos são raros. Regra geral, os Antigos trabalham por intermédio de agentes ou mensageiros e prosseguem o seu caminho desconhecidos dos homens.

Apresentámos uma explicação sumária do nascimento das almas na Terra, e assim surge a questão da pré-existência. É certo que o germe da alma tem de iniciar algures a sua peregrinação e crescimento como Luz, embora antes da sua aparição na Terra como entidade inteligente e consciente, possa ter já passado por muitas experiências. Antes ou depois do nascimento mortal, poderá ter atravessado múltiplas encarnações. Quando a alma

é emanada da grande Alma Central e Sol de toda a Luz, fica sob o cuidado e vigilância dos Deuses Tutelares — ou Espíritos planetários que constroem mundos — e jamais é perdida de vista ao longo do seu crescimento eterno.

Partindo como ponto de luz, a alma inicia o seu percurso de experiências e existências, enquanto milhões de anos se sucedem em silenciosa grandeza. Mas, à medida que esses ciclos de tempo e experiência se desenrolam, a alma vai gradualmente crescendo em direção ao grande Sol central de toda a sabedoria e inteligência infinitas — aquilo a que o homem chama Deus — e nesse processo não perde um único grão da sua consciência individual. Avança eternamente, transformando-se gradualmente num Deus de luz e poder infinitos — um Ser de Luz para sempre.

O homem finito argumenta que, tal como uma linha reta tem um início e um fim, também o homem, tendo tido um princípio como entidade humana, deverá ter um fim. Porém, afirmamos que tais premissas e conclusões aplicam-se apenas ao mundo físico e finito. O homem inicia-se como ponto de luz, contendo em si a potência e o poder de existência própria e desenvolvimento próprio. Esta potência e este poder são alimentados e mantidos vivos — independentemente da escuridão ou das vicissitudes que o ego possa enfrentar durante a sua disciplina — pela força elétrica que retira da Grande Luz Central, e pelo magnetismo exercido sobre ele pelos Antigos ou pelos Seres Tutelares, até que desenvolva as suas próprias forças autossustentáveis, perpetuamente ativas, como o movimento dos planetas.

A alma humana, começando como ponto de luz, desenvolve-se gradualmente até se tornar uma esfera perfeita de Luz — resplandece e cintila dentro da forma humana, irradiando um halo que, por vezes, é apenas visível aos olhos mais sensíveis da Terra. As suas radiações estendem-se a partir do plexo solar, sendo distribuídas através do sistema nervoso a todas as partes do organismo humano. Em entidades altamente desenvolvidas, essas radiações não apenas iluminam todo o ser, como também emanam luz que ilumina tudo por onde passam.

Essas radiações que fluem do centro da alma, para e através de todo o organismo, geram uma vibração ativa que, conforme o grau de crescimento e estatuto espiritual do indivíduo, produz emanações e auras de força magnética que revestem — por assim dizer — os raios e forças da alma. Quando chega a hora da dissolução física, a força da alma deixa de vibrar com tanta intensidade, concentra o seu poder na retirada da sua luz e da sua aura magnética do corpo, e inicia a ascensão a partir da cabeça, recolhendo progressivamente todas as forças e elementos que compõem o seu corpo de vida, formando assim o invólucro — ou corpo espiritual — através do qual passará a agir e servir.

A aura ou emanações de uma alma ativa não apenas preenchem o organismo e revestem o ser interior, mas também projetam forças e elementos que se agrupam numa esfera ao redor do indivíduo como um escudo protetor de vida magnética — escudo esse que pode ser transmitido aos doentes e deprimidos como uma força vitalizante — sendo a alma ativa quem gera a aura, segundo as suas necessidades e os seus atos.

VII

Falámos do nascimento das almas na Terra e do seu desenvolvimento em vários graus — através de possíveis sucessivas encarnações e de outras vias. Falaremos agora do renascimento das almas como entidades espirituais, após a dissolução do corpo mortal. Mas antes é necessário considerar: o que é o espírito, e qual a sua relação com o ego humano?

Ninguém deve pensar que o Espírito é apenas uma parte de si, algo que se possui. Deve-se antes considerá-lo como o próprio Ego — o ser humano totalizado e individualizado. É-nos dito: "Deus é Espírito — e os que O adoram devem adorá-Lo em espírito e em verdade." Ao considerar a Luz e o Poder Infinitos como Inteligência perfeita e Sabedoria organizada, manifestadas através do Seu corpo — que é o próprio Universo — podemos compreender que Deus é Espírito, e que, como tal, a qualidade eterna da Consciência individual deve ser reverenciada.

O homem, limitado pela sua condição finita, não pode contemplar todo o Universo dos mundos, nem sondar os campos infinitos do espaço. Por conseguinte, não pode ter uma conceção adequada da sua forma ou das suas partes na sua totalidade. Os mestres Antigos ensinam-nos que o homem é um microcosmo do universo. Também nos ensinam que o éter universal é o sopro de Deus — ou da Inteligência Infinita — e que o próprio universo é o corpo dessa Inteligência, sendo a força da sua alma a Luz Central no coração do Universo.

Tal como a Alma da Divindade só pode ser concebida como Luz, assim a alma do homem é também Luz — o princípio vital do Ser. E assim como Deus, ou Força da Alma, em inteligência e luz, irradia e respira através de todo o Universo, que é por Ele autocriado e organizado, tornando-se um Ser individualizado, assim o homem é criado pela Força da Alma como uma entidade organizada e personificada.

Deus, o Infinito, centrado na Força da Alma no meio do Universo, é Espírito eterno, por se encontrar coordenado como luz, força e energia com os elementos que emanou e organizou como forma viva.

Assim também o homem, como força da alma primordial, emana e cria forças e elementos que organiza em forma e substância, tornando-se, pela sua coordenação com esses elementos, um Espírito vivo — sendo o Espírito o resultado da ação da Alma e o veículo através do qual a inteligência se manifesta como Ego individualizado e consciente. Este, por sua vez, gera atividade nos elementos e moléculas da matéria, que são energizados pela força elétrica e impulso magnético do Espírito, organizando assim o corpo temporal que reveste o Ser interior — a verdadeira personalidade — e que permite ao Espírito exercer os seus atributos na carreira mortal.

Força da alma e Espírito juntos constituem o Eu eterno e individualizado que vive para sempre em atividade consciente, conhecimento inteligente e poder — como entidade espiritual. Assim como a Força da Alma da Divindade Infinita está localizada no centro do Seu corpo — o Universo — irradiando energia a cada porção da sua vasta estrutura, também a força da alma de um Ego humano está centrada no plexo solar da forma individual, donde irradia energia e luz a cada parte do seu Ser. A força da alma não se

encontra no cérebro, embora este concentre forças devido à sua complexa estrutura e funcionamento — que, no entanto, não são mais extraordinários, nas suas funções de receção e expressão da energia inteligente, do que o órgão cardíaco o é nas suas funções de ligação à circulação vital do corpo. A inteligência pode ser transmitida por qualquer plexo ganglionar do corpo — e até pode manifestar-se nas pontas dos dedos de certos indivíduos sensíveis. A substância cinzenta do cérebro não é exclusiva da estrutura craniana; há vestígios dela em várias outras partes do corpo humano.

Um homem pode partir o pescoço e a vida abandonar o seu corpo físico. Também pode ser atingido no coração ou em outro órgão vital, e o espírito separar-se da sua forma material. Mas o centro da vida — ou força da alma — não está na base do cérebro, mesmo que, ao partir o pescoço, se desligue da Terra, nem se encontra na região cardíaca. Na verdade, reside mais próximo do centro do corpo, precisamente no plexo solar.

A Alma é luz — o plexo solar é a rede iluminada que dá atividade ao corpo humano. Os órgãos de geração também estão situados na região central do corpo, e, nas suas mais elevadas condições de atividade funcional, são controlados tanto pela força da Alma quanto pelo impulso físico do Ego, do Eu. Não foi a ignorância, nem a luxúria, que motivou o culto fálico dos Antigos na Terra. No seu respeito e reverência pelos órgãos e processos da geração, reconheciam o trabalho da Vida e do Poder infinitos, e viam neles a glória omnipresente e a fecundidade da energia criativa da alma — força e luz.

E agora, tendo assegurado aos nossos leitores que a Alma é a chama vital ou luz que vivifica todas as coisas, e que o Espírito é a correlação das forças e elementos que a força da Alma atrai para si, e que são vitalizados pela chama da Alma ou princípio da vida, formando tudo isso uma entidade inteligente, passamos à consideração dos processos pelos quais uma entidade espiritual nasce para a outra vida a partir da forma terrestre.

Como já foi dito, na hora da dissolução mortal, a energia da Alma recolhe para si os princípios áuricos e as energias de que necessita e, com eles, ergue-se do corpo, emergindo pela cabeça. Reunindo-se em torno do corpo como uma substância vaporosa e semelhante a uma nuvem, parece flutuar a princípio, como uma sombra no ar. No centro dessa névoa brilhante pode ver-se um ponto ou estrela de luz resplandecente — a Alma ou chama vital — de onde irradiam raios de luz para todas as partes da nuvem gloriosa. Gradualmente, as ondas de vapor assumem forma e proporções humanas — a cabeça e a parte superior do corpo surgem primeiro do seu invólucro diáfano, os membros inferiores e os pés aparecem por último.

O centro luminoso continua a pulsar e a brilhar, podendo ser discernido por olhos verdadeiramente clarividentes. A partir desse ponto iluminado vê-se um fino cordão de luz estender-se do novo ser formado até ao corpo em rápido processo de inanição, outrora chamado homem. Esse é o cordão magnético que uniu o espírito ao corpo durante toda a sua existência terrena, correspondendo ao cordão umbilical que liga mãe e filho durante o período gestacional. Mas agora o corpo espiritual está formado; a alma já não vitaliza a estrutura mortal. O cordão magnético solta-se da argila enrijecida e os processos da morte material são completados.

A natureza encarrega-se, então, do corpo físico através dos seus agentes de dissolução e transformação, enquanto envia o espírito triunfante na sua ascensão pelas esferas superiores. Falamos agora da ascensão de um homem justo — no caso de um homem vicioso, o processo não seria tão belo ou elevado. O seu corpo espiritual seria composto de elementos escuros e nocivos, e a força da alma não conseguiria brilhar ou palpitar através de tal densidade, embora os processos físicos da morte fossem idênticos.

Tornamo-nos o olho clarividente e contemplamos a ascensão do homem puro. A aura que emana do espírito que parte é como uma onda de rendilhado espumoso, bela como a glória da alvorada. Circula ao seu redor, envolve-o, e, à medida que observamos em reverente admiração, notamos que essa luz se molda em curvas e dobras que envolvem a sua forma até que fluem à sua volta como vestes graciosas, apropriadas à sua nova condição. E agora ele está vestido e pronto para a marcha ascendente, o seu rosto resplandece com a luz interior e volta-se para as estrelas. O seu corpo pulsa com nova vida — está preparado para o novo caminho, e não está só.

Belos seres esperam por ele e acompanham-no. São antigos companheiros, amigos e guias, vigiados por Seres Antigos que têm supervisionado e auxiliado a cena final na Terra, que separa o espírito da forma mortal. O cordão magnético é agora cortado; a forma terrena está "morta", a forma espiritual está viva. O espírito atravessa o ar superior, passa pela primeira, segunda e terceira Zonas, sem lhes prestar atenção — as suas afinidades e atrações estão além. Talvez a sua velocidade diminua na quarta esfera. Se for lá o seu lar, sim, então abranda involuntariamente e pausa — atingiu a sua Zona.

O espírito flutua adiante, penetra no quarto mundo dos espíritos e contempla a cena encantadora à sua volta. Montanhas, vales e rios surgem à sua vista. Jardins, relvados e caminhos floridos encantam os olhos; casas acolhedoras e residências imponentes abrem-se diante dele.

Rostos amáveis e mãos estendidas dão-lhe as boas-vindas. Está em casa. As cenas antigas desaparecem da memória, ainda que momentaneamente, ante a beleza que se revela diante de si. Está em casa. Uma bela morada está aberta — cheia de conforto e deleite. Entra e é bem recebido. Cuidados ternos provam-lhe a imortalidade e a glória do amor humano. Está em casa. As inquietações e sacrifícios de outrora perdem o seu peso; as sombras deram lugar à luz do sol; o inverno da vida converteu-se numa primavera dourada. Um sorriso de contentamento desenha-se nos seus lábios e no seu coração — está em casa.

VIII

Ao relatarmos, de forma substancial, o que aprendemos com os nossos Guias Antigos sobre o nascimento da Alma, as suas experiências na matéria, a sua expansão e crescimento, através de uma ou várias encarnações terrenas, e o seu progresso como entidade espiritual para mundos superiores, demonstrámos que os intelectos da Antiguidade estão plenamente vivos e ativos, e ocupam-se dos assuntos práticos da vida humana neste planeta, assim como nas esferas espirituais.

Aqueles que se perguntam o que pode ocupar a atenção da humanidade durante as eras da eternidade não têm qualquer conceção da vastidão da Vida, do seu alcance e das suas possibilidades — nem conseguem compreender a ideia do Desdobramento e da Realização Infinitas.

Para os Espíritos ocupados a construir mundos, a guardar e guiar planetas no seu crescimento evolutivo, a supervisionar os destinos das raças humanas e das nações, a acompanhar o nascimento e a expansão dos germes da alma, a cuidar dos elementais, a guiar e proteger os seres reencarnados nas suas várias etapas de experiência mortal, a estudar os Céus e os modos de vida em diferentes planetas, a experimentar com as forças elétricas e magnéticas do Universo, a criar maravilhas de Arte, Ciência e perícia mágica, a estudar as leis ocultas e psíquicas do ser — e a alcançar resultados gloriosos com toda essa reflexão, pesquisa, esforço e energia despendida — o Tempo nada significa.

Não se detêm na sua passagem: mil anos são como um único dia, e o nascimento ou desaparecimento de uma nação ou raça terrestre é-lhes tão interessante e importante — e não mais — do que o desenvolvimento e o comportamento de uma colónia de formigas, ou de um enxame de insetos, para a mente científica que estuda os seus hábitos, costumes e natureza, e que os treina ou observa à vontade.

Para aqueles que viram nações e continentes surgir e desaparecer, que passaram milhares de anos no mundo das Causas, lidando com as leis da Natureza como o hábil mecânico lida com as suas ferramentas, a fim de criar obras perfeitas, a Eternidade não é demasiado longa para estudar, planear, trabalhar e realizar.

Quando iniciámos estes escritos, era nosso desejo e intenção descrever "As maravilhas dos Céus e a sua glória", mas, ao depararmo-nos com as limitações da linguagem e com os confins da comparação e da analogia, desesperámos da tarefa de transmitir aos mortais uma conceção adequada da grandeza dessa vida que os seres que habitaram o planeta Terra há vinte e cinco mil anos alcançaram nas esferas celestiais.

No entanto, neste ponto, escolhemos uma dessas personagens Antigas e contaremos algo sobre o alcance da sua influência e a grandiosidade das suas obras. Esta inteligência é conhecida pelo nome de Iberna — um nome de significado profundo, que, interpretado literalmente, se lê como "Portador da Luz". Este Ser, quando visto pelos olhos finitos, apresenta-se como uma figura majestosa, de porte imponente e semblante benevolente — e, não fosse a luz peculiar que irradia do seu rosto e da sua figura, poderia ser tomado por qualquer das Inteligências da Antiguidade que tenham vivido na Terra entre dois a cinco mil anos atrás.

Mas a sua história terrestre remonta muito mais longe na Antiguidade. A sua morada foi no antigo continente da Atlântida, onde cresceu em nobreza de carácter e exerceu a sua função de sumo sacerdote e mestre no Templo, santificado para o seu povo pela luz e influência que nele fluíam desde os altos planos. Ser sumo sacerdote, na sua época, não significava ser um mero oficiante do culto, nem um proselitista de doutrinas — mas sim um homem sagrado, um devoto e um místico. Um guia espiritual, mas também um mestre e um

médico. Assim, enquanto sumo sacerdote, ministrava às necessidades mentais, espirituais e físicas do seu povo — era um pai amado pelos seus filhos, um mestre seguido pelos seus discípulos nos vários caminhos do conhecimento que lhes abria, um médico que estudava o conforto físico dos seus pacientes, ensinando-os, pelo exemplo e pelo preceito, a manterem mentes puras em corpos limpos e saudáveis, e um guia espiritual cujos ensinamentos éticos e revelações psíquicas apelavam tanto à intuição quanto à razão do seu rebanho.

Tal era Iberna, o sumo sacerdote do Templo de **Aruna**, no continente da velha Atlântida, na cidade de Humenia, cidade em forma de crescente, ladeada pelas gloriosas montanhas de Prunia, cujos fogos internos, uma vez em cada mil anos, expeliam a sua oferenda fundida para o mar, e banhada à frente pelas belas ondas azuis de uma baía interior que fluía em música rítmica aos seus pés.

Na cidade de Humenia, edifícios de pedra colorida e outras estruturas grandiosas de mármore, destinadas a reuniões privadas ou públicas, erguiam as suas paredes espaçosas, e pomares de árvores frutíferas, cujo folhagem cintilava à luz suave e dourada do sol como joias de rara e brilhante beleza, adornavam a paisagem. No coração dessa cidade em forma de crescente — da qual se estendiam, de ambos os lados, os braços curvos da meia-lua até se fundirem com o mar — erguia-se o famoso **Templo de Aruna**, no qual a glória dos céus e o domínio do homem sobre os reinos da vida inferior lhe eram revelados à mente estudiosa.

Este templo fora construído em pedra sólida que resplandecia como uma imensa pérola, quer sob os primeiros raios do sol, ao nascer, quer ao pôr-do-sol nas águas do mar. A sua edificação fora obra de mestres construtores dotados de inteligência, cada um deles desempenhando fielmente a sua parte — desde os cortadores nas pedreiras das montanhas que extraíam a pedra brilhante, até ao mestre pedreiro que supervisionava toda a obra e que, neste caso, era o próprio Sumo Sacerdote.

Um templo, naqueles tempos, era construído segundo regras científicas relativas a linhas geométricas e relações astronómicas, e constituía em si um livro aberto para quem desejasse estudá-lo, tanto nas suas partes como no seu conjunto. Cada operário era também um estudioso do universo, e, na sua parte do trabalho, investigava a sua relação com o todo, de modo a estar apto, após a conclusão da sua tarefa, a ascender a uma classe superior e prosseguir um ramo mais complexo de estudo.

No interior do templo havia várias salas, cada uma devidamente concebida e acabada para a sua função, onde se estudavam e investigavam as ciências e filosofias da vida. Embora houvesse numerosos servidores e professores envolvidos na instrução do povo, Iberna, o Sumo Sacerdote, era o guardião e dirigente principal de todo o conjunto. Já referimos anteriormente que, nos primórdios da humanidade, certos espíritos planetários desceram à Terra sob os cuidados dos Deuses Tutelares que governam este planeta e encarnaram como seres humanos.

Iberna foi um desses. Nascido de pais mortais humildes, mas inteligentes, desde muito cedo manifestou sinais de extraordinária inteligência e poder. À medida que crescia, ganhava um poder magnético sobre o povo — demonstrando tal cultura, intelecto e

sabedoria superiores — que, por aclamação, se tornou o chefe e mestre reconhecido naquele domínio.

Os hábitos do povo eram marcados por modéstia e simplicidade. As suas vestes consistiam em túnicas que caiam em curvas e dobras graciosas a partir dos ombros, cingidas à cintura por cintos de tecido finamente trabalhado. Homens e mulheres vestiam-se de forma muito semelhante, embora estas últimas usassem um manto ou capa sobre os ombros, e as suas sandálias fossem de padrão e textura distintos das dos homens.

A alimentação do povo era frugal e simples, composta por frutos e nozes, bem como por um pão feito a partir de um tipo de milho moído muito doce e nutritivo. Não comiam carne, e não havia qualquer sinal de vida animal dentro da cidade de Humenia, embora nas zonas montanhosas e em certas florestas de Atlântida existissem formas de vida animal.

Os habitantes de Humenia eram, por norma, gentis, respeitadores da lei, cidadãos progressistas. Viviam com refinamento e apresentavam-se com asseio e cuidado. Ensinava-se que o Espírito e o corpo exigiam igualmente cultura — que o corpo era o templo do Espírito e que mantê-lo puro, limpo e decorosamente vestido era um sinal de respeito devido ao espírito.

A sua religião era um serviço à humanidade e a vivência de uma vida pura como preparação para o além. Acreditavam na imortalidade e que, ao morrer, os seres ascendiam a jardins suspensos no espaço, onde assumiam responsabilidade pelos que deixavam na Terra e onde alimentavam flores e frutos através das emanações magnéticas das suas próprias vidas, mantendo-os assim em perpétua floração.

Para seu próprio sustento, absorviam e inalavam o aroma desses frutos e flores, sendo com isso fortalecidos. Acreditavam também que os mortos imediatamente começavam a regenerar-se em juventude e beleza, estado do qual jamais sairiam. Prestavam homenagem ao sol como força criadora da vida nas obras da Natureza e também como símbolo do mais elevado princípio da Alma concebível. Não eram idólatras — mas reverenciavam tudo quanto fosse verdadeiro e bom na vida universal.

IX

As gentes daqueles tempos antigos não morriam jovens; não havia nascimentos imaturos. Vivendo uma vida natural, permaneciam na Terra até ao cumprimento do ciclo completo da Natureza, com cada geração mais sábia do que a anterior. No templo, Iberna e os seus mestres associados recebiam frequentemente instruções e revelações vindas dos reinos invisíveis superiores, as quais transmitiam aos seus discípulos conforme as suas necessidades.

Os modos de transporte naqueles tempos incluíam carros movidos mecanicamente, veículos aéreos e embarcações marítimas. As forças elétricas e magnéticas da atmosfera e da natureza humana eram compreendidas e aplicadas a fins práticos. Os segredos da Arte e da Ciência eram conhecidos e utilizados. Usavam tecidos de seda extraídos do casulo, bem como algodão e linho fiados a partir de produtos vegetais, e tingidos com belíssimos

corantes — de tons vivos ou delicados — extraídos dos produtos dos campos e das florestas, segundo a mais elevada perícia.

Assim governou Iberna com orientação gentil e inteligência refinada até que muitos, muitos anos se passaram sobre a sua cabeça. Mas, por fim, foi introduzido um elemento estranho no seu reino. Viajantes vindos de longe chegaram por navio à baía, trazendo consigo ideias e costumes desconhecidos. De onde vinham, não disseram. A sua língua não era a dos Atlantes, mas falavam de outros mares e continentes, distantes da costa de Atlântida.

Alguns desses visitantes permaneceram pouco tempo e partiram, outros escolheram permanecer em Humenia e partilhar o destino dos Atlantes, que os acolheram cordialmente. Com o passar dos anos, tornou-se evidente que as ideias desses novos habitantes estavam a exercer uma influência nociva sobre os Atlantes. Iberna convocou o seu povo e advertiu-os de que uma grande catástrofe se avizinhava, pois fora-lhe revelado que as montanhas em breve cuspiriam fogo sobre o continente e que as águas do mar invadiriam a baía, rompendo os seus diques naturais e cobrindo a terra com inundações.

A princípio, o povo escutou com apreensão, mas não tardaram a esquecer os seus avisos, pois os estrangeiros que agora faziam parte da comunidade zombavam das suas palavras. Novamente, Iberna alertou-os, instando-os a preparar-se para deixar os seus lares, a construir navios com os quais pudessem escapar à fúria da tempestade. Mas as montanhas erguiam-se em majestosa serenidade e o mar repousava tranquilo aos seus pés. Não podiam acreditar que o perigo fosse real e desobedeceram ao mestre, que se recusou a abandoná-los.

Assim viveram até à hora do juízo. Era meia-noite quando a tempestade irrompeu. O vento rugia com fúria, as águas da baía erguiam-se como loucas em busca de presa — as montanhas lançavam fogo, como se os céus se tivessem rasgado ao meio — tal foi o cenário que assaltou os sentidos aterrorizados do povo que fugia das suas casas, as quais oscilavam à sua volta e sob os seus pés. A terra tremia, e não sabiam para onde fugir.

Não havia esperança, nem salvação, nem socorro em parte alguma. Subitamente, num relâmpago, vislumbraram a figura de Iberna, vestido de branco imaculado, de pé sobre a cúpula do templo, as mãos erguidas em oração, o rosto iluminado com a luz que nunca foi de terra nem de mar — e, acima da fúria da tempestade, ouviram a sua voz em súplica e bênção, chegando-lhes aos ouvidos aterrados.

Mas, assim como surgiu a visão, assim se desvaneceu, pois uma escuridão intensa cobriu a terra, tão densa que nenhum homem via o rosto do outro, e apenas os gemidos do vento entoavam o réquiem dos condenados e perdidos. Depois, uma descarga, como de dez mil baterias de artilharia; um abalo nos alicerces da terra; a explosão de montanhas em fogo e fumo; o embate de uma vaga colossal — e o entrelaçar dos gritos humanos com o canhão da Natureza.

Então, silêncio e esquecimento — pois um continente e uma Nação haviam sido destruídos. Mas… não, todos os vestígios de um Mundo e de um povo não desapareceram de

imediato, pois **ele**, o Sumo Sacerdote, ainda vivia. Precisamente quando a escuridão se abateu sobre ele, Iberna desceu da sua posição elevada até à base do Templo e, quando a ruína chegou, permaneceu incólume, ainda que cercado por rochedos e colunas que o aprisionaram. Sentia a terra tremer sob os seus pés, mas, sabendo que o seu tempo se aproximava, não desejava escapar, mesmo que tal lhe fosse possível.

A sua única mágoa era pelo seu povo — que nenhum tivesse restado para contar a história dos últimos dias da sua Nação. Contudo, muitos anos antes, quando os estrangeiros haviam chegado — e depois partido — alguns dos jovens de Atlântida tinham optado por acompanhá-los. Supunha-se que encontraram um novo lar, algures no planeta, onde poderiam enxertar os seus costumes e transmitir as suas lendas a outra raça.

Com o tempo, a tempestade amainou, as águas perderam a sua fúria e a lava ardia em negrume sombrio, até extinguir-se. Os dias passaram e Iberna ainda vivia. Então, conseguiu arrastar-se para fora do seu calabouço e olhar para o mar sombrio e inquieto que agora alcançava a própria base do Templo de ambos os lados, sem deixar qualquer vestígio de jardim ou moradia — apenas, ao longe, um solitário pico montanhoso.

O Templo fora construído sobre uma elevação, no centro, mas na retaguarda da cidade em forma de crescente, razão pela qual, embora tudo o mais tivesse sido submerso, a base da estrutura permanecia ligeiramente acima do nível do mar. Contudo, reinava a desolação por todo o lado. Iberna, envolvendo-se nas suas vestes, ergueu-se e, em tom de lamento, chorou pelo seu povo, que por fim dera ouvidos surdos aos seus conselhos e agora já não existia. A sua voz revelou ao vento escutante a dor do seu coração, mas apenas a desolação lhe respondia, fitando-o e zombando em silêncio. Cobriu então o rosto com o manto e voltou ao silêncio das ruínas do templo.

Assim passaram horas, nas quais o Antigo comungava em silêncio com os espíritos planetários do ar — até que novamente saiu. O seu rosto brilhava como o sol ao meio-dia, quando a atmosfera está límpida.

A tempestade recomeçara, e as águas fustigavam as ruínas com força tempestuosa. Estava só — só com a grandeza e a fúria de uma desolação tremenda — mas não vacilava. Estendendo o braço, clamou em tons exultantes, à medida que as águas avançavam sobre ele, varrendo tudo no seu caminho, submergindo tudo sob uma torrente inquieta, arrastando o corpo do velho Patriarca para um túmulo aquático sem fundo.

Aos olhos clarividentes da Terra que o contemplam, o Espírito de Iberna aparece como o sábio e mestre de outrora, de figura imponente e expressão benevolente, tal como se mostrava aos Atlantes nos tempos antigos. Assim também é visto por muitos dos Espíritos das esferas que conhecem a sua obra. No entanto, para certas inteligências mais exaltadas, ele surge como um Ser radioso, banhado em luz solar, cujos raios se espalham em glória por todos os lados.

Nem sempre ocupou a posição elevada que agora é sua — ascendeu esfera após esfera ao longo dos séculos. Iberna, juntamente com a sua contraparte feminina e um grupo de Espíritos planetários afins, é responsável por certas regiões e missões na Terra. A sua

missão inclui trabalhar com sensitivos preparados para colaborar com Inteligências Espirituais ascendidas em obras de bem. Uma parte significativa do seu ofício é orientar e supervisionar o trabalho dos seus discípulos no resgate, formação e elevação dos espíritos apegados à Terra, bem como daqueles que habitam a segunda esfera. Muitos sensitivos da Terra são observados por seres desencarnados — com estes, Iberna e os seus colaboradores laboram para libertar os obsedados e os obsessores, trazendo bênçãos a ambos.

Ele e o seu exército de espíritos inteligentes de diferentes esferas — incluindo mortais — também operam levando forças magnéticas de cura aos enfermos do corpo e da mente, e estimulam as forças psíquicas de muitos sensitivos cujos dons se desenvolvem sob os seus cuidados.

O Antigo aqui mencionado não foi o único Sumo Sacerdote da Atlântida — havia muitos outros espalhados pela terra — mas ele era o génio tutelar da cidade de **Humenia** e dos seus distritos circundantes, e escolhemo-lo como exemplo da sua classe, para que os nossos leitores possam conhecer algo dos seus poderes.

Iberna exerce influência sobre o **Planeta Espiritual** pertencente à Terra, e sobre as **sete esferas** que a rodeiam. Ele e os seus coadjutores mantêm comunhão com espíritos ainda mais avançados, os quais, por sua vez, se relacionam com os Deuses Tutelares.

Uma inteligência como este Sábio Antigo não necessita de morada ou estrutura especial — o universo é o seu lar e os elementos do ar os seus servos, embora tenha templos e moradas de bela conceção e grandiosas proporções à sua disposição, em qualquer região que deseje ocupar.

X

Tais Antigos como Iberna, Cabul, e outros que mencionámos — juntamente com inúmeras outras inteligências que passaram eras nos mundos espirituais — estão preparados para presidir sobre continentes e nações. Sim, até sobre esferas ou Zonas de imensa extensão. São também capazes de viajar de planeta em planeta dentro do vosso Sistema Solar, e comunicar com os espíritos humanos de sabedoria e poder avançados que habitam os mundos espirituais de cada um.

Na **sétima esfera espiritual** que envolve o planeta Terra, encontra-se o magnífico templo mencionado nas páginas iniciais deste relato — obra instantânea de **Cabul**, o Sábio Antigo e operário de maravilhas. No pátio central desse templo ergue-se um santuário glorioso dedicado à **Verdade**, reluzente como o sol sem nuvens e cintilante com o brilho de inúmeras gemas. É neste santuário que os sábios e sábias da sétima esfera — em comunhão com os seres celestiais de mundos superiores — recebem as revelações que lhes são transmitidas.

Num círculo em forma de semi-lua, os sensitivos dispõem-se em posição. A sala fica exatamente no centro do pátio, que por sua vez se encontra no centro exato do templo. O santuário ou altar, com forma de um brilhante Sol, ocupa o centro da sala.

Os sensitivos colocam-se ao redor em semicírculo. O mestre ou Antigo fica no centro. Os seus Oráculos e Sibilas vêm a seguir, dispostos de ambos os lados segundo a sua antiguidade. A sala é intensamente iluminada — não por luz exterior, mas pela luminosidade que preenche tudo e todos nesta Zona — porém, o altar em forma de Sol brilha com mais intensidade que tudo o resto. Os participantes permanecem em silêncio, pois as vibrações de cada um — audíveis ao ouvido espiritual nos países do espírito — não produzem som algum neste momento. Um silêncio profundo preenche o espaço, onde cada alma mergulha e do qual emerge com grande poder de elevação.

Então, ouve-se um som como de muitas vozes, em harmonias doces, que por fim se desfaz em silêncio. Depois, surge uma luz radiante, mais bela do que qualquer pena ou língua poderia descrever — e, de pé no centro dessa luz maravilhosa, vê-se uma figura impressionante. Pode surgir na forma masculina ou feminina. Às vezes, surgem ambos, simultaneamente.

Estes são seres vindos de mundos superiores — talvez da décima ou décima segunda esfera no espaço. Porventura será um ser planetário — um espírito residente em Marte ou Júpiter. Seja quem for, é uma entidade exaltada. O visitante é bem-vindo. Em breve, lindas luzes coloridas — como estrelas — começam a emitir-se da sua mente para a atmosfera. O chefe da sessão sabe que essas luzes são **palavras**, que constituem a linguagem do visitante.

Ele traduz essas luzes numa mensagem de verdade e sabedoria. A certa altura, as luzes aumentam em velocidade, produzindo sons musicais na atmosfera. Um por um, os membros da sessão são tocados por essa vibração — caem em transe. Contudo, mantêm-se conscientes do ambiente. Neste estado, a região superior abre-se à sua visão, e imagens das esferas desfilam diante dos seus olhos psíquicos despertos.

O chefe da sessão não entra em transe. Enquanto os seus assistentes se encontram nesse estado, ele passa as mãos sobre cada um e, à medida que o faz, a cena específica que aquele sensitivo está a presenciar é projetada em belas cores no ar. Esta imagem, por sua vez, é impressa — ainda em cor — sobre folhas de tecido acetinado, quase translúcido e imaculadamente branco, que descem do alto entre o altar solar e a imagem aérea.

Cada visão — sendo uma representação real das esferas superiores — ilustra uma porção verídica da vida além-túmulo. Também simboliza uma verdade grandiosa ou transmite uma lição elevada. Cabe ao mestre da sessão exibir essas imagens aos discípulos do templo, e, se assim desejarem, ao povo da sua região, explicando cada detalhe, para que não sejam ignorantes daquilo a que podem aspirar e daquilo que precisam de conhecer sobre a possibilidade e o desenvolvimento humanos.

Cada folha, de grandes dimensões, uma vez recebida a imagem, é enrolada e desaparece, elevando-se no ar como por magia — embora, na verdade, conduzida até ao seu repouso junto à cúpula do Templo, onde permanecerá até ser usada pelo mestre na sua instrução pública.

Tal como surgiu à vontade do Antigo, assim desaparecerá, para ser chamada de novo pelo mesmo poder mental, sempre que for necessário revelar-se às escolas. Durante todo

esse tempo, o visitante glorioso permanece visível, de pé no ar, com luz a jorrar da sua fronte — o mestre da sessão que controla os trabalhos está sob sua orientação. Seria inútil tentar fotografar este visitante de outro mundo — mesmo com a luz, o ar e a vontade do Antigo — pois, embora esta fotografia mental tenha alcançado um poder notável na sétima esfera, ainda não foi ali aperfeiçoada ao ponto de captar uma presença superna ou um espírito planetário. Algo da sua impressão é, sim, transferida para a folha, mas o resultado será apenas um disco solar — uma luz com todo o esplendor natural das cores e da beleza, mas não uma forma humana.

Cenas como a que foi descrita ocorrem frequentemente. Quando os místicos terminam cada qual a sua tarefa, despertam do transe e, um a um, deslizam para fora do santuário. O Antigo permanece só. Alguns dos místicos que o acompanhavam podem, ou não, ser seres da mesma antiguidade que ele próprio, mas era ele o primeiro em sabedoria, poder e conhecimento. Encontra-se a sós com a presença celestial que o guia.

O Antigo aproxima-se do altar, torna-se envolvido pela luz do seu visitante, é absorvido pela inteligência gloriosa e é transportado por esse poder desde o Templo até às regiões superiores, onde, durante um certo período, entra em comunhão direta com aqueles que estão muito acima de si. Quando regressa ao seu trabalho, no mundo que lhe foi atribuído como campo específico de ação, volta renovado e fortalecido, e caminha entre os seus discípulos como alguém glorificado com uma luz e um poder interiores que nenhuma língua consegue descrever.

Realizam-se também outras sessões no templo, cada uma com manifestações próprias de poder psíquico e sabedoria. Em muitas dessas sessões, uma das Oráculos ou Médiuns femininas, envolvida há séculos nesse tipo de trabalho oculto, de mundo em mundo, é influenciada pelas forças superiores e por seres de estados mais elevados, e, através desses canais, revelações sobre a vida planetária são transmitidas.

As pessoas da Terra que — devido ao seu próprio desenvolvimento psíquico e intuição — pressentem a verdade destas afirmações e estão prontas para as aceitar, poderão perguntar por que razão não descrevemos algumas das visões que esses videntes sublimes testemunham nas suas horas de êxtase nas alturas, ou por que não transcrevemos algumas das mensagens ou ensinamentos que a oráculo transmite aos seus ouvintes que deles devem beneficiar.

Executaríamos essa tarefa com gosto, pois seria uma obra de Amor. Mas é impossível — não existem palavras na linguagem da Terra, nem conceções na mente mortal, capazes de descrever tais cenas e realidades como as que existem nos céus celestiais. E, caso tentássemos retratá-las, nenhuma pessoa no plano terreno conseguiria compreendê-las.

Mas os habitantes da Sétima Zona foram preparados para essas revelações — o seu crescimento, progresso, experiência e educação habilitaram-nos a conceber e compreender estas formas de vida e estudo, que se lhes revelam à medida que estão prontos para as receber, embora muitas das coisas dos reinos superiores lhes permaneçam incompreensíveis até lá chegarem, permanecendo ocultas, tal como os feitos dos Anjos na

Sétima Zona são desconhecidos para a Terra. Cada ser humano na Sétima — tal como nas Zonas anteriores — é chamado a aprender — todos são discípulos e buscadores do conhecimento.

Não há bebés — como o termo é entendido na Terra — nesse mundo, pois estas Zonas são povoadas pelas esferas que as antecedem, mas há muitos que são apenas como crianças no que toca à sabedoria e ao conhecimento — mesmo que todos sejam profundamente eruditos segundo os padrões da Terra — crianças em comparação com os seus sábios mestres e guias, que se alegram ao proporcionar-lhes ensino e instrução à medida que os anos passam.

O crescimento e progresso de uma Alma nos reinos do Espírito é uma marcha gloriosa rumo ao alto, de era em era e de mundo em mundo. Ainda que uma entidade espiritual decida permanecer numa determinada Zona — seja a sexta ou a sétima — durante um ou dez mil anos, a Eternidade está diante de si e sabe que não terá menos tempo para viajar de Zona em Zona do que teve no presente ou jamais teve no passado longínquo. Esta é a glória da Vida humana — ela não pode ser extinta, e, ainda que se sucedam dez mil vezes dez mil idades, a alma vive em poder cada vez mais nobre, para cumprir a obra que lhe foi destinada.

As estrelas brilham no firmamento do céu. O pequeno homem da Terra olha para elas com olhar perscrutador, maravilhado com os seus mistérios e os segredos que encerram. Contudo, até há bem pouco tempo — um instante apenas, se comparado com os anos imensuráveis da vida universal — o homem terrestre via nas estrelas apenas pontos de luz destinados a iluminar o seu caminho na escuridão da noite, como lâmpadas acesas nos Céus pela mão do Infinito, para que pudesse ver por onde andava, acreditando que a Terra era o único mundo habitável de todo o universo e que era o único ser digno da salvação de Deus. Mas as estrelas continuaram a brilhar. Os mundos maravilhosos de luz seguiram o seu curso, sem jamais saberem — nem se importarem — que o homem terreno os via apenas como lamparinas para o seu uso.

Contudo, são mundos, mundos majestosos. Muitos deles são planetas habitados por seres humanos dotados de inteligência e poder. Outros são mundos que ainda não desenvolveram as condições necessárias para sustentar vida humana à sua superfície, mas que, com o tempo, alcançarão um estado evoluído em que poderão abrigar uma humanidade tão bela como as próprias estrelas.

Outros mundos que gravitam no espaço já viveram o seu tempo como planetas habitáveis, e encontram-se agora a atravessar um período de transição, libertando matérias sublimadas e absorvendo da atmosfera, e dos Tutelares humanos que os assistem, elementos elétricos e magnéticos que os revitalizarão e os farão tornar-se planetas espirituais, onde espíritos humanos — que já não pertencem ao universo físico, mas que ingressaram no reino espiritual propriamente dito — poderão encontrar habitação, onde empregarão as suas energias e poderes na construção de novas formas e objetos de vida, para glória do homem.

Outras almas, dessa grande galáxia, que estudam as leis da Natureza e que contactam diretamente com os construtores de mundos e guias planetários, têm-se debruçado sobre o tema da criação dos mundos. Ainda assim, nestas páginas que tratam de Deuses Tutelares e Espíritos Antigos, parece-nos que o assunto deve ser pelo menos mencionado.

Dissemos que, embora cada Zona espiritual seja composta, em parte, das emanações mais subtis do mundo que a precede, combinadas com os elementos magnéticos dos que aí habitam, e em parte da vontade e das forças elétricas dos espíritos planetários, cada Zona, ao ser completada e colocada em movimento como mundo espiritual habitável, é presidida e governada por dois Seres Tutelares ou Deuses — um masculino e outro feminino — que se encontram eternamente unidos como Um só. Também afirmámos que todas as Esferas espirituais pertencentes ao planeta Terra, bem como o próprio planeta e ainda o planeta espiritual, sobre o qual se escreverá mais adiante, são por sua vez presididos por Deuses Tutelares superiores, masculino e feminino, que regem os seus destinos e determinam o seu percurso.

É importante que os mortais saibam que esses Deuses superiores não recebem nenhum nome por parte daqueles que contactam com eles ou recebem comunicações desses poderes elevados — embora estes jamais sejam vistos por qualquer Inteligência que lhes seja inferior em inteligência e capacidade. Ou seja, nunca são vistos como humanos, embora possam ser percebidos psiquicamente como grandes sóis ou discos de luz radiante.

Contudo, esses Deuses Tutelares superiores são seres humanos e, como tal, demonstram a habilidade, energia, persistência, inteligência e poder próprios da humanidade. São anónimos para todos os que lhes são inferiores, pelo que não os podemos nomear com título algum. Já os Deuses que governam cada Zona espiritual, esses sim, são conhecidos por nomes — não apenas pelos seus colaboradores, mas também pelos seus subordinados e pelos mundos que supervisionam.

Não chamamos Supremos aos Seres Tutelares que têm a seu cargo as vinte e quatro Zonas do sistema espiritual de mundos, o planeta espiritual e o planeta Terra combinados, nem aos espíritos Tutelares que governam cada Zona e a cadeia de trabalhadores e servidores dessas Zonas, pois acima deles existem ainda outros Seres Tutelares, mais poderosos e superiores em poder, conceção, habilidade e inteligência — Um Espírito Supremo, Infinito, Omnipotente, Omnipresente — Mente Principal de todos os planetas e sistemas de mundos, cujo corpo é o Universo, e cuja força anímica está concentrada como Luz Eterna no centro desta estrutura colossal. Por isso, apenas o Desconhecido e Inconhecível de todas as existências tutelares e planetárias pode ser chamado o Ser Supremo.

Tocando e fundindo-se magneticamente com o círculo mais externo ou Zona espiritual que envolve o planeta Terra, encontra-se o círculo exterior ou Zona espiritual de outro planeta que se move no espaço — esse belo orbe físico que mais próximo está da Terra, e sobre o qual os mortais tanto sonham e especulam. E assim sucede com os outros planetas do Universo que são habitados por entidades humanas.

Cada planeta possui as suas várias Zonas ou esferas espirituais, estendendo-se uma a partir da outra, cada vez mais para longe nos campos do espaço, sendo que a mais externa de cada uma se funde com o cinturão mais exterior do planeta que lhe é mais próximo nos céus. Do mesmo modo, cada planeta físico possui um correspondente espiritual — ou planeta espiritual — e estes são todos habitados por trabalhadores que laboram em prol dos outros, no vasto campo de ação universal.

Os espíritos que habitam os planos inferiores da vida espiritual não podem visitar outros planetas, nem mesmo as Zonas espirituais de outros planetas. Porém, as entidades humanas oriundas dos reinos superiores podem comunicar com os Espíritos planetários e até visitar outros planetas e as suas Zonas sempre que assim o desejem.

Os Deuses Tutelares que habitam acima da terceira esfera da vida espiritual, assim como os Espíritos Antigos que se encontram para além da quinta esfera, podem visitar e conviver com os habitantes de outros planetas — sejam eles espirituais ou físicos. Alguns são capazes de controlar médiuns nos planetas Marte, Vénus, Júpiter, entre outros, e comunicar informações acerca do planeta Terra e dos seus satélites espirituais. Assim, é verdade que certas inteligências oriundas de outros planetas podem controlar médiuns especialmente dotados e desenvolvidos neste pequeno mundo terrestre, e transmitir informações e sabedoria — de acordo com a capacidade e inteligência dos instrumentos humanos que as recebem.

Na visita aos diversos planetas, os Deuses e os seus colaboradores ou servidores — os Antigos mais avançados — podem deslocar-se a qualquer momento, por mero esforço de vontade e desejo. Porém, há outros espíritos bem informados e evoluídos — pertencentes a esta era moderna — que, em determinadas condições, também podem visitar este ou aquele planeta.

As condições são, em parte, as seguintes: um grupo de homens e mulheres estudiosos, de pensamento e hábitos científicos, deseja — em nome da investigação e do saber — visitar um determinado planeta. É então escolhido como guia um dos Antigos, que já percorreu esse trajeto anteriormente, e poderá ainda ser escolhido um ou dois outros espíritos de carácter semelhante para acompanhar o grupo.

Mas os guias terão de adaptar a viagem às necessidades e capacidades da comitiva, pois estas pessoas não conseguem atravessar os ares planetários por simples ato de vontade. Podem fazê-lo enquanto permanecem nas imediações da Terra, mas não em contacto com os círculos e atmosferas circundantes do planeta que desejam visitar — Marte, por exemplo. Existem correntes elétricas e magnéticas que lhes são desconhecidas e que terão de enfrentar durante a travessia do espaço.

Talvez tenham de aproveitar um período em que o planeta visitado se encontre numa determinada posição ou conjunção com a Terra, ou uma oportunidade em que as forças e correntes elétricas estejam num certo grau de intensidade. Mas chega finalmente o momento ideal: a comitiva parte, cada explorador devidamente preparado para a viagem, e todos felizes com a ideia de que estão realmente prestes a visitar outro mundo.

Não há qualquer perigo para esse grupo, embora possa haver atrasos na viagem ou confrontos com forças atmosféricas adversas ou impulsos elétricos que dificultem o progresso. Mas, como a viagem se processa unicamente por ação da vontade sob a orientação dos guias, o grupo acaba por alcançar o destino em boas condições e com ânimo elevado.

Conhecemos um grupo de exploradores que alcançou o seu distante destino em poucas horas, enquanto outro grupo demorou dois anos no percurso. Contudo, não há registo de qualquer grupo ter perdido um dos seus membros ou ter sofrido qualquer fim desagradável.

O espírito não pode ser destruído. Os elementos que compõem o seu corpo e vestuário são de tal modo elásticos e resistentes que não podem ser esmagados nem alterados por qualquer força volátil ou subtil, pois são, em si mesmos, de natureza igualmente subtil. O espírito, embora esteja constantemente a libertar substância sob a forma de aura magnética, absorve continuamente novos elementos, e não há nem decadência nem acidente no mundo espiritual.

Quando o grupo visitante cumpre o seu propósito e conclui o seu trabalho, regressa ao seu lar, fortalecido em poder e enriquecido em conhecimento.

XII

Embora já tenhamos mencionado nas páginas anteriores o planeta espiritual — contraparte do planeta físico Terra — e que é habitado por milhões de seres humanos inteligentes e progressivos — com graus de cultura, refinamento, crescimento e poder equivalentes aos vários habitantes das Zonas espirituais que vão da quarta à sétima inclusive — todos eles dedicados ao trabalho humanitário, filantrópico, ou em formação para tal, pouco dissemos ainda sobre esse mundo, sendo agora importante abordá-lo com mais detalhe.

Afirmámos que cada Zona ou cinturão espiritual foi criada segundo as necessidades humanas, por e para os seres humanos. O primeiro ou mais inferior desses cinturões é constituído pelas emanações e eflúvios dos seres humanos mais sombrios e primitivos que nele habitam. Contudo, essa esfera escurecida não possuía tal carácter há cerca de doze mil anos, pois antes disso não existiam seres humanos na Terra que emitissem as emanações que agora a compõem.

Os primeiros seres humanos da Antiguidade eram menos selvagens, mais refinados e espirituais do que muitos dos que hoje pertencem às classes mais elevadas da civilização. Ainda que muitos dos habitantes do antigo Egipto fossem simples e sem instrução, o segundo plano espiritual foi criado para aqueles que se elevaram e se purificaram dos elementos do primeiro, e assim sucessivamente, como já antes foi descrito.

O planeta espiritual, que acompanha em marcha o seu protótipo físico, foi criado pouco depois de o planeta Terra ter sido formado. Os Deuses Tutelares e os Espíritos Planetários oriundos de planetas mais antigos do vosso sistema solar reconheceram a necessidade de um mundo para o qual as entidades espirituais dos seres humanos destinados a habitar a

Terra — não só na Atlântida Antiga, mas mesmo antes dessa grande civilização — pudessem passar após a morte física.

Estes Deuses e seres planetários foram instrumentos ativos na formação da Terra e no seu lançamento na órbita cósmica. O Sol, ao emitir radiações de substância luminosa, forneceu o núcleo do planeta Terra, mas esse núcleo teve de ser carregado com força elétrica e reforçado com elementos magnéticos vindos de inteligências humanas conscientes. Coube aos Deuses e seres planetários — como agentes da força omnipotente e da Luz Central — executar essa tarefa. Sob a sua administração e labor, a Terra foi formada.

Depois de vaguear e rodopiar no espaço durante eras, o planeta alcançou um estado de equilíbrio que lhe permitiu seguir a sua órbita com mais regularidade. Nesse ponto, começou a gerar forças e a criar condições que viriam a fornecer as propriedades essenciais para a sustentação da vida humana.

Foi também por essa altura que o planeta começou a emitir uma aura mais fina e etérea do que a anterior — esta última sendo densa e escura, envolvia o planeta como uma nuvem, constituindo o material de base para a criação da primeira esfera ou Zona dos Espíritos humanos, que só muitos séculos mais tarde viria a ser completada pelas emanações das criaturas mais cruas que nela viveram as suas primeiras experiências como espíritos desencarnados.

À medida que a Terra continuava a gerar e a emitir uma aura física mais subtil, os Deuses Tutelares e os Espíritos Planetários aplicaram as suas forças aos elementos refinados, adicionando-lhes o seu próprio fluido luminoso e magnético, até que se formasse o núcleo do Planeta Espiritual. Sopram sobre ele, infundem-lhe poder e força, vitalizam-no com a sua própria vida magnética, trazendo-lhe substância solar fornecida pelo Sol Espiritual — pois existe uma contraparte espiritual do vosso Sol físico, assim como de cada planeta do sistema — e esses obreiros celestes trabalharam nesse novo planeta espiritual até que estivesse completo na sua forma e natureza, pronto para ser habitado por entidades humanas espirituais inteligentes e progressivas.

Embora seja iluminado pelos raios solares do Sol Espiritual durante certas fases da sua existência, nunca se encontra em completa escuridão, nem qualquer parte desse planeta espiritual é dominada pelo frio ou pela treva. Quando a luz solar se retira de alguma região dessa esfera etérea, pode-se dizer que essa zona atravessa um período correspondente à vossa noite, mas esse período dura talvez apenas algumas horas. Durante esse tempo, quem desejar pode mergulhar num sono magnético, semelhante ao sono mortal, mas que não precisa de durar mais do que uma ou duas horas, pois é tão vitalmente restaurador e revigorante, que rapidamente repõe as energias esgotadas ou confere novos elementos magnéticos ao corpo fatigado.

Aqueles que geralmente necessitam entrar nesse estado de sono magnético são os adultos que cederam grande parte da sua força magnética ao serviço dos outros, seja na Terra, seja nos planos inferiores da vida espiritual, e também as crianças pequenas.

Enquanto se encontram nesse estado adormecido, o indivíduo é protegido e magnetizado por outros seres que lhe infundem nova força e vigor.

Mas nunca há escuridão em qualquer parte do planeta espiritual, pois este é em si tão luminoso que não depende do Sol, da Lua ou das Estrelas para luz, nem, aliás, para calor, dado que a sua atmosfera é uniforme e amena, ao mesmo tempo que revigorante.

Cada objeto ali existente — árvore, flor, montanha ou mar, templo ou habitação — bem como cada homem, mulher e criança, e ainda as poucas formas eterizadas de vida animal que habitam o planeta espiritual, emitem também uma luz peculiar que ilumina toda a atmosfera em redor — e, por isso, não pode haver ali qualquer sombra.

A luz interior tem uma qualidade elétrica, suavizada pelas emanações do magnetismo refinado gerado pelos seres humanos daquele mundo. As flores e outros produtos da Natureza são, na sua maioria — mas não exclusivamente — alimentados e iluminados pelo magnetismo e pela luz irradiada pelos seus cuidadores e jardineiros humanos, todos eles estudiosos da química e de outras leis científicas.

Quando a luz solar é retirada de qualquer parte do planeta espiritual, essa localidade assume uma luz suave e refulgente, bela e apaziguadora, mas ainda assim tão brilhante quanto a luz de um dia de Verão na Terra, cerca de uma ou duas horas antes do meio-dia.

Por vezes, embora raramente, formam-se nuvens suaves e fofas, e uma chuva ou névoa leve desce, velando a luz e fazendo com que tudo adquira um aspeto rosado e enevoado. A chuva não fere nem incomoda ninguém — apenas oferece uma nova sensação de frescura e alento — e, mal cessa, tudo retoma o seu aspeto sem qualquer vestígio de perturbação ou tempestade. Muitos dos habitantes mais antigos ou experientes não necessitam de dormir nem de alimento externo.

Encontram repouso e recuperação numa mudança de pensamento ou de atividade temporária. Por vezes, recolhem-se em solidão por uma hora, afastando-se de todas as forças e contactos, entrando no grande silêncio da Alma, podendo ou não, conforme o seu desejo, comunicar com seres inteligentes dos mundos superiores.

Frutos de várias espécies e qualidades, repletos de propriedades nutritivas, crescem em abundância neste mundo espiritual. Estes constituem a principal fonte de alimento para os que ainda necessitam de sustento.

Alguns espíritos também produzem uma bebida semelhante ao Néctar, a partir de sumos de fruta e essências de flores. Os frutos não contêm sementes nem fibras grosseiras — a sua pele é fina e translúcida — e o fruto inteiro é absorvido pelo organismo espiritual, sendo os seus resíduos lançados como emanações impalpáveis do corpo espiritual, as quais são novamente absorvidas pela atmosfera e transferidas para os frutos ou flores em crescimento como elementos nutritivos. A Natureza, tal como na Terra, é económica e ativa — uma utilidade sábia e delicada marca todas as suas obras.

Dissemos que muitos dos habitantes do planeta espiritual nem comem nem dormem. Ainda assim, são revitalizados e nutridos, em parte pelos elementos de força e nutrição que

sabem absorver da atmosfera, e em parte pela força magnética que recebem de entidades espirituais guardiãs das raças humanas mais antigas. O planeta espiritual foi criado e declarado bom; Espíritos Planetários guardaram-no até que fosse necessário para servir de morada aos seres humanos oriundos da Terra.

Antigos de Atlântida e de outros lugares ascenderam até ele após a sua morte física; ali criaram lares, fundaram templos, plantaram jardins, estabeleceram parques, abriram escolas e levaram a cabo uma existência de carácter quase nacional. Aí entraram em contacto com espíritos planetários e aprenderam com eles.

Com o tempo, esses Antigos voltaram a interessar-se pela Terra; alguns regressaram voluntariamente e reencarnaram, outros não. A Terra foi-se tornando habitada por novas raças ao longo dos tempos, e as várias Zonas ou cinturões em seu redor foram-se formando, conforme já se narrou.

À medida que cresceu a necessidade de mais cinturas ou Zonas, cada uma foi sendo criada e povoada. Alguns dos seres que habitavam o planeta espiritual mudaram-se para a quinta, sexta e sétima Esferas. Outros permaneceram no seu lar original. Estes podem deslocar-se à vontade até à Terra, bem como a qualquer parte das Zonas abaixo da sétima. Muitos podem viajar até outros planetas, acompanhados por guias planetários.

O planeta espiritual recebe constantemente novos habitantes oriundos da Terra. Mas, como dissemos, apenas entidades progressistas, humanitárias e laboriosas ali chegam. As crianças pequenas são frequentemente levadas para lá após a morte física, para serem formadas como mensageiras ou trabalhadoras, mas apenas aquelas que os guias inteligentes daquele mundo reconhecem possuir os elementos e talentos necessários para esse tipo de missão.

Outras crianças que partem da Terra são levadas para uma das Zonas entre a segunda e a quarta, mas nenhuma é encontrada na esfera mais escura.

XIII

Embora haja muitos Antigos no planeta espiritual — alguns dos quais têm residências em várias partes das Zonas superiores, enquanto outros fixaram morada nesse planeta etéreo — há também muitas entidades espirituais que partiram da Terra nos últimos anos, e novas adições à família humana nesse mundo continuam a ocorrer, dando lugar a que os recém-chegados se tornem trabalhadores diligentes e entusiastas em causas humanitárias.

Frequentemente, inteligências deixam esse planeta para se estabelecerem na quinta ou em esferas mais elevadas, de acordo com a sua escolha e atração. Os Antigos que permanecem no planeta espiritual servem como videntes, mestres e guias das almas avançadas de elevada inteligência — almas que, nos últimos séculos, viveram como trabalhadores filantrópicos e patrióticos na Terra. Trabalham também em conjunto com médiuns e almas reformadoras que, no plano terrestre, se esforçam por fazer o bem ao próximo.

Embora não existam crianças pequenas no primeiro e mais escuro plano da vida espiritual — pois nenhum desses pequeninos, por mais humilde ou degradada que tenha sido a sua origem terrena, gerou elementos densos e sombrios suficientes para os prender — também não existem crianças nas Zonas superiores à quinta, pois a partir dessa Zona, a existência depende de cultura, crescimento intelectual, ação inteligente e capacidade de realização, e ninguém pode ascender aos reinos superiores sem ter avançado nos estudos mais elevados da vida.

Contudo, há inúmeras crianças no planeta espiritual — pequenos que são levados para lá no momento da sua morte física, e que possuem dentro de si os elementos de serviço útil tão fortemente marcados que podem ser formados como mensageiros, guias, auxiliares especiais e guardiões dos seres humanos na Terra — e também como auxiliares e trabalhadores entre os habitantes do plano inferior. É um erro pensar que qualquer amigo ou parente vosso que cuide de vós — ó mortais — e a quem amais, está automaticamente apto, só por ter passado para outro mundo, para ser vosso guia ou protetor. Para tal função é necessária preparação e aptidão especiais, tal como na Terra o são para um soldado, professor ou guia, segundo a sua vocação.

É verdade que existem muitas entidades espirituais que vos amam e desejam abençoar — sentem as vossas alegrias e dores e desejam ajudar-vos ou aconselhar-vos. Contudo, a influência e os conselhos desses amigos podem ou não ser sábios e prudentes — mesmo que bem-intencionados — e, por isso, podem revelar-se benéficos ou prejudiciais, conforme a sua natureza. Os Espíritos Antigos compreendem bem esta realidade, e estão profundamente envolvidos na formação dos nossos filhos e dos acompanhantes espirituais dos mortais — especialmente quando estes últimos são sensíveis ou médiuns que dependem, em maior ou menor grau, da orientação dos seus amigos invisíveis.

Quando uma criança — desde os primeiros anos de vida — parte do corpo mortal, pode ser levada para o planeta espiritual e imediatamente colocada numa creche, jardim-de-infância ou numa escola adequada à sua formação, ou ainda ser entregue aos cuidados de uma mulher gentil e amorosa, e no seu lar ser rodeada de tudo quanto é belo e doce, onde o seu ensino começa de imediato. Em alternativa, pode ser conduzida por cuidadores e guias a qualquer uma das esferas — consoante as suas necessidades — da segunda até à quinta Zona, inclusive.

Por exemplo, uma criança da Terra pode nascer de progenitores marcados por uma herança de doença moral. Tal ser necessita mais dos cuidados de um médico magnético e de uma enfermeira carinhosa do que de estímulo mental. Na segunda esfera, poderão existir parentes ou amigos da criança que sofreram e superaram o plano inferior e que se encontram a conquistar o direito a um lar numa Zona mais elevada, através do seu desejo de fazer o bem.

Tal pessoa pode acolher a criança no seu lar encantador, onde esta receberá os cuidados de um médico — vindo de um reino superior — especializado nestes casos. Ou então, a criança pode ser levada para um dos jardins de infância ou sanatórios aí estabelecidos, onde receberá os cuidados e tratamentos de que necessita, e sob os quais prospera, cresce

e logo se torna apta a ser conduzida à terceira Zona, onde jardins-de-infância e escolas de formação estão ao seu dispor, e onde um belo lar a aguarda. Ao passar para o plano superior, essa criança será acolhida por um parente ou amigo que também ascendeu a esse plano por estar preparado para o mesmo.

Ali poderá atingir a maturidade, ou poderá ascender à quarta Zona ainda jovem, dependendo das circunstâncias e das qualidades inatas. Outras crianças, com um grau mais elevado de inteligência e sensibilidade moral herdada, podem passar diretamente à terceira ou quarta Zona após deixarem a vida terrena. As crianças do planeta espiritual correspondem, em termos de inteligência e consciência moral, às da quarta e quinta Zona, podendo continuar a sua jornada pelas esferas a partir desse ponto, se forem conduzidas e guiadas por almas de sabedoria madura.

Os lares da segunda Zona são simples, cuidados e agradáveis — semelhantes a acolhedores chalés terrestres, com jardins floridos e campos férteis em redor. Os sanatórios, jardins de infância e retiros de saúde utilizam a música, o magnetismo e o amor suave como agentes terapêuticos. As habitações e outras estruturas da terceira Zona são mais belas, e os jardins mais amplos e artisticamente dispostos do que os da segunda — e assim sucessivamente.

A casta e a posição nos reinos espirituais são determinadas pelos graus de inteligência, sabedoria e labor humanitário. Ninguém pode alcançar a beleza da forma e da expressão, nem as harmonias e ambientes encantadores dos reinos superiores — dos quais o planeta espiritual faz parte — se não estiver preparado para neles se integrar. A condição, posição e graus dos diversos reinos da vida espiritual demonstram que uma sabedoria elevada e inteligência avançada os conceberam e criaram. E embora o mais alto de todos os poderes — Omnipotente e Omnipresente — tenha delineado e concebido a obra, os seus detalhes e características foram desenvolvidos sob a orientação e influência dos Deuses Tutelares, enquanto os seres planetários e os chamados Espíritos Antigos desempenharam papéis fundamentais na sua execução global.

O planeta espiritual, sendo uma contraparte — embora eterealizada — da Terra física, assemelha-se-lhe em muitos aspetos, especialmente na paisagem natural, com montanhas, oceanos, rios, lagos, continentes, ilhas e outras formações terrestres. Também nos seus frutos e vegetação, embora não exista ali qualquer matéria ou substância animal ou vegetal grosseira — tudo é sublimado e refinado. Os templos, escolas e colégios são edifícios belíssimos — alguns deles majestosos e grandiosos além de qualquer descrição — e são especialmente magníficas as galerias de arte e os templos de música.

Muitos dos bosques encantadores ali existentes são escolhidos como locais de reunião do povo, e muitas vezes esses recantos do jardim da natureza ecoaram com os pensamentos sublimes e ensinamentos de espíritos sábios e grandiosos do mundo imortal. A vida ao ar livre é muito mais comum ali do que a vida no interior das habitações. Ainda assim, cada família, ou cada corpo associativo — pois ali existe vida comunitária tanto quanto familiar — possui a sua morada, cada uma delas decorada segundo o gosto e o desejo dos seus habitantes.

Não há igrejas no planeta espiritual, nem se observa o Domingo como dia especial. Cada dia é considerado bom e sagrado, e, de facto, o tempo não é medido ali segundo os mesmos períodos e ritmos da Terra.

Na segunda Zona existem algumas igrejas modestas, onde certos habitantes se reúnem para adorar Deus, pois muitos ainda não conseguiram libertar-se da ideia de um ser pessoal, na forma de um homem gigantesco sentado num trono literal, em torno do qual se poderiam reunir para entoar-lhe louvores eternamente. Contudo, à medida que continuam a praticar o bem e se preparam para ascender a um plano superior, perdem essa visão limitada de Deus e da eternidade, para a substituir por uma compreensão mais ampla e clara da verdade eterna.

No primeiro e mais obscuro mundo espiritual, há muitos fanáticos — católicos e de outras crenças — cujas convicções dogmáticas eram tão extremadas que estariam dispostos a queimar na fogueira ou torturar todos os que divergiam das suas ideias religiosas.

Pode levar anos ou mesmo séculos para que tais mentes rígidas, dogmáticas e até cruéis se libertem das suas antigas condições. Entretanto, continuam tão desejosos de doutrinar e manter a autoridade da igreja na Terra como sempre estiveram. Às vezes, causam tanto mal pela sua influência sobre os mortais que são forçadamente levados sob custódia por inteligências mais avançadas e colocados sob restrição até que possam ser ensinados e guiados pelo seu próprio desejo desperto de aprender.

Na segunda esfera já não existem tais fanáticos, embora ainda haja muitos que preservam uma reverência pelas doutrinas teológicas e se regozijam por se unirem aos seus amigos na Terra em atos de culto e na celebração do Sábado.

Na terceira Zona, muitos ainda observam o Domingo — não por atribuírem a esse dia um valor religioso superior aos demais, mas por acreditarem que é benéfico — sobretudo em termos morais — reservar um dia por semana para descanso das tarefas manuais e cultivo das qualidades espirituais. E, mesmo nos reinos mais elevados, muitas almas nobres compartilham essa ideia.

XIV

Há método e previsão, desígnio, ordem e a mais sábia inteligência na obra e missão dos Antigos altamente avançados. Aqueles que vivem em contacto com as forças e elementos do ar e das esferas há mais de vinte mil anos possuem um poder de previsão e preordenação de magnitude impressionante.

Conseguem perscrutar os séculos vindouros e não só calcular o que ocorrerá na Terra, como também influenciar para que tal aconteça. Os Deuses Tutelares que orientam o planeta Terra e supervisionam o seu desenvolvimento e trajeto geral não lidam com os pormenores dos assuntos dos homens ou das nações.

Os seus agentes, designados ou eleitos para essas tarefas, são os Espíritos Planetários e os Antigos que com eles colaboram. São estes poderosos seres que aplicam as suas forças

para promover o progresso da humanidade na Terra, ajudando a conduzir o mundo a um nível mais elevado de desenvolvimento e crescimento.

As entidades espirituais encarregadas de uma parte específica do globo — tomemos como exemplo a América — podem determinar que, para o melhoramento e formação dessa nação, é necessário que nasça dentro das suas fronteiras um líder que esteja à frente do seu tempo, alguém capaz de introduzir novas ideias e ideais elevados ao povo.

Alguém com coragem para manter as suas convicções, que permaneça firme perante a verdade tal como a compreende, e que, sem hesitação, defenda sempre os princípios superiores de justiça e fraternidade em oposição às forças inferiores da opressão e ganância. Um ser que, mesmo perante o martírio, caminhe com alegria para o seu destino, sabendo que, na própria execução da sentença imposta pela tirania ou pelo fanatismo, brotará um sentimento público que abrirá caminho a uma liberdade mais grandiosa para a humanidade e a uma justiça mais nobre na condução das nações.

Sentindo a necessidade do advento de tal líder, os Antigos planeiam e preparam o seu surgimento, exercendo influência e correlacionando forças até que, com o tempo, esse nascimento se concretize. Talvez os seus poderes tenham de ser exercidos sobre uma geração após outra, antes que se formem as condições adequadas para o nascimento de uma entidade que possa — e queira — responder à influência do espírito e manifestar as qualidades e princípios necessários à plenitude da personalidade requerida.

Mas as forças são postas em ação, e, com o tempo — mesmo que leve cem anos — as condições são moldadas e as circunstâncias produzidas para que o ser humano venha ao mundo. Este é, pois, o resultado da preordenação — ou predileção — por parte dos espíritos-mestres das esferas superiores.

O indivíduo por eles planeado e trazido ao mundo tem, em grande parte, a sua experiência de vida delineada, o seu percurso traçado. No entanto, mantém um certo grau de livre-arbítrio — pode escolher o seu caminho, os instrumentos que irá utilizar, os métodos com que os manuseará, bem como as escolas de formação em que há de desenvolver a sua missão.

Ao longo das eras, muitos tais seres nascem na Terra. Na América, George Washington foi um deles. Também o foi John Brown, cuja trágica morte despertou milhões de almas contra o sistema de escravidão. Também o foi Abraham Lincoln, o homem certo para o seu tempo e para a segura condução de uma nação. E assim muitos outros, mais ou menos célebres. Todos surgiram no momento necessário, colocados em ação sob a influência de guias invisíveis que já os haviam assinalado e preparado.

Do mesmo modo, a ascensão, desenvolvimento e até declínio das nações são conhecidos antecipadamente — e mais ou menos influenciados — por inteligências humanas conscientes que habitam as esferas da sabedoria. E pouco lhes importa se a obra ou os seus resultados finais forem adiados por um século — tudo é o mesmo, pois sabem que, eventualmente, o trabalho prosseguirá até ao sucesso.

Embora estas Inteligências Superiores nutram ternura por indivíduos que estão a ganhar experiência na Terra, não permitem que os caprichos de um ou de alguns interfiram com a sua obra. Se um, dois ou qualquer número de seres humanos se colocarem no caminho do progresso da humanidade, são removidos ou postos de lado. O bem do maior número é considerado prioritário, o bem-estar e iluminação do povo são mais importantes do que o conforto de um ou de poucos — e, por isso, o bem maior é sempre perseguido, mesmo que indivíduos sejam crucificados no processo.

De um ponto de vista superficial ou pessoal, isto pode parecer cruel. Mas a partir de uma perspetiva mais elevada — que mede tudo pela necessidade e progresso humanos — revela-se como a forma mais grandiosa de lidar com os assuntos da vida, pois visa o bem universal, em vez do bem individual.

Procuremos compreender a ideia de muitos seres humanos exaltados, tão antigos como a própria antiguidade e tão sábios quanto os deuses, que exercem os seus poderes sublimes como mestres e guias das nações, e como guardiões dos assuntos importantes que afetam a humanidade. Compreendamos que, em todo o universo, jamais se perde uma única entidade, e que todos os que alguma vez viveram como seres humanos individualizados e ativos — mesmo no passado mais remoto — continuam a existir algures, como fatores essenciais na conclusão do universo e na perfeição de uma cadeia de fraternidade comum.

Mundos sobre mundos existem para esses seres, e alguns deles estão tão avançados em força e poder de vontade que, se um mundo fosse necessário, bastar-lhes-ia reunir as nébulas da atmosfera estrelada, soprar sobre elas e, com os seus elementos magnéticos e fluidos, aumentar a sua densidade e capacidade de expansão, moldando-as num mundo vivo.

Os planetas respiram tão seguramente como os homens, os animais e as plantas. E à medida que são lançados no universo para seguirem o seu curso, desenvolvem uma inteligência que lhes é implantada pelos Deuses Tutelares e pelos Antigos responsáveis pelo seu nascimento e crescimento. Cada planeta possui uma natureza física e psíquica, tal como o ser humano. Enquanto a parte física desenvolve os seus poderes e propriedades, a psíquica evolui de igual modo, libertando emanações de força eterealizada que são utilizadas por entidades espirituais em novos mundos ou em projetos complementares.

Milhares e dezenas de milhares de anos passam — elevando-se às centenas de milhar — enquanto entidades humanas de planetas que já orbitavam no espaço muito antes de a Terra ser sequer concebida no ventre da criação planetária, viveram e lidaram com as forças da Natureza com a mesma destreza com que hoje um artífice maneja as ferramentas nas mãos. Outras entidades humanas que habitaram este planeta há eras atrás entram em contacto com esses seres planetários e são por eles instruídas. Os séculos passam, os homens nascem na Terra, vivem o tempo que lhes é atribuído e partem. Entram no grande mundo espiritual. Continuam a ser entidades humanas individualizadas.

Mas não por muito tempo são conhecidos pelos nomes e títulos pelos quais eram chamados na Terra. Por alguns séculos, talvez — mais ou menos — mas logo isso passa, e à medida que os egos humanos são transportados para esferas e condições superiores, os

assuntos que outrora lhes pareceram de importância gigantesca na Terra tornam-se insignificantes, memórias remotas de valor limitado.

Até os nomes por que eram conhecidos são deixados para trás, e podem mesmo ser esquecidos. Quem, após cinco ou mil anos de avanço espiritual, desejará ser chamado de João Pereira ou de António Silva, ou usar o título de Coronel Rocha ou General Azevedo? Não — esses são apenas acessórios de uma etapa de existência, parte das vestes que o homem usava, mas não o homem em si. E, à medida que ele transcende não só essas vestes como também a era e o estilo a que pertenciam, tudo isso se desfaz naturalmente, como o pó da estrada ou as folhas das árvores que se afastam do pássaro que sobe aos céus em voo livre.

Mas os filhos da Terra agarram-se aos seus velhos nomes, hábitos e costumes. Parece-lhes que perderão a própria identidade e características individuais se não o fizerem. No entanto, à medida que o espírito progride da terceira ou quarta Zona para a quinta e além, passa a encarar a vida com uma visão mais ampla e clara, e reconhece que o Universo é, afinal, o seu glorioso lar. Assim, os velhos hábitos e nomes desvanecem-se, e a nova vida — como uma veste de beleza, onde está inscrito o nome adquirido e adequado ao estado superior — envolve o espírito progressivo com força e luz.

Os Espíritos Antigos apenas agora começam a ser compreendidos e apreciados por uns poucos seres intuitivos da Terra, embora existam muitos médiuns que são iludidos pelas forças que habitam os planos inferiores, e que os psicologizam para se mostrarem como se fossem grandes potentados ou Mestres Antigos de imensa sabedoria e habilidade. E, por um tempo, esses enganadores conseguem desviar os seus seguidores — que acreditam estar a ser guiados por espíritos de elevada sabedoria. Mas, cedo ou tarde, a máscara cai — o poder psicológico do impostor enfraquece — e ele é revelado tal como é: um ser obsessor e preso à Terra, que se diverte a iludir os seus semelhantes.

XV

Nas páginas anteriores falámos do nascimento do homem no planeta Terra, mas houve um tempo no passado remoto em que o homem ainda não encontrara habitação nem nome sobre o globo. Durante longas eras após o planeta ter sido lançado no espaço, sob a orientação e o poder dos seus Deuses Tutelares e dos seus co-trabalhadores, os processos de desdobramento e evolução da vida prosseguiram no seu interior e à sua superfície, antes que pudesse estar preparado para ser morada de seres humanos. No entanto, durante todas essas eras, já existiam seres humanos inteligentes em muitos outros planetas que giravam no espaço. Esses planetas possuíam igualmente as suas Zonas e contrapartes espirituais, habitadas por entidades espirituais inteligentes, poderosas e sábias para além da compreensão do intelecto terrestre.

Parece agora oportuno que nos debrucemos um pouco mais sobre estes seres Tutelares e espíritos planetários, embora estes escritos não se dediquem especialmente aos planetas mais antigos do vosso sistema solar, nem aos mundos físicos ainda mais velhos e avançados para além do sistema que inclui a Terra.

Os Deuses Tutelares do Universo são inteligências humanas que evoluíram de planeta em planeta, de sistema solar em sistema solar, ao longo de inúmeras épocas e eras da vida planetária. No seu progresso e poder tornaram-se quase infinitos, embora ainda subordinados e inferiores à Inteligência Suprema de toda a Vida — como o são todas as criaturas viventes. Ou seja, os altos funcionários que, em pares, controlam a evolução, o crescimento e os assuntos gerais de um planeta — como a Terra ou Marte — bem como de todas as suas Zonas espirituais e satélites, são graduados de inúmeros planetas e sistemas.

Já os seres tutelares que, em pares, governam apenas uma única Zona ou cinturão da vida espiritual — que é também um mundo — não possuem esse mesmo grau de exaltação, sendo graduados de apenas um planeta e das suas vinte e quatro ou mais Zonas espirituais. Ainda assim, até mesmo estes pareceriam todo-poderosos e sublimes aos olhos dos mais eruditos e grandiosos entre os homens da Terra, caso estes pudessem entrar em contacto inteligente com eles.

Os seres humanos de outros planetas, que viveram e evoluíram muito antes de a Terra ter sido criada, naturalmente demonstraram interesse na formação e desenvolvimento deste novo mundo. Os seus Deuses Tutelares e patrocinadores estavam profundamente envolvidos no seu crescimento e, tendo planeado e ajudado a preparar as condições para o advento dos seres humanos, julgaram desejável trazer à Terra um poder humano que, por canais materiais, pudesse ajudar a magnetizá-la e infundir-lhe uma força vital que partilhasse do físico e do psíquico — como produto da inteligência e da vontade humanas.

Nessa época, a lei da reencarnação ainda não existia — pois não havia necessidade dela. Tampouco os germes da Alma — mencionados anteriormente como pontos de luz — haviam sido introduzidos na matéria do planeta Terra, pois naquela fase as condições da matéria ainda não estavam preparadas para os receber.

Ao contemplarem a sua obra na construção de um mundo, os Deuses Tutelares declararam-na "Boa", mas reconheceram a necessidade de implantar magnetismo humano na sua superfície.

O desígnio dos Tutelares superiores era preparar a Terra para que, ao longo das eras, desenvolvesse sobre si uma vida consciente, sensível e também intelectual — um tipo de vida capaz de cultivar memória, inteligência e atividade racional. E tal desígnio nunca foi abandonado.

Contudo, consideraram também desejável gerar no jovem planeta um tipo de vida humana que compreendesse as leis da evolução e colaborasse com as forças Tutelares e planetárias no desenvolvimento de um tipo elevado e nobre de humanidade, a partir dos elementos inferiores do globo.

Foi assim que determinados espíritos planetários consentiram em tomar para si os trajes da matéria e descer do seu elevado estado vibratório até ao plano inferior da Terra, a fim de participarem da sua formação e do desenvolvimento da família humana. Sob orientação espiritual sublime, companhias de seres inteligentes — homens e mulheres —

desceram à Terra. Não todos no mesmo local, mas distribuíram-se por diversas regiões do globo.

Cada companhia era acompanhada por uma comitiva de seres elevados e poderosos, que guardavam constantemente cada entidade que havia escolhido tornar-se habitante da Terra. Não nos será possível descrever com precisão como estes seres materializaram corpos para si próprios, formados em parte pelos elementos mais finos da Terra, mas sobretudo pelas substâncias espirituais fornecidas pelos seus guias planetários. Mas assim foi: cada um deles passou a possuir um corpo forte, poderoso, gracioso e belo, adaptado ao seu lugar e missão. Tampouco nos é possível descrever como cada um formou os seus laços, ou estabeleceu um lar no meio do deserto ou junto às águas selvagens.

Mas tudo isso foi realizado. Cada homem escolheu para si uma companheira — ou melhor, cada par de seres masculinos e femininos que já eram contrapartes planetárias, uniram-se naturalmente e estabeleceram o seu lar. Sob a influência, emanações magnéticas, forças elétricas e poder de vontade destes seres materializados — bem como dos seus guias e auxiliares planetários — o ambiente em redor dos seus lares transformou-se.

As águas recuaram, formando apenas lagos ou cursos de rio, cujas margens — como as do Nilo — se tornaram verdes e férteis, repletas de vida. A terra em redor perdeu os seus vapores nocivos e tornou-se exuberante, com vinhas floridas e arbustos, bem como árvores de fruto, cujos produtos eram alimento suficiente para esses viajantes planetários que haviam assumido corpos terrenos e ali vinham para permanecer.

XV

E assim, sobre o planeta Terra — que ainda oscilava no espaço como um globo inacabado e em vias de desenvolvimento — começaram a surgir zonas de beleza e fertilidade, onde seres humanos podiam viver com facilidade e conforto. Esses espaços-jardim estendiam-se por milhas, oferecendo uma vasta área de utilidade aos que se tornaram jardineiros e agricultores. Lares foram fundados, as funções geradoras da vida exercidas, relações familiares estabelecidas, escolas e templos erguidos, e sistemas comunitários de vida humana iniciados. Se se pode falar de "criação especial" como sendo este o processo que trouxe o homem à Terra, então pode-se verdadeiramente afirmar que foi essa criação especial a causa e o princípio da existência das entidades humanas sobre o planeta.

Sob essa lei e vida planetária, nasceram e foram educadas crianças que, por sua vez, formaram famílias e ensinaram aos seus descendentes a sabedoria superior. Entretanto, o planeta como um todo continuou a evoluir as suas diversas condições e fases de existência, passando de era em era, gerando os seus sucessivos tipos de desenvolvimento, até alcançar o momento em que, a partir do animal, evoluíram os tipos inferiores da vida humana.

Pois, à medida que as formas animais entregavam os seus elementos vitais e deixavam de expressar-se como espécies, esses elementos de vida ganhavam força suficiente para permanecer na atmosfera como pigmeus e elementais. Estes eram então atraídos pelas formas de vida superiores que a natureza preparava para a Terra, como os tipos mais baixos de humanidade que poderiam desenvolver-se a partir do estado terrestre.

Esses elementais entraram na atmosfera e forma humanas, e tornaram-se criaturas vivas que, por fim, avançaram para um estado superior, renascendo como tipos mais elevados de seres, pois haviam desenvolvido consciência e vitalidade espiritual ao serem possuídos e preenchidos pelo Germe da Alma, que aguardava a sua absorção e expansão.

Todo este processo levou eras a concretizar-se. Contudo, durante esse tempo, as famílias dos habitantes planetários trabalhavam ativamente, instruindo e guiando não apenas os seus semelhantes, mas também as formas mais baixas de vida consciente mortal que iam surgindo. Assim foi que o homem primitivo — antes mesmo do homem das cavernas ou do caçador tribal — revelou uma inteligência, refinamento e poder que o ligavam aos Deuses.

Enquanto isso, a Terra, como planeta, continuava a laborar para estabelecer as condições apropriadas ao nascimento e direito de nascimento do homem que seria verdadeiramente um filho do planeta — sendo que os povos mais antigos eram, afinal, filhos de outros mundos. Ainda assim, também eles, milhões de anos antes, haviam sido evoluídos a partir das formas inferiores de vida noutro qualquer globo, tal como acontecerá com os seus sucessores na Terra.

XVI

E assim as eras continuaram a fluir, e o planeta Terra atravessou, uma após outra, diferentes fases de luta e evolução. Os espíritos planetários que, voluntariamente, haviam assumido formas materializadas em diferentes regiões da Terra — e que, conforme as leis físicas, haviam gerado descendência e constituído famílias — passaram à vida superior. Não ingressaram de imediato no planeta espiritual, que então se encontrava ainda em processo evolutivo, mas regressaram às suas próprias esferas no universo, onde habitam os espíritos planetários, pois pertenciam a essa classe.

Como os corpos terrenos desses seres haviam sido materializados e mantidos ao serviço por força da energia elétrica, da vontade e da inteligência humanas, assim também foram desmaterializados, e os seus elementos dissiparam-se na atmosfera quando chegou ao fim o seu período de atividade e utilidade.

A descendência desses seres fora educada para esperar esse desfecho e formada com conhecimento das leis superiores da existência psíquica, e por isso estavam preparados para qualquer manifestação de poder espiritual que pudesse ocorrer — e para os fenómenos ocultos que se revelassem.

As entidades espirituais que durante um século haviam povoado certas regiões do globo — regiões especialmente adaptadas e preparadas com poder magnético e psíquico — não cessaram o seu interesse pela obra apenas porque se afastaram dela, nem, na verdade, poderiam fazê-lo. Pois, como seres humanos de grande amor e ternura, haviam gerado os corpos terrenos de outros seres imortais, almas germinais de pureza e luz que, oriundas do grande Universo da Causa, se haviam ligado a esses corpos, tornando-se parte da humanidade.

Assim, as entidades parentais e planetárias mantinham uma relação e até uma espécie de propriedade espiritual sobre os seres humanos que povoaram a Terra depois delas. Os corpos mortais desses primeiros habitantes da Terra eram compostos por elementos e substâncias tanto físicas quanto psíquicas, e, por isso, os gérmes da alma que os vitalizavam encontravam condições especialmente favoráveis para se desenvolverem em egos intelectuais.

Os progenitores planetários desses mortais, que haviam partido para a sua recompensa após um serviço fiel — infundindo na atmosfera da Terra o seu primeiro sopro de vida humana e magnetismo vitalizante — tornaram-se agora Espíritos Guardiões e guias da humanidade terrestre, bem como altos oficiais de confiança na vida planetária.

E os séculos sucederam-se, e os povos da Terra continuaram a multiplicar-se — como entidades mortais e, em parte, psíquicas. Mas, à medida que o planeta lutava com as condições de frio e escuridão, de evolução e crescimento, surgiram dificuldades para que o homem mantivesse os pés firmes sobre a sua superfície. Ao longo das gerações, os corpos mortais tornaram-se cada vez mais físicos e menos psíquicos — embora, até ao período que agora se menciona, ainda conservassem suficiente influência espiritual e planetária dos seus antepassados para que pudessem ser considerados verdadeiros filhos dos Deuses.

Durante todos esses anos, a Terra foi dando origem, um após outro, aos seus tipos físicos de vida ativa. Grandes gigantes em forma animal caminharam pelas florestas, ou rastejaram pelas regiões lamacentas e pantanosas. Inundações e tempestades espalharam a sua fúria por diferentes partes do globo, deixando pelo caminho horrível devastação.

Por fim, sobreveio um período de maior frio e escuridão sobre toda a Terra. Os jardins dos Deuses — onde os espíritos planetários haviam vivido e construído os seus lares — foram submersos, e os descendentes dessa outrora poderosa raça foram varridos da face da Terra. Mas apenas para assumirem uma existência feliz e inteligente no planeta espiritual, que oferecia condições mais finas e perfeitas para um lar belo.

Novamente os séculos passaram, a Terra reequilibrou-se, e continuou a produzir ou a evoluir uma forma após outra de corpo animal, cada tipo sucessivo desenvolvendo um grau mais elevado de consciência e atividade, até que, por fim, de entre essa série de formas anteriores, surgiu um tipo com menos de bruto e mais de humano. Embora ainda revestido de pêlos e com membros semelhantes aos do animal, podia erguer-se sobre as patas traseiras e assumir uma postura ereta, enquanto o seu rosto começava a adquirir traços humanos.

O tempo passou, e os tipos inferiores da humanidade terrestre nasceram — vivendo em cavernas e florestas, lutando com as feras por alimento e abrigo. Ainda assim, eram seres humanos, embora não suficientemente vitalizados pela potência e atividade espiritual para assumirem aspeto imortal quando a morte lhes reclamava o corpo físico.

XV

Então surgiu um tipo mais elevado de ser humano, produto da era anterior — um tipo mais elevado no qual o princípio vital do tipo rudimentar precedente foi absorvido, e que tornou possível o advento do gérmen da alma num corpo ou invólucro físico. Contudo, a entidade espiritual ainda não havia iniciado a sua marcha ascendente. Era necessária uma era seguinte, na qual surgisse um tipo ainda mais elevado de humanidade — e assim aconteceu. Os germes da alma, que haviam vitalizado os corpos da raça anterior, foram novamente libertos na atmosfera. E embora ainda não tivessem alcançado a imortalidade enquanto entidades espirituais, haviam adquirido certa potência e vitalidade que marcava o seu progresso.

Foi então que entrou em ação a lei do reencarne. Na era que se seguiu, cada criança humana nascida na Terra era, na verdade, um ser reencarnado da era anterior. Mais tarde, como já foi referido, a reencarnação passou a servir — como ainda serve — como uma forma conveniente de expressão terrena e de experiência mortal para aqueles germes da alma que foram privados da disciplina ou do estímulo necessários para se tornarem entidades imortais e progressivas, assim como para os Egos humanos já adultos e avançados que, por razões práticas de uma natureza ou outra, desejam passar por mais um período de existência consciente como seres encarnados na Terra.

Ao longo das eras, elementais que evoluíram do reino animal mas ainda não alcançaram o humano, continuam a ter a lei do reencarne operando noutra direção — fornecendo-lhes oportunidade e meios para ascenderem ao estado humano. Naturalmente, isto só ocorre nas formas mais baixas, e exige que esses seres passem por sucessivas reencarnações antes de se tornarem entidades humanas inteligentes e progressivas. E tal não se pode dar antes que, nas fases iniciais da humanidade, absorvam os germes da alma, que desenvolvem a inteligência e o poder consciente.

Assim o tempo passou, até que as condições planetárias ofereceram uma nova oportunidade aos Deuses Tutelares e espíritos planetários responsáveis pela Terra, para que manifestassem novamente o seu poder extraordinário em benefício do planeta. Os seres humanos então existentes eram de natureza variada e níveis diversos de inteligência, pois o clima, as condições atmosféricas e outras forças e influências haviam moldado as raças humanas de formas diferentes por todo o globo.

Os habitantes das cavernas e os selvagens das florestas tinham sido superados por tipos mais elevados de homens, que, sob a influência magnética dos pacíficos e avançados habitantes do planeta espiritual, evoluíam para estados mais claros de consciência e de mente. Regiões da Terra que durante eras estiveram submersas voltaram a emergir, e em tais localidades — outrora jardins dos Deuses e berço da sua descendência — reapareceram novas condições para uma vida confortável.

Surgiram raças de pessoas de carácter gentil, harmonioso e belo, que amavam estudar os céus e refletir sobre o mistério das estrelas. Pessoas despertas no pensamento pela

influência dos espíritos que as observavam e protegiam; pessoas que intuitivamente meditavam sobre os mistérios do ser e os segredos dos corpos e movimentos planetários.

Então surgiu a oportunidade para os espíritos planetários descerem novamente à Terra — desta vez não para se materializarem, mas para estimular os germes da vida em progenitores físicos e se assimilarem com as suas forças magnéticas, assumindo nascimento, crescimento e desenvolvimento como crianças mortais. No entanto, manifestavam tão precocemente a sua inteligência e poder extraordinários que eram reconhecidos pelas comunidades como seres superiores, sendo elevados por consenso geral a posições elevadas.

Assim foi que seres elevados como Iberna, Cabul e Diurnes tomaram forma terrena e difundiram a sua influência, poder e sabedoria em medida abundante entre os filhos da Terra. Alguns desses Deuses também encontraram as suas Almas Gémeas na Terra — pois estas também haviam escolhido nascer aqui — e formaram-se uniões de grande felicidade e amor, das quais nasceram filhos poderosos, belos e inteligentes. Curiosamente, os filhos desses Deuses eram todos do sexo masculino e, ao alcançarem a maturidade, tomaram esposas dentre as filhas dos homens, com quem povoaram diferentes regiões do planeta, pois não permaneceram todos num mesmo local, mas com o tempo dispersaram-se por diversas partes do globo.

Desta forma, a Terra e os seus povos voltaram a ser vitalizados a partir dos reinos da vida planetária, enquanto os primeiros seres que dela haviam nascido — os seus filhos espirituais — observavam o seu progresso desde o planeta espiritual, tornando-se ajudantes no trabalho de ministrar à humanidade terrestre, ao mesmo tempo que preparavam o caminho para a chegada daqueles destinados a habitar o plano mais elevado — a sua morada no mundo espiritual.

XVII

Durante as eras mais sombrias da vida física e do desenvolvimento no planeta Terra, só existia a força bruta como expressão da vida animada e consciente. Essa força bruta era, naturalmente, produto das formas mais grosseiras da vida animal.

Para que a Terra se tornasse aquilo para que fora destinada — um berço para a humanidade, evoluída a partir das suas próprias condições e tipos de poder e atividade — era necessário estabelecer e estimular o processo evolutivo de desenvolvimento de uma espécie a partir da precedente.

Para facilitar esse trabalho e crescimento, e para ajudar o planeta na sua missão, as primeiras raças de entidades humanas haviam descido das esferas planetárias e materializado na Terra, para que o seu magnetismo humano se tornasse parte da atmosfera — e até do próprio solo. Assim impregnado com os elementos e germes de uma humanidade avançada, o planeta estaria, em eras futuras, preparado para produzir por si mesmo tipos humanos cada vez mais evoluídos, mesmo depois de os espíritos planetários e os seus descendentes já terem seguido adiante.

Como é fascinante e sempre instrutivo para um floricultor observar e supervisionar o crescimento de uma planta que expressa as suas qualidades inerentes em beleza e flor, experimentando, cruzando espécies e produzindo novas variedades! O jardineiro entusiasta encontra nisso um prazer e um aprendizado que talvez não pudesse adquirir de outra forma.

Assim é com os construtores de mundos e com os supervisores de planetas. Nesta missão maravilhosa, eles encontram uma expansão do poder da Alma e do conhecimento, bem como uma satisfação incomparável a qualquer outra escola de vida. Pois espera-se deles não apenas que observem e orientem o crescimento do seu planeta em si, mas também que cuidem do desenvolvimento das suas criaturas animadas e conscientes, estimulando-as, através do magnetismo e da influência, a alcançar níveis cada vez mais elevados de crescimento mental, de cultura e de desenvolvimento físico.

XVIII

Assim, se é gratificante e instrutivo para o jardineiro da Terra observar e orientar o crescimento das suas plantas — aplicando-lhes estímulos e condições para desenvolverem novas formas de vida vegetal e de floração — quanto mais o será para os construtores de planetas e cuidadores de mundos acompanhar, orientar, guiar e estimular os seres físicos e espirituais sob a sua tutela, bem como o próprio globo sobre o qual exercem domínio. Muito atrás nas eras remotas da história da Terra, o antigo Egipto floresceu como terra de paz e prosperidade para o povo humilde que cultivava o milho e os frutos, vivendo em harmonia simples com a Natureza, que então sorria sobre eles.

Há quinze mil anos, o vale do Nilo era muito mais belo do que é no século XIX da era atual, e os seus habitantes formavam uma raça inteligente e satisfeita. Ainda assim, quinze mil anos são uma época moderna, se comparados com os períodos de tempo e existência humana que os antecederam — eras em que o homem floresceu como criatura altamente dotada, conhecedora das suas ligações ao mundo psíquico e consciente de que um dia passaria aos jardins dos Deuses.

Nesse período posterior, as esferas ou Zonas espirituais já haviam sido parcialmente criadas e habitadas, e os Antigos ocupavam-se em construir ou preparar outros mundos para ocupação futura. Durante milénios, entidades humanas trabalharam no mundo psíquico para abençoar os mortais — e assim continuariam, durante milénios por vir, a sua marcha progressiva em prol do bem da humanidade.

Nesse antigo Egipto viveram muitos homens sábios, alguns descendentes da raça que habitara a antiga Atlântida. Recorde-se que, nos dias desse continente, algumas pessoas partiram dali acompanhadas por estrangeiros vindos de regiões desconhecidas. Esses emigrantes navegaram até outros continentes — dos quais existiam vários — e uniram-se aos povos nativos, gerando uma descendência que, por sua vez, produziu outras gerações, membros das quais se espalharam por diferentes partes do mundo, viajando por mar e fundando lares em terras estrangeiras.

Dentre esses estavam os antepassados dos antigos egípcios, que fundaram escolas e estabeleceram um sistema de educação e formação nas artes e ciências que nunca foi igualado na história da civilização moderna.

É certo que o campesinato dessa época remota estava longe de ser altamente instruído ou refinado. Ainda assim, mesmo esses eram gentes afáveis e gentis, dotadas de um refinamento inato que os tornava corteses entre si, e de uma inteligência natural que os afastava da ignorância bruta. Já os habitantes das cidades e das cortes eram mentes cultas e altamente intelectuais.

Por volta desta época, as forças espirituais dos mundos superiores começaram a transmitir aos habitantes da Terra — por meio dos seus videntes e oráculos — algum conhecimento sobre os Deuses Tutelares e os seres planetários. Aprendeu-se, então, que cada mundo físico e a sua contraparte espiritual, bem como as suas diversas Zonas ou cinturões espirituais, eram governados por um par superior de seres tutelares.

Aprendeu-se também que o planeta espiritual e cada uma das Zonas possuíam os seus próprios Deuses Tutelares, todos subordinados e ao serviço dos Deuses superiores que governam a Terra e as suas Esferas. Foi revelado ainda aos antigos que, acima e além de todos os mundos e sistemas de mundos, há uma Inteligência Suprema e Omnipotente que tudo comanda.

Tornou-se então hábito entre o povo orar — ou fazer pedidos — aos guias espirituais e aos seres planetários, que acreditavam estar presentes no ar, embora invisíveis. Suplicavam por boas colheitas, por riqueza ou por elevação social. Com o tempo, passou-se a dirigir especialmente essas preces ao Deus ou ser tutelar que parecia mais próximo, aquele que governava a primeira esfera da vida espiritual. Pois julgavam-no semelhante ao ser humano e não conseguiam conceber o Ser Supremo, cujo corpo é o Universo e cuja Alma é Luz.

À medida que os séculos passaram, a humanidade degenerou — as paixões, a ganância e a sede de poder e conquista tomaram o controlo. O homem guerreou contra o homem, nação contra nação. As súplicas aos Deuses passaram então a centrar-se na obtenção de força para matar, conquistar e dominar os adversários.

Das massas humanas na Terra, subiram então volumes de magnetismo denso e escuro que penetraram na composição da primeira esfera espiritual, tornando-a mais parecida com um mundo físico. O ser Tutelar dessa esfera, movido pela sua simpatia para com os assuntos terrenos, começou a atender às petições de certos homens em detrimento de outros. Surgiu o espírito de favoritismo e partidarismo. Parecia que esse Tutelar absorvera demasiado das forças magnéticas da Terra, tornando-se semelhante aos mortais em sentimento e pensamento.

As suas opiniões e preferências desenvolveram-se de modo semelhante às dos humanos. Assim, tomou partido — por assim dizer — e aplicou a sua força e influência a favor de certos exércitos e povos, para lhes assegurar a vitória. Desta forma, pela manifestação do seu poder e favoritismo, surgiu entre os homens a crença na sua proteção e na sua divindade.

Muitos abandonaram a crença nos Deuses superiores — ou no Supremo O.M. — e adotaram a ideia de que esse ser Tutelar, que governava apenas a primeira esfera espiritual, mas que interferia poderosamente nos assuntos da Terra, era em realidade o Deus omnipresente que dominava o universo inteiro. Através dos seus médiuns escolhidos, comunicava com os mortais e, como já se deixara influenciar pelos elementos humanos, passou a exibir traços característicos das paixões da época.

Havia na Terra quem fosse suficientemente desenvolvido, psiquicamente, para que esse Tutelar pudesse falar com eles e, na sua presença, realizasse prodígios. Ele, no entanto, não se preocupava em esclarecer que era apenas subordinado de inteligências superiores — pelo contrário, afirmava ser um grande Potentado e governante de toda a Terra.

Desse estado de coisas surgiu uma raça de pessoas que cultivaram a crença num Deus passional, vingativo e ciumento, com quem acreditavam ser possível comunicar. Desses povos descendem, em tradição e lenda, relatos de eventos em que esse Deus cruel e egoísta teve papel de destaque — e em que foi declarado ser o único e supremo "Eu Sou". Dessas tradições e lendas originou-se a conceção de Jeová, que mais tarde foi aceite como o Deus dos judeus.

XVIII

No entanto, o trabalho deste Espírito Tutelar degenerado não prosseguiu através das eras como ele havia imaginado. Pois estava sob a autoridade de Deuses Superiores, que vigiavam os seus atos e pensamentos, e, quando foi considerado que ele e os seus agentes tinham ido longe demais ao incitar os povos da Terra à guerra uns contra os outros, ele foi deposto do seu cargo e colocado sob custódia de espíritos planetários elevados, para ser disciplinado e educado em novas linhas de pensamento.

Mas a verdade — ou toda a verdade — acerca deste Tutelar tão humano e egoísta nunca chegou realmente ao conhecimento dos filhos da Terra. E eles continuaram a adorá-lo como o autor de toda a vida e o árbitro de todos os destinos, continuaram a rezar-lhe por boas colheitas, por sucesso em guerras ou em qualquer missão pessoal.

Um sucessor foi imediatamente designado para ocupar o lugar do Espírito deposto, e, com o tempo, este novo Tutelar começou a exercer uma influência mais benevolente sobre a Terra e os seus habitantes. No entanto, a crença num Deus ciumento e partidário continuou a ser transmitida de geração em geração, embora já começassem a surgir tradições e lendas que falavam de duas forças no ar: um ser do bem e um ser do mal.

Isso deveu-se ao facto de que os homens primitivos sentiam a necessidade de atribuir a origem das suas dores, doenças, discórdias e fomes a uma entidade maligna arbitrária que desejava a sua destruição. Como alguns oráculos anunciaram a queda e degradação de um Anjo de Luz — referindo-se ao Tutelar anteriormente mencionado, que fora deposto e expulso do convívio dos bons e elevados seres que nele confiaram — logo se assumiu que esse era o ser maligno que odiava a humanidade e cujo poder era suficiente para lhe causar danos.

E novamente desceu à Terra a escuridão da escravidão mental e espiritual, envolvendo raças humanas nas suas dobras sombrias. O planeta passou a ser iluminado apenas aqui e ali por algumas almas sábias e altamente desenvolvidas em cada era — mas essas não eram do mesmo carácter daquelas evoluídas dos reinos inferiores e das tribos da Terra. Eram os Antigos, que há eras haviam ascendido a estados elevados, mas que, conhecendo o frio e a escuridão da Terra, haviam escolhido reencarnar para manter viva a tocha da verdade e da sabedoria entre os homens.

Não estamos aqui a transcrever, para os mortais, uma história contínua da Terra, nem da origem e desenvolvimento da humanidade, nem da ascensão e queda das nações — tal obra imensa não seria empreendida por espíritos desencarnados através de médiuns mortais, pelo menos por mais um século. Mas estamos a oferecer fragmentos de história e lampejos de conhecimento sobre a origem da Vida — planetária e humana — em relação à Terra, às suas esferas e aos seus povos. Estas descrições dispersas podem referir-se a porções do planeta e a raças que existiram há vinte mil anos ou mais — ou a acontecimentos de uma era mais moderna, desde os tempos de Abraão e dos profetas.

Falamos, pois, de inundações, fomes, pestes e guerras, e de toda a sorte de males que se abateram sobre a Terra e os seus habitantes durante milhares de anos após a época de Moisés e do Pentateuco. Períodos de calamidade que varreram centenas de milhares de seres humanos da face da Terra em simultâneo — repetidamente. Povos nascidos na ignorância e na escravidão, cheios de paixões humanas e trevas, foram deixando a existência mortal aos milhares, e começaram a encher a atmosfera terrestre com uma aura e eflúvios carregados de átomos e elementos de carácter puramente material.

Dessa forma, a primeira Zona da vida espiritual — a mais inferior — passou a assumir cada vez mais a aparência e a natureza de um plano animal, atraindo para si espíritos grosseiros, ignorantes e degradados. Em todos os anos que decorreram desde esse período até hoje, essa esfera inferior tem recebido continuamente novos habitantes oriundos das camadas mais depravadas, viciosas e brutalmente ignorantes da humanidade terrestre. Contudo, tem também enviado para a segunda esfera aqueles que superaram essas condições — seres que foram elevados a um estado mais alto pela ajuda, magnetismo e ensino das almas missionárias que levaram a luz aos lugares escuros, purificando-os com o seu sopro e força regeneradora.

Assim tem o planeta Terra continuado o seu curso até se aproximar agora de uma nova era — uma época em que mais beleza encherá os seus elementos e uma nova força psíquica varrerá mares e continentes, alcançando todos os lares e inspirando todos os corações.

O século está prestes a fechar-se. O vigésimo século da era cristã está prestes a nascer. Haverá muitas revelações maravilhosas feitas à Terra pelos Espíritos Antigos ao longo dos próximos cem anos. A família humana do vosso planeta assistirá, neste século que se aproxima, às mais grandiosas manifestações em termos de demonstração oculta e significado espiritual.

Sinais e maravilhas serão dados pelas forças que governam o céu e a Terra. A mente humana será preparada para receber o que está por vir na próxima era de pensamento e progresso. Mas não será ainda no século XX que despontará a nova época. Isso só acontecerá quando o ano dois mil da era cristã tiver chegado.

Durante um século, o tempo será utilizado pelos poderes espirituais que governam a Terra para instaurar uma condição de beleza e paz, na qual o homem aprenderá a abandonar os seus antagonismos e a cultivar a sua natureza espiritual, permitindo que o preconceito se desvaneça e que a sinceridade tome o seu lugar.

No início do século XX, nascerá um líder que, ainda na juventude, se elevará em majestade de dignidade e sabedoria desenvolvidas para mostrar o caminho e ensinar o povo sobre o que é espiritual. Este líder será imbuído de uma profunda influência espiritual — o seu magnetismo será tal que as pessoas o seguirão e serão elevadas pelo seu poder. Ele será mestre e guia, apontando o caminho para uma civilização mais elevada e uma espiritualidade mais grandiosa.

Esse homem e mensageiro será a reencarnação de uma Alma de sabedoria gloriosa, que há milénios vela pelos destinos das nações e pelos assuntos da humanidade. Na sua última encarnação, a sua missão será preparar o caminho para o alvorecer da nova era de luz e verdade que virá à Terra com o ano dois mil — e cumprirá bem essa missão.

A Terra ainda não alcançou o seu mais elevado estado de desdobramento; eras se sucederão em que a consciência superior e a espiritualidade sublime continuarão a desenvolver uma humanidade mais nobre e um estado mais régio de beatitude, no qual as emanações etéreas da raça irradiarão com maior força e poder purificador, varrendo a primeira Zona da vida espiritual e purificando-a do que nela é grosseiro e denso.

Cada milénio completa um Ciclo de desenvolvimento e experiência na Terra. Ao longo de mil anos, as forças subtis que movem a humanidade podem ser alteradas, surgindo novas condições e acontecimentos na história dos homens.

Quando despontar o ano dois mil, o mundo estará preparado para acolher a gloriosa vinda da verdade, cuja luz varrerá terra e mar com poder iluminador.

Mencionámos um líder que nascerá no século XX — alguém que trará vitória àqueles que aprenderem com ele os verdadeiros princípios da fraternidade humana. E quando o seu tempo de trabalho terreno se concluir, estará apto a ocupar o lugar de Guia Tutelar numa das Zonas superiores das esferas espirituais. Pois, no sacrifício da posição, do poder e da grandeza nos reinos superiores, esse Antigo — que por vezes incontáveis veio à Terra como mestre e condutor dos homens — ganha o direito e a autoridade para se tornar Tutelar de uma brilhante Zona espiritual.

E não será o único grande homem na Terra durante o século seguinte, pois o que ele representará em sentido moral e reformador, outros encarnarão no domínio da instrução intelectual e do saber científico. A ciência formará os seus adeptos de tal modo que poderão perceber os limites entre o físico e o psíquico, traçando os elementos e condições

da matéria até ao reino do espírito — demonstrando a cada mente pensante a existência de esferas psíquicas reais, ativas e dotadas de força e poder potenciais.

XIX

No século XX, surgirá um grande poeta, um mestre da música, um artista de fama imortal, um génio da literatura, uma voz magnífica no canto e um cientista notável. Muitos outros haverá de grande talento na poesia, música, ciência, arte e literatura — mas todos eles empalidecerão diante do brilho singular dessas Luzes que se destacarão em cada domínio.

Cada entidade consciente e inteligente conquista, por mérito próprio, o seu lugar e condição no mundo imortal. Embora os diversos mundos tenham sido criados ou supervisionados por seres superiores, muito do material que compõe esses mundos é fornecido por aqueles que os irão habitar. Tal como o trabalhador da Terra ergue uma casa com os materiais oferecidos pelos seus donos, também os operários espirituais recebem parte do seu material da mesma forma.

Nenhuma alma humana pode ascender às esferas superiores sem estar devidamente preparada para isso.

Falámos da obra dos Deuses Tutelares — cujo papel é planear e executar a construção e desenvolvimento dos mundos, supervisionar os processos evolutivos da vida nos planetas, e dirigir os inúmeros co-trabalhadores e subordinados que atuam como seus agentes na condução dos assuntos das Zonas Espirituais e das Nações no mundo físico.

Para que uma entidade humana entre em contacto direto com um ser Tutelar superior — que governa um planeta físico e os seus mundos espirituais — precisa de estar suficientemente avançada em sabedoria, conhecimento e poder, ao ponto de poder ser guia e guardião de uma esfera ou Zona. Os próprios Tutelares Superiores mantêm contacto e comunicação entre si. Embora o planeta Terra seja mais jovem e menos desenvolvido do que Júpiter ou outros planetas do sistema solar, o Tutelar que a rege é tão sábio e avançado quanto qualquer guia dos outros mundos.

No entanto, existem ainda Tutelares mais poderosos do que os que governam um único planeta e as suas Zonas espirituais. Cada sistema solar tem o seu poder e inteligência dirigente. Por exemplo, um sistema solar com sete planetas completos e inumeráveis outros corpos estelares — onde cada planeta e os seus satélites, físicos e espirituais, são guiados por um par de seres Tutelares (masculino e feminino, como Contrapartes) — possui como conjunto um único Tutelar Celestial acima de todos, cuja sabedoria e poder se manifestam na direção inteligente e supervisão de todo o sistema de mundos.

Esses diversos Tutelares Celestiais mantêm contacto entre si. Ainda assim, nem mesmo o mais elevado Tutelar de um planeta pode ver esses seres celestiais — embora possa receber comunicações deles.

Existem, portanto, gradações sucessivas de entidades inteligentes. Que sejam Divinas, nas esferas superiores, não há dúvida. Mas a conceção que o ser humano mais avançado

pode ter da Divindade fica muito aquém do conhecimento que dela possuem as almas elevadas nos reinos mais sublimes.

Ao tentarmos transmitir estas verdades grandiosas aos povos da Terra, temos consciência das nossas limitações e reconhecemos a fragilidade das nossas palavras em comparação com as magníficas revelações das leis e ciências ocultas, que são transmitidas às mentes estudiosas e evoluídas dos Reinos Celestes.

Nas nossas lições sobre os diversos cintos ou Zonas de vida consciente e ativa que circundam a Terra em espírito, muitas vezes usamos a palavra "Esfera", embora não a consideremos totalmente apropriada ao nosso propósito. Cada uma dessas Zonas é, na verdade, um cinturão de camadas atmosféricas vitalizadas por magnetismo vivo e impregnadas de fluidos elétricos — substanciais e palpáveis para todas as entidades espirituais que a elas acedem — e constitui, de facto, um mundo em si mesma.

No entanto, o conceito de "esfera", no contexto da existência humana, refere-se menos a um local e mais a uma condição. Sabemos que cada ego cria a sua própria esfera — seja ela de luz, pureza e honra, ou de escuridão, impureza e desonra. A esfera criada por um ego pode ser uma de Arte, Música, Literatura ou Mecânica.

Assim, no espírito, definimos "esfera" como uma condição — ainda que, por conveniência, a utilizemos para descrever os cinturões ou Zonas da vida espiritual como círculos ou faixas de substância viva que constituem mundos habitáveis.

Mas, qualquer que seja a terminologia ou linguagem que empreguemos — sendo ela limitada aos povos da Terra — somos restringidos e condicionados nos nossos métodos e poderes de descrição e analogia. Pois a vida e os trabalhos dos Tutelares, dos planetários e dos Antigos não podem ser adequadamente retratados por nenhum sistema de transcrição ou ilustração que a Terra ofereça. Assim, apenas uma conceção vaga destes temas pode despertar nas vossas mentes, embora os consideremos importantes o suficiente para serem apresentados.

Tendo assegurado aos leitores que o que ensinamos nestes escritos é apenas uma sombra ou esboço pálido da Glória dos reinos eternos, passamos agora a falar do sistema completo de planetas de todos os céus como sendo um Todo imenso.

Na medida do que nos é dado saber, compreendemos que todo o universo — com os seus sistemas grandiosos de vida e poder — é a estrutura ou veículo de expressão (portanto, o Corpo) da Inteligência Omnipotente e Omnipresente, que é a Vida e Luz Suprema e Infinita.

Dessa Omnipotência diz-se que nenhuma Inteligência viu ou conheceu em plenitude, pois só quem é como Ela poderia contemplar ou conhecer o Seu Ser — e ninguém o é. Nenhum, nem mesmo o mais poderoso dos Tutelares, poderia aproximar-se d'Ela em grandeza e poder sem ser absorvido e transformado em parte da Luz Infinita.

Os Deuses Tutelares — desde os mais baixos aos mais elevados — existem dentro do Universo, e, tal como nenhum pode ver o universo inteiro de uma só vez, também nenhum

pode contemplar a Omnipotência Suprema na totalidade. Mas aqueles que compreendem algo da Sua Natureza e Vida podem, em qualquer instante, vê-La parcialmente.

À luz da verdade eterna, a conceção comum de Divindade, na mente do homem, é tão rudimentar e débil quanto a chama trémula de uma vela em comparação com a glória e fulgor do sol ao meio-dia.

Contudo, a mente humana é expansiva, e as maravilhas dos Céus vão-se revelando ao homem com maior esplendor e força à medida que as eras passam. A Natureza opera pelas leis da correlação e distribuição — quer essas leis se manifestem no Universo físico ou na estrutura psíquica da humanidade. É através da correlação dos elementos, átomos e forças no ser humano que se cria a substância magnética maravilhosa; e é pela força e atividade do impulso elétrico e da vontade que essa aura magnética — que é substância — é posta em movimento e distribuída de tal maneira que auxilia na composição e construção de mundos ou de outras formas de vida objetiva.

Os planetas não são mais do que formas materializadas da vontade criadora e da inteligência. São trazidos à forma objetiva pelo poder da Mente. Poeira estelar e matéria sublimada podem flutuar no espaço durante eternidades, avançando em ondas e fitas de pó ou luz impalpáveis — mas sem o poder de formar mundos, a não ser que recebam o estímulo vitalizador e o sopro da vida, que apenas as forças energéticas do desígnio inteligente e da perícia podem infundir.

XX

Os elementos da terra, da água e da atmosfera produzem sobre o planeta uma certa forma de argila plástica — matéria fornecida pela natureza, que pode ser moldada em formas belas e úteis por mãos inteligentes e hábeis. Mas, se a entidade humana que conhece as possibilidades dessa substância não a tomar nas mãos e a moldar segundo a sua vontade e gosto, ela jamais se tornará modelo de estatuária ou utensílio útil ao serviço do oleiro — permanecerá como argila informe até que os ventos a endureçam e sequem, tornando-a inútil ao artista ou artesão.

Assim também, nos seus Laboratórios Solares e Estelares, a natureza fornece e envia o material que, nas mãos do artista ou arquiteto inteligente, pode ser moldado em mundos. Mas se esse material for deixado entregue a si mesmo e ao seu movimento instintivo, apenas se dispersará em linhas de poeira sem propósito.

Tal como o oleiro acrescenta à argila a exata medida de calor ou humidade, e nela mistura elementos externos — como pigmentos ou outras substâncias — para alcançar a tonalidade ou a resistência desejadas, também os construtores de mundos adicionam aos núcleos solares e estelares os elementos humanos e magnéticos necessários, para os trazer à condição ideal para a formação de um planeta, dotando-o da sua utilidade e poder finais.

Assim, ordem, desígnio, perícia, inteligência e ação são os elementos indispensáveis à produção de planetas a partir de material solar e estelar — nenhum mundo pode ser criado,

nem formado com o poder da vida, se não for moldado, animado, e dotado dos elementos vitais que emanam das entidades humanas.

Revelações grandiosas são feitas aos Antigos pelos Guias Tutelares, que lhes transmitem comunicações sobre a criação de planetas. E é desses mesmos Antigos, recetores dessas revelações, que derivam os fragmentos de conhecimento agora partilhados com os povos da Terra — pois os Antigos desejam abençoar a humanidade com a verdade e o conhecimento da Vida.

XXI

Retornamos agora à vida terrena dos povos Antigos que habitaram o planeta Terra há milhares de anos. Seres inteligentes como Iberna, Cabul e outros, que com os seus povos viveram por longos séculos em reinos glorificados e que partilharam com a Terra e suas esferas espirituais a luz e a vida magnética das suas próprias almas elevadas.

O que se sabe da existência terrena dessas gentes foi obtido em parte através das suas próprias revelações e em parte pelos registos históricos dos seus tempos e feitos, preservados nos Arquivos do Mundo Espiritual. Pois, nos reinos superiores, as histórias de todas as raças, épocas, nações e acontecimentos importantes da Terra foram compiladas e guardadas. E é apenas por falta de instrumentos adequados através dos quais transmitir essas informações aos homens, e pela ausência de preparação por parte dos mortais para as receber, que estas revelações têm sido, até agora, apenas fragmentárias e esparsas. Mas os séculos vindouros trarão uma época em que revelações completas serão feitas.

Ao longo da história da Terra, diversos continentes surgiram das profundezas do mar, ofereceram as suas condições e possibilidades às tribos e raças que os vieram habitar, tornaram-se sede de nações e dinastias, viveram os seus ciclos e, por fim, desapareceram da face da Terra.

Cada um desses continentes produziu, por sua vez, uma raça de povos pré-históricos — e é com alguns destes que os nossos escritos se ocupam. Num desses continentes — que atingiu o auge da sua grandeza e beleza há cerca de vinte e seis mil anos — floresceu uma raça de gentes gentis, simples, devotadas ao serviço mútuo.

Um povo amável e inteligente, de espírito estudioso e aberto aos ensinamentos ocultos que lhes chegavam nos sussurros da noite, quando a Natureza silenciava as suas mil vozes, como obedecendo a um comando divino, deixando apenas o suave murmúrio das ondas ou o leve agitar das folhas a marcar o ritmo incessante da Vida.

Sob as estrelas que nunca dormem, nas vigílias silenciosas da noite, quando as horas balsâmicas, perfumadas pelo hálito das flores, passavam suavemente, esses povos realizavam os seus conselhos e sessões espirituais, onde evocavam a sabedoria dos planos superiores e recebiam instruções e orientações para o conforto humano e a elevação espiritual.

Entre eles viviam sensitivos — ou Oráculos, Videntes, Profetas e Mestres. Por meio desses mediadores entre a Terra e os mundos eternos, muitas verdades foram reveladas e muitos ensinamentos práticos foram transmitidos.

Astrónomos e astrólogos de outros planetas comunicavam com essas gentes, revelando saber profundo sobre os movimentos dos corpos celestes, os períodos de conjunção entre eles, a sua influência uns sobre os outros e sobre os destinos humanos — bem como outros assuntos afins que não serão ainda revelados à Terra por mais cem séculos.

Artífices dos reinos superiores desciam com os seus conhecimentos e inspiravam certas mentes com informações que lhes permitiam criar maravilhas em olaria, carpintaria e arte — verdadeiras obras de utilidade, conforto e beleza para os lares e comunidades.

Cientistas que haviam já vivido eras nos reinos espirituais traziam a sua sabedoria à Terra, e conhecimentos de química e alquimia foram transmitidos, permitindo aos Adeptos produzir pedras preciosas de todas as cores e brilhos, metais puros de qualidade extraordinária e outros materiais raros para embelezar pessoas, casas e templos — como o mundo nunca mais viu desde então.

A arte da gravura atingiu então um esplendor admirável, e filigranas e esculturas de grande beleza adornavam salões públicos, escolas e templos. Diversos ramos do artesanato floresciam, evidenciando o progresso de um povo culto e refinado, cujo apurado sentido de beleza não se satisfazia senão com o mais elevado nível de produção mecânica e artística.

Nesse tempo, o trabalho era considerado nobre — jamais passava pela mente humana a ideia de degradação associada à indústria e aos seus processos naturais e inevitáveis.

O trabalho era dignificado — pois através dele as maiores realizações do espírito e do corpo humano ganhavam forma no mundo objetivo. O trabalho elevava as energias humanas, promovia a perícia, exaltava a utilidade e assegurava o progresso. O cientista, o artista e o artesão ocupavam lugar lado a lado na estima coletiva como co-iguais na dignidade da condição humana.

Nenhum trabalhador era desprezado, nem podia sê-lo. Aquele que cavava valas para drenar os jardins, ou abria túneis para tornar acessíveis as montanhas, ou construía uma casa para conforto de outro ser, dedicava-se à sua tarefa com o mesmo empenho e vida que o artista que pintava murais num templo. O escultor que talhava estátuas maravilhosas da pedra das montanhas ou o alquimista que transformava os materiais brutos da Terra em metais sublimes — todos serviam à grande obra da humanidade.

Através do trabalho, a criança ou o adulto obtinham uma educação e uma experiência que nenhuma outra via poderia oferecer. O bem de um era o bem de todos, e o bem-estar da raça era um assunto de preocupação e interesse individual.

As escolas daquela época eram centros de cultura da mais alta ordem, com graus avançados de instrução e formação. Estavam organizadas em diversos departamentos de ensino, abrangendo ramos do conhecimento nas artes, ciências, mecânicas, indústrias e

disciplinas intelectuais, que eram seguidos pelos alunos conforme a idade, capacidade e temperamento.

Cada criança inteligente, a partir dos quatro anos, era retirada do lar e levada para uma escola dirigida por mulheres sábias e gentis, e por instrutores masculinos de carácter ponderado, ternura benevolente e mente erudita. A cada aluno era proporcionado o cuidado, a educação e a influência necessários para o desenvolvimento dos seus melhores talentos e da sua individualidade.

Esperava-se que cada criança cultivasse alguma aptidão nas artes — fosse música, canto, pintura, escultura, arquitetura ou algum tipo de design, pois tudo isso era compreendido no conceito de arte. Cada uma também recebia formação sólida nos fundamentos da educação liberal e instrução em pelo menos uma atividade de trabalho industrial.

Deste modo, cada indivíduo — homem ou mulher — saía plenamente preparado para a arena da vida ativa na idade adulta. Por conseguinte, todos eram trabalhadores em algum sector. Não havia parasitas, nem consumidores do esforço coletivo que não fossem também produtores no grande campo do labor humano.

Assim, a oferta igualava sempre a procura. Estabelecia-se e mantinha-se um sistema de equidade que fazia da vida algo digno de ser vivido por todos os que nasciam naquele continente. Cada trabalhador, independentemente do tipo de tarefa que executava, era um homem inteligente. Sabia não apenas tudo sobre o seu próprio ofício e como desempenhá-lo da melhor forma, mas compreendia também os princípios da economia, as bases da ciência mecânica e o funcionamento do sistema industrial como um todo.

Além disso, o seu saber e perícia não se limitavam à sua área específica. Podia ser um cortador de pedra ou de madeira, ou mesmo alguém que transportava água, e ainda assim ser um designer habilidoso, um músico reconhecido ou um artista talentoso. Não era raro que o artista ou o cientista deixasse temporariamente o seu lugar nas escolas ou templos para trocar de funções com o trabalhador do campo ou das pedreiras — e ambos tinham capacidade para exercer com competência o papel assumido.

Assim, naquele antigo continente, o trabalho era enobrecido e compreendido como herança e direito de nascimento do homem — um meio, através do uso inteligente, de alcançar as mais divinas realizações. Tal como o intelecto se desenvolve através da prática em linhas de pensamento e ciência, o corpo também se fortalece com o exercício físico nas várias formas de trabalho manual, e dessa atividade resulta também o fortalecimento do cérebro e o alargamento da mente.

Essa verdade era bem compreendida pelos antigos. Ao dignificarem o trabalho, encontraram a nota-chave do mais sublime acorde da harmonia humana que o mundo jamais conheceu.

No antigo continente, os seus habitantes viviam longas e úteis vidas. Não havia mortes prematuras — salvo alguns casos que explicaremos a seguir — nem existiam pessoas doentias ou debilitadas. A doença não era hereditária, pois, caso surgisse alguém — homem

ou mulher — que apresentasse sinais de debilidade física ou enfermidade, o que era raro, essa pessoa era impedida de contrair uniões conjugais ou de exercer funções reprodutivas.

Ocasionalmente, uma criança poderia manifestar indícios de idiotia ou deficiência física considerada incurável pelos médicos e videntes sábios. Nesses casos, a criança era adormecida suavemente para permitir que o seu espírito deixasse o corpo. Este espírito permanecia envolto numa substância etérea e era mantido na aura magnética de um dos sábios até que surgissem condições mais favoráveis para o seu renascimento num corpo mais apto ao desenvolvimento do intelecto e das faculdades físicas.

Os antigos não acreditavam que se devesse permitir a um ser deficiente viver durante anos aprisionado num corpo inadaptado, mas sim dar-lhe uma nova oportunidade de crescimento e experiência, numa forma adequada. Por isso, não havia monstruosidades humanas — físicas ou mentais — naquele mundo antigo.

Por vezes, um adulto podia adoecer ou sofrer um acidente, mas os métodos de cura eram tão eficazes, através de forças magnéticas e elétricas inteligentemente aplicadas, que quase sempre a saúde e o equilíbrio mental e físico eram restabelecidos. Caso contrário, o doente era levado para um retiro belo e aprazível, onde tudo quanto o amor e a perícia podiam oferecer lhe era proporcionado. Ali permanecia, com conforto e alegria, até ao fim dos seus dias.

Em casos raros, se fosse considerado benéfico que o doente incurável passasse ao mundo espiritual, isso era facilitado de forma pacífica, sem dor nem sofrimento — nem para ele, nem para os seus entes queridos — pois todos sabiam que uma experiência mais feliz o aguardava. No entanto, tais práticas eram raramente necessárias.

A enfermidade era rara, pois o povo vivia de forma racional. Compreendiam o valor de uma alimentação adequada, dos banhos, do exercício e do ar puro, da respiração natural e de um vestuário apropriado às necessidades do corpo.

O traje era simples e cómodo. As vestes caíam dos ombros, e sandálias protegiam os pés; a circulação sanguínea não era prejudicada, e todos os músculos do corpo eram ativados e mantidos em uso constante.

Assim, se alguém adoecia, encontrava-se em condições de recuperar rapidamente. Os poderes de regeneração da raça eram excelentes, e os médicos quase não precisavam de tratar os doentes. A sua função era ensinar o povo a viver de forma a preservar a saúde.

Mesmo nos partos, não havia sofrimento digno de nota — viver de modo tão natural tornava as mulheres saudáveis e aptas a dar à luz com conforto, não com dor ou lamento.

Ao partilharmos estes dados sobre a vida dos primeiros homens, não o fazemos apenas para mostrar quão forte, belo e inteligente era o povo daquele antigo continente, mas também para revelar que, ao deixarem a forma mortal, se tornaram uma raça de espíritos felizes, elevados e intelectualmente desenvolvidos.

Uma raça assim, ao povoar os reinos superiores, gerava e expandia uma aura ou atmosfera de tal beleza, força e durabilidade que não podia ser destruída. A partir dessa matéria luminosa e útil, formaram-se não apenas outras esferas de glória e funcionalidade, mas também um invólucro de poder protetor, que envolvia e protegia tudo aquilo a que se ligava, tornando-se escudo de força e vida.

Assim, as idades antigas ficaram preenchidas com a glória de um "eu" evoluído que, mesmo na Terra, impregnava a atmosfera com um elemento magnético e uma influência espiritual que, apesar de séculos de devastação, perturbações atmosféricas, convulsões humanas, guerras, fome e degradação, jamais puderam ser completamente apagadas.

No continente de que tratamos neste texto — que era apenas um símbolo de outras terras e nações, tanto contemporâneas como sucessoras — vivia um povo que erguia os seus altares a um Deus desconhecido, mas eterno. Embora acreditassem em deuses tutelares e planetários, com os quais podiam ter um certo grau de contacto, tinham fé num Deus Infinito e Supremo, Governante de todo o Universo, a quem prestavam culto como o Todo-Poderoso.

Contudo, mesmo estes seres inteligentes e elevados desejavam um sinal e exigiam um símbolo da vida omnipotente, e encontraram-no no sol fecundante, que dava luz e calor à terra. Nesse sol viam um Deus infalível — símbolo de beleza e de vida, mas apenas um símbolo, e nunca o próprio Deus que veneravam e adoravam.

Não dedicavam toda a sua atenção e devoção apenas a um Espírito Supremo masculino — simbolizado pelo sol — pois, embora reconhecessem no astro solar a fonte de luz e calor, acreditavam também numa entidade feminina, consorte e complemento do Deus masculino, cujas forças potenciais eram tão importantes para a terra e para os seus habitantes quanto as do grande Luminar.

Assim, encontraram na Lua o símbolo do elemento feminino e prestavam homenagem a Luna, a grande mãe, nos seus altares e santuários, celebrando mensalmente uma cerimónia especial de cânticos e música em sua honra, na lua cheia, quando os seus raios resplandecentes banhavam a terra, transformando toda a bela paisagem numa luz prateada. Na influência da Lua sobre a terra, estes antigos viam um significado e um sinal que só poderia ser interpretado como uma obra de beneficência e boa vontade.

Estudavam os movimentos das marés em relação à influência de Luna e tiravam as suas próprias conclusões. Descobriram também que as colheitas aumentavam ou eram perturbadas pelo poder da lua, que certas sementes, se semeadas na lua cheia, germinavam e frutificavam com notável vigor, enquanto outras, se plantadas na mesma altura, apodreciam no solo ou davam uma colheita fraca.

Observaram ainda que a mulher era influenciada nos seus poderes procriativos e funções físicas pelos movimentos da lua, chegando à conclusão de que o sol e a lua tinham uma relação especial entre si, com a ação planetária e também com os seres humanos. Adotaram, por isso, os corpos solar e lunar como símbolos da dualidade da divindade.

Os antigos de que falamos acreditavam que tudo tinha uma natureza dual, viam o princípio masculino e feminino em toda a vida. Nada concebiam sem um complemento ou companheiro, e um dos dogmas vitais da sua religião era que nenhuma entidade espiritual podia ser completa — anjo, arcanjo ou espírito tutelar — sem incorporar a dualidade do ser, homem e mulher, contrapartes ou almas gémeas, dois corpos, dois germes de alma, mas um só todo harmonioso.

A religião primitiva era um reconhecimento belo e simples da fonte inteligente e gloriosa de toda a vida e poder. Era uma fé tranquila na sabedoria suprema e na justiça desse Ser omnipotente, e um esforço constante do homem para crescer em compreensão da lei divina e viver pessoalmente com pureza de pensamento e de intenção, de modo a estar apto a alcançar as moradas superiores da imortalidade após a morte, assim como merecer a comunhão com seres elevados ainda em forma física.

No continente deste povo, não havia guerras, pois só muito tempo depois é que o homem entrou num estado de conflito com os seus semelhantes e procurou, através da força física e da conquista, elevar-se a grandes alturas de fama e autoridade. Para os antigos, simples mas refinados e cultos, pegar em armas contra outro homem seria um ato de barbárie — tão impensável como matar os próprios filhos ou as esposas que amavam. Por isso, não tinham armas de ataque nem de defesa, pois não havia necessidade disso.

Animais selvagens não os perturbavam, e na verdade nem sequer existiam no continente, e quando métodos de eliminação se tornavam necessários — como no caso de remover discretamente um idiota ou imbecil — utilizavam-se drogas simples e indolores, que os levavam a um sono sem despertar deste lado da existência.

Até agora, mencionámos um continente como símbolo de vários outros que existiram — em diferentes oceanos — entre vinte e trinta mil anos atrás. Em cada uma dessas grandes massas de terra, habitaram, em épocas sucessivas, raças primitivas que, nos seus modos, pensamentos, cultura e realizações, eram precisamente como descrevemos nas páginas anteriores deste trabalho.

Passamos agora a mencionar de forma especial o continente da antiga Atlântida, com o entendimento de que os leitores considerarão os habitantes deste antigo continente como sendo da mesma classe e carácter daqueles que temos vindo a retratar.

Na história do desenvolvimento do mundo, existiram dois grandes e maravilhosos continentes onde viveram seres humanos avançados, conhecidos pelo nome de Atlântida.

Mas enquanto o mais pequeno e mais recente desses continentes só existiu entre há doze a quinze mil anos, o maior e mais antigo atingiu o auge do seu esplendor e poder há cerca de vinte e seis mil anos. Durante quase mil anos a partir dessa data, o continente floresceu como uma única e magnífica Nação, composta por um povo intelectual e industrioso, cuja virtude e prosperidade jamais foram ultrapassadas nos anais da história humana — até que sobreveio a catástrofe que varreu a Atlântida e todas as suas vastas e maravilhosas possessões da face da Terra.

Este antigo continente da Atlântida situava-se no Oceano Pacífico, sensivelmente a meio caminho entre a Ásia e a América, enquanto a Atlântida de data mais recente se encontrava no Oceano Atlântico, talvez numa latitude semelhante. O velho continente de que falamos estendia-se com o seu brilho de montanhas e planícies por longas distâncias, alcançando quase a proximidade do que hoje são as ilhas do Japão, embora nem toda a sua área fosse habitada — vastas extensões eram regiões montanhosas, não especialmente cobiçadas pelo homem primitivo como locais de habitação.

Mas os vales eram locais belíssimos, férteis e luxuriantes em beleza e florescimento, e foi sobretudo nestes vales que o homem erguia os seus templos e construía as suas casas.

Foram abertas pedreiras com pedras de grão fino e de diversas qualidades e idades, que forneceram grande parte do material com que se construíram os edifícios mais imponentes — enquanto árvores de grande porte, com madeiras de veios belos e capazes de receber um polimento apurado, forneciam a madeira necessária a partir dos quais se construíam muitos artigos úteis e belos, de grande conveniência.

Linho, algodão e um certo tipo de fio de seda eram produzidos a partir de plantas, e os teares da época trabalhavam ativamente na confeção de tecidos de textura delicada mas resistente, e de acabamento requintado. Tecidos ricos e belos, tingidos com cores vivas ou suaves, conforme a habilidade e o gosto dos tintureiros, eram tecidos, e com eles se produziam tapeçarias e cortinas destinadas às escolas e templos dedicados ao saber e à arte.

Naquela época, ninguém pensava em viver em habitações nuas e desprovidas de adorno, nem em colocar os alunos das escolas em salas que não estivessem decoradas com belas tapeçarias e obras de arte cuidadosamente escolhidas. A beleza, tanto a da natureza como a do engenho humano, era convocada para servir às necessidades e ao gosto do homem, e os templos e escolas estavam especialmente enriquecidos com tudo o que pudesse deleitar o olhar e apelar ao gosto estético do povo.

O homem, na sua simplicidade primitiva, acreditava que a vida significava crescimento e desenvolvimento, e que a riqueza e a beleza do reino terrestre existiam para uso quotidiano como fator educativo no desabrochar da natureza espiritual. Por isso, acreditava em trazer tudo o que pudesse ser obtido ou moldado pela habilidade a partir dos produtos da terra, da madeira, da pedra ou do campo, para o uso e admiração da humanidade, aplicando tudo isso à vida prática do dia a dia.

Era reconhecido que o amor pela beleza era um princípio inato no ser humano, e que, ao satisfazer esse amor e admiração, alimentavam-se os instintos e qualidades mais nobres do espírito, que contribuíam para o desenvolvimento da natureza espiritual e a sua sintonia com os atributos divinos da vida.

Assim, nas escolas, os estudantes estavam rodeados por belos cortinados, quadros requintados, esculturas nobres e outras produções da arte ou da natureza, concebidas para suscitar as influências mais suaves do ser. A música suave era tocada em intervalos entre os estudos, e os exercícios vocais, orientados por mestres especializados na arte do canto,

faziam parte da formação escolar. Por conseguinte, não havia crescimento brutal das paixões e dos impulsos carnais nas vidas da juventude daquela época, pois o próprio ambiente estava impregnado das qualidades refinadas de tudo o que era doce e bom.

Contudo, o povo não era de modo algum fraco ou pusilânime em carácter ou mentalidade, nem lhes faltava força ou resistência física. Como já foi referido, todos eram trabalhadores — cada ser humano era preparado e treinado para algum tipo de trabalho manual, bem como intelectual. E, no exercício do cérebro e do músculo, desenvolviam uma força física e uma capacidade de pensamento e de planeamento verdadeiramente notáveis. Também não lhes faltava coragem nem resistência mental — eram um povo corajoso e autónomo, e nenhum deles teria sido fraco ou desamparado, mesmo que o destino os lançasse a costas desconhecidas ou mares abertos.

Ao tentar retratar algo da vida e dos hábitos deste povo antigo, é difícil transmitir uma ideia adequada, pois o mundo moderno dificilmente acreditaria na beleza e simplicidade de um povo que vivia rodeado de luxo, arte, conhecimento — e, no entanto, subsistia com os frutos do jardim e do campo, vestindo roupas simples feitas em casa, mesmo quando tinham à sua disposição todas as magnificências de uma terra repleta das mais grandiosas produções.

Mas assim era. Pois embora as tapeçarias de seda e as belas obras de arte adornassem escolas, templos e muitas casas, o povo alimentava-se de frutos simples, frutos secos e óleos vegetais, vestindo-se com roupas de corte modesto, mas de feitio gracioso.

Era um povo estudioso, satisfeito por se aprimorar com a instrução dos mestres e dos sumos sacerdotes, estudando as artes e ciências, bem como os vários ramos da indústria — não com o objetivo de melhorar a sua posição material ou acumular riqueza, mas para se tornarem mais sábios e preparados para embelezar o mundo espiritual que um dia viriam a habitar.

Muitas das cidades do interior da antiga Atlântida eram construídas em forma circular, embora houvesse algumas, como Humenia, que, situadas junto ao mar, tinham o formato de uma meia-lua, cujos dois extremos pareciam tocar as águas.

As cidades circulares eram geralmente construídas com uma pedra branca e brilhante, semelhante ao alabastro, de natureza muito durável. Esta pedra, embora extremamente dura, podia ser trabalhada pelas ferramentas bem temperadas dos gravadores e escultores, que nela esculpiam belos desenhos para ornamentação de edifícios, fontes e praças. No centro de cada cidade circular, erguia-se sempre um templo elevado, dedicado às artes, às ciências, ao saber em geral e ao serviço religioso.

Era uma estrutura imensa, com diversos departamentos, muitos salões e alas, cada um adaptado a um fim específico. Nesse templo, o sumo sacerdote e supervisor de todas as escolas desempenhava o seu trabalho e realizava as suas maravilhosas obras em prol da educação e do esclarecimento do povo. Ali também os seus assistentes e auxiliares instruíam e treinavam os seus discípulos e aprendizes, conforme as suas funções e necessidades.

É um dito comum — e verdadeiro — que nada há de novo sob o sol, pois em todos os domínios do pensamento e da realização humana, tudo já existiu em épocas anteriores. A natureza repetiu-se não só na criação dos planetas e na formação dos continentes, mas também na história das nações e dos homens.

Por isso, nada há hoje na Terra, por mais magnífico que seja, que não tenha tido um protótipo no passado — e o mesmo se pode afirmar das formas mais rudes e grosseiras ainda existentes.

A arte e a ciência podem hoje ser consideradas líderes do mundo pelas suas generosas criações e revelações. Contudo, em tempos passados, esses ramos da revelação e realização humana — ainda que divinos — superavam largamente as maiores obras da modernidade.

Diante deste facto, perdoa-se ao homem que pense que o mundo está a regredir em vez de avançar nas formas superiores de civilização, conhecimento e realização. Mas não é assim — a humanidade está constantemente a ascender em direção a coisas mais elevadas e gloriosas, e o progresso, no seu conjunto, é sempre em frente.

Os planetas, na sua evolução, desenvolvendo sucessivamente tipos cada vez mais elevados de forma e espécie, e passando por condições climáticas cada vez mais grandiosas, atravessam os seus períodos de vida e de escuridão, de tempestade e de bonança. O mesmo acontece com a humanidade, no seu desabrochar para graus mais altos de conhecimento e poder — atravessando fases de aparente decadência e retrocesso, mas, apesar de tudo, avançando sempre na marcha progressiva rumo à mais elevada cultura, ao maior poder e saber, e aos cumes mais sublimes de amor. Assim avança o mundo, cada época enfrentando os seus fracassos e triunfos para, em última instância, beneficiar deles.

XXIII

Os atlantes falavam uma língua musical, isenta de expressões idiomáticas e de uma pureza e simplicidade absolutas. Utilizavam amplamente os símbolos, e os seus artistas produziam muitas imagens simbólicas da vida e dos tempos em que viviam.

Os sumos sacerdotes dos templos eram como pais bondosos e benévolos para o seu povo, mas não o conduziam cegamente. Cada homem, mulher e criança que ouvia os seus ensinamentos era incentivado a cultivar hábitos de pensamento e reflexão, bem como a prática da investigação, para que todos pudessem estar bem informados sobre qualquer assunto e qualificados para o discutir e compreender com inteligência.

O sumo sacerdote era, assim, um verdadeiro mestre — e não apenas um ministro de culto religioso — e o seu orgulho residia em formar os seus seguidores de modo a que demonstrassem o mais elevado desabrochar intelectual e espiritual.

O governo da nação era do povo, que elegia os seus governantes por voto. O chefe da nação era um indivíduo de grande saber, pensamento prático e sabedoria, escolhido por aclamação. Este nomeava os seus conselheiros — homens e mulheres de elevada reputação, cultura, sabedoria e refinamento. Esses conselheiros formavam, com ele, um conselho de doze membros, e as nomeações eram sempre ratificadas pelo povo. Se algum dos nomeados

fosse rejeitado por voto popular, seria dispensado e o lugar ocupado por outro eleito pela população.

O continente estava dividido em distritos — semelhantes aos estados da América — cada um presidido pelo sumo sacerdote do templo local, que supervisionava os diversos cargos e funcionários do seu conselho, consultando-os em todos os assuntos importantes do estado.

Este sumo sacerdote e o seu corpo de colaboradores eram todos escolhidos pelo povo. O sacerdote mantinha o cargo por toda a vida, enquanto os demais funcionários exerciam mandatos de cinco ou dez anos, podendo ser reeleitos. Esperava-se que cada homem instruído do distrito fosse capaz de ocupar qualquer cargo elevado, se chamado para tal. Por isso, a formação escolar incluía conhecimentos de governação e de princípios económicos, implantados na mente de cada aluno.

O sistema de governo era de carácter paternal e patriarcal. O governo geria as indústrias e, por meio dos seus departamentos, atribuía a cada cidadão a sua parte do trabalho. Todos os produtos dos campos e pomares eram armazenados em celeiros ou armazéns comuns, sendo depois distribuídos ou utilizados de acordo com a sabedoria e decisão do conselho. Cada indivíduo trabalhador recebia a sua quota proporcional.

A força elétrica era amplamente empregue nas várias indústrias e era bem compreendida. As suas máquinas eram delicadamente construídas, sem peso ou volume excessivo. A eletricidade era especialmente usada nos meios de transporte — carros, navios e veículos aéreos eram movidos por este agente útil.

Como as indústrias eram conduzidas com sabedoria e justiça, e com uma distribuição equilibrada, não se exigiam longas jornadas de trabalho. O dia dividia-se em quatro partes: seis horas de trabalho ativo, seis horas de estudo, seis horas para lazer, convívio, sessões de comunicação com o mundo invisível e entretenimento saudável, e seis horas de sono.

Esta era a proporção diária para os que estavam em idade laboral. Sendo um povo saudável e fiel à natureza, os atlantes não se esgotavam facilmente — seis horas de sono bastavam para a recuperação das suas forças. Assim, dispunham de muitas horas para desenvolver os seus gostos, cultivar amizades e qualidades pessoais, estudar temas profundos e realizar os trabalhos necessários.

A vida no continente era feliz. O bom humor e a sociabilidade abundavam, a hospitalidade era marca dos lares. Todo o país era habitado por uma população contente, gentil, cortês e inteligente, que irradiava um ambiente de boa vontade e alegria, uma aura de luz e perfume que impregnava tudo com o seu calor e esplendor.

Não havia pobreza em Atlântida. Ninguém podia tornar-se pobre ou miserável, pois não havia injustiça nem discórdia em todo o reino — por isso, a mendicidade era desconhecida. Um viajante podia atravessar qualquer distrito habitado sem levar alimento ou moeda, pois sabia que seria acolhido com gentileza, como se fosse da família, e com a mesma certeza acolheria qualquer outro viajante na sua terra. De facto, os habitantes de cada distrito

sentiam-se como irmãos e irmãs de uma grande família, tendo o sumo sacerdote como pai e a sua consorte como mãe de todos.

Qualquer visitante de outros distritos era acolhido como se fosse um parente esperado e querido.

Todos os sacerdotes e funcionários eram pessoas casadas. O celibato não era praticado nem apreciado no antigo continente; valorizavam-se e mantinham-se as relações conjugais. As alegrias do matrimónio eram exaltadas, e a dualidade da vida, simbolizada na união entre homem e mulher, era considerada um reflexo da grande Força Dual do Ser, representada pelos astros solar e lunar.

Nessa época não existia desigualdade entre os sexos — homens e mulheres ocupavam o mesmo plano. Em séculos posteriores, surgiram povos noutras regiões do planeta onde a mulher chegou a ocupar cargos superiores e a governar o estado, mas na época dos antigos atlantes, homem e mulher partilhavam o mesmo estatuto, sendo complementares em sabedoria, ordem, conhecimento e poder.

Cada sumo sacerdote tinha a sua consorte, igualmente digna, honrada e inteligente — o mesmo acontecia com todos os demais cargos oficiais, cujos ocupantes tinham também o seu par masculino ou feminino correspondente.

As mulheres ocupavam frequentemente cargos importantes e desempenhavam as suas funções com sabedoria e competência. Ocupando uma posição de igualdade com o homem e dispondo das mesmas oportunidades de desenvolver as suas qualidades intelectuais e espirituais, não surpreende que os filhos dessas mulheres nascessem preparados para os desafios e responsabilidades da vida.

Assim, na antiga Atlântida, reinavam a beleza e o esplendor do paraíso. Era o jardim do mundo. O seu povo representava o ideal do ser humano em plenitude. Foi uma idade de ouro, onde prevaleciam os princípios mais elevados da humanidade. E ainda nos dizem que uma era mais elevada, mais grandiosa e mais bela surgirá na Terra, antes que o planeta atinja o seu ponto máximo de progresso e inicie a sua descida.

Os Atlantes possuíam o conhecimento da impressão ou da transcrição do pensamento em linguagem de forma a preservá-lo para as gerações futuras. Contudo, desconheciam a maquinaria pesada das modernas salas de impressão. O seu método de impressão era diferente do processo atual: as suas prensas eram construídas com estruturas delicadas, e os impressores eram homens de génio e habilidade, cujo bom juízo selecionava as notícias e os conteúdos a publicar.

Pouco se imprimia sobre assuntos locais, mas eram abundantes as notícias provenientes das regiões espirituais superiores, transmitidas através de Médiuns, acompanhadas de boletins informativos ilustrados com imagens adequadas ao tema tratado, que eram frequentemente distribuídos por todo o distrito e pelo território.

Os habitantes das cidades dedicavam-se maioritariamente às artes mecânicas e industriais, ou desenvolviam-se como músicos, cantores, poetas, pintores e cientistas. Já os

que viviam nas zonas rurais eram agricultores e artesãos da madeira e da pedra. A cada sete dias, as populações de todo o distrito reuniam-se no templo e seus arredores, enchendo a cidade de uma multidão alegre. Nessa ocasião, realizavam-se atos públicos que incluíam pregações, cânticos, música, oratória e exposições de arte. O serviço desse dia era essencialmente religioso, mas possuía também um significado espiritual e intelectual que era profundamente valorizado pelos seus participantes.

Nesse dia de encontro geral, celebrava-se uma festa de frutos, milho e sumos não fermentados, durante a qual se faziam libações sobre um altar coroado de flores em honra dos deuses, e se elevavam cânticos de gratidão ao Ser Supremo pela dádiva da vida.

O milho e o arroz eram cultivados em abundância no continente, oferecendo alimento nutritivo a todos. Eram bem confecionados e consumidos com mel silvestre ou sumos doces destilados de frutas saborosas, sendo muito apreciados pelas suas qualidades nutritivas e gustativas.

De seis em seis meses, o governo central organizava um festival especial na cidade capital, o mais importante de toda a nação, para o qual muitos habitantes dos diversos distritos se deslocavam, pois era considerado um festival dedicado aos deuses.

Os antigos Atlantes eram um povo nobre, tanto na aparência física como na cultura espiritual e na capacidade mental. Não tinham dúvidas quanto à imortalidade da alma, pois estavam em constante comunhão com os habitantes dos reinos superiores, dos quais provinham grande parte do seu notável saber e da sua formação nas artes e nas ciências.

Cada um dos grandes templos do vasto continente era erguido em torno de uma praça ou pátio pavimentado com pedras preciosas. No centro dessa ampla praça, erguia-se um altar magnífico, construído segundo linhas geométricas e com um trabalho requintado. Era feito de um metal raro e brilhante, tão polido que os raios do sol se refletiam nele como num espelho de cristal. Sobre este altar, amontoavam-se diariamente frutos e flores em grande abundância — não como oferendas a um deus desconhecido, mas como doces oferendas aos guias espirituais que dirigiam e acompanhavam o povo. Ao cair da noite, essas ervas e frutos eram queimados, e o incenso que se elevava, de aroma delicado, parecia uma oferenda adequada ao mundo celestial.

O clima do continente era equilibrado — cresciam abundantemente frutos e flores de clima semitropical. Uma exuberância de crescimento — não em desordem, mas em simetria harmoniosa — marcava os vales e as encostas de cada cordilheira. As estações variavam pouco em temperatura e condições atmosféricas. A época correspondente ao verão era caracterizada por ventos quentes, desconhecidos no inverno, mas que eram suavizados pela frescura do mar, enquanto as estações mais frescas não apresentavam geadas nem nevões. Assim, em todas as épocas do ano, flores e frutos cresciam em abundância.

Não havia tempestades violentas; cada período do tempo tinha as suas horas de sol e as suas chuvas suaves e refrescantes que alimentavam a terra e o relvado com o seu orvalho benéfico. As noites, geralmente, eram agradavelmente frescas e apresentavam uma radiância límpida e bela, que conferia um encanto mágico aos vales e colinas.

As colheitas eram facilmente produzidas, e o lavrador colhia fartas recompensas pelo seu esforço nos pomares e nos campos. Atlântida era um mundo belo, um continente de poder e esplendor, capaz de gerar produtos extraordinários da natureza e da humanidade. Um reino que qualquer grande potentado da Terra invejaria e desejaria governar.

Mas Atlântida pertence ao passado; milhares de anos passaram sobre o seu túmulo nas profundezas do oceano. Épocas vieram e foram. Nações ergueram-se e decaíram. Mundos nasceram em beleza e seguiram o seu caminho luminoso; raças surgiram na cena da ação terrestre e foram absorvidas pela poderosa maré da evolução e do tempo. Contudo, as ondas continuam a cantar o seu réquiem sobre os túmulos da antiga Atlântida, e as suas magníficas cidades permanecem soterradas, bem fundo sob as águas cintilantes do mar inquieto.

A cidade capital daquele antigo continente situava-se no centro do território, de forma a ser acessível a todas as regiões habitadas. Era uma cidade esplêndida, de aparência circular, construída com pedras reluzentes — algumas de brancura alabastrina, outras de tons iridescentes como o nácar. Os edifícios públicos eram grandiosos e numerosos, fazendo com que a cidade brilhasse à luz do sol — ou mesmo sob o luar ondulante — como se estivesse cravejada de joias magníficas e imensas, que por vezes reluziam com luz interior e noutras com luz iridescente. Nesta cidade central encontravam-se os principais edifícios governamentais e das funções nacionais. Aqui também residiam altos funcionários, sacerdotes, mestres, videntes e filósofos.

Desta parte do mundo saíram muitas figuras avançadas para fundar escolas ou assumir cargos de confiança noutros locais. De seis em seis meses — segundo a contagem atual do tempo — os sumo-sacerdotes e mestres de cada distrito deslocavam-se à capital para se reunirem com o chefe supremo da Nação. As deliberações destes conselhos duravam três dias, após os quais os visitantes regressavam aos seus lares e responsabilidades, continuando o seu trabalho com fidelidade e zelo. A cidade capital albergava muitos templos de beleza e saber — mas o mais importante era a sede do governo, que ocupava uma imensa praça e era presidido pelo líder da Nação e sua nobre consorte.

Para facilitar, chamaremos Etrúria à principal cidade da nação, e Constantia ao chefe supremo, pois aproximamo-nos de uma época na História de Atlântida em que a presidência de uma entre várias grandes e virtuosas almas que marcaram a existência do continente se destaca nos anais espirituais com brilho e poder. O período de que agora falamos não corresponde ao século final de Atlântida, mas sim a uma era que o precedeu em trezentos anos. Importa aqui referir que os Atlantes, enquanto raça, eram longevos, e não era raro ver indivíduos com mais de cem anos em plena atividade, com a aparência e vigor de alguém em perfeita saúde.

Nessa época — quando Constantia governava os destinos da nação — o chefe supremo era geralmente eleito por um mandato correspondente a vinte e cinco anos da nossa era moderna, mas ao fim desse período, tornou-se lei que o presidente, tal como os sumo-sacerdotes e os governadores distritais, ocupassem o cargo vitaliciamente. A possibilidade de algum dirigente merecer destituição ou ser alvo de impeachment jamais passava pela

mente deste povo simples e harmonioso. O continente prosperara durante mais de mil anos sem sinais de traição ou má gestão por parte dos seus governantes; e tão bem se preservavam a sabedoria e a dignidade, que um patriarca centenário era plenamente capaz de guiar os assuntos do Estado.

Na verdade, havia pouca maquinaria técnica ou complexa a gerir. Regras simples de vida, leis benéficas e ensinamentos espirituais compunham o código tanto de governo como de moral.

Religião e política eram uma só, no sentido em que o conhecimento da lei espiritual e a sua relação com o ser humano sustentava a lei criada pelos homens, que protegia e orientava a nação e os seus tutelados. Tudo o que tinha importância para a raça — fosse de natureza religiosa ou política — possuía igual significado para o povo, e, como reinava a harmonia, o país assemelhava-se a um belo lar onde cada membro da família cumpria o seu papel com a maior boa vontade e graça.

Durante o governo de Constantia, surgiu a prática de realizar sessões espíritas em intervalos regulares, nas quais mensageiros superiores de reinos celestiais se manifestavam, trazendo anúncios significativos do alto. Isto ocorreu por iniciativa de Stancia, esposa do chefe supremo, cujos poderes ocultos de perceção eram de natureza grandiosa.

As sessões de comunhão com forças e inteligências invisíveis já eram há muito praticadas pelos sumo-sacerdotes e diversos mestres dos diferentes distritos, mas o povo comum ainda não participava. Foi então que Stancia declarou que os Deuses Tutelares do planeta lhe haviam comunicado, através dos seus colaboradores planetários, que chegara o tempo de as massas serem mais plenamente instruídas na sabedoria e no conhecimento dos céus. Deveriam passar a realizar-se sessões em cada comunidade, abertas a todos os que quisessem participar, e ela — Stancia — partiria em visita a cada distrito, promovendo sessões públicas e ativando as forças e inteligências do ar no desenvolvimento de médiuns para a comunhão das almas.

Foi também anunciado que seres planetários de seis planetas iriam visitar a Terra e, através da mediunidade de Stancia, fundar uma ordem de grande poder e significado, que incluiria nos seus rituais os direitos observados por corpos semelhantes noutros planetas mais antigos. Esta ordem seria composta por todas as pessoas que tivessem atingido certa idade e grau de experiência, e que estivessem dispostas a treinar-se e preparar-se especialmente para a sua iniciação, tornando-se assim parte de uma classe de médiuns ou videntes dotados de imenso poder.

Foi ainda revelado a Stancia pelos Deuses Tutelares — através dos seus agentes — que, dentro de alguns séculos, Atlântida seria submersa, e todo o seu povo pereceria, com exceção de alguns que, antes disso, partiriam para outras partes do globo. Contudo, os princípios desta antiga ordem planetária seriam preservados e transmitidos às idades e tribos futuras da humanidade, sendo repetidamente incorporados em novas formas e manifestações para o progresso e instrução da espécie humana.

De acordo com as instruções transmitidas a Stancia pelos guias planetários, iniciou-se a obra de abertura de sessões em vários distritos e de estabelecimento de uma ordem oculta composta por indivíduos que demonstrassem disposição e capacidade para seguir as regras especiais de treino e cultura que lhes eram propostas.

Começando pela fundação desta escola oculta e da primeira sessão no templo principal de Etrúria, Stancia e Constantia visitaram sucessivamente cada distrito do país, continuando o trabalho iniciado.

Então, muitas pessoas acorreram para conhecer aquilo que lhes seria revelado por intermédio da primeira-dama da nação, e a ordem que ela estabeleceu cresceu e floresceu até incluir representantes de cada família do país.

Em cada distrito, a filial da Ordem realizava os seus conselhos quinzenalmente no templo da cidade, e nestes encontros regulares decorriam diversos exercícios. Entre eles, havia música suave e a emissão de sons de instrumentos musicais invisíveis ao olho mortal, mas claramente visíveis nas mãos de visitantes celestiais, através da visão psíquica dos sensitivos presentes.

Também era lida uma comunicação do Conselho, enviada por Stancia, com temas sobre estudos planetários e espirituais que deviam ser analisados e discutidos pelos membros da Ordem, bem como mensagens recebidas e transcritas pelos Médiuns no templo, diretamente do mundo espiritual. Nestes encontros, muito conhecimento sobre a vida e o Universo era transmitido pelos reinos celestiais, e sob os auspícios desta grandiosa ordem de estudo e investigação psíquica, o país prosperava como nunca antes.

A cada treze meses — que, naquela época, constituíam um ano — havia um grande encontro de todas as filiais da ordem mística em Etrúria, onde se partilhavam sabedorias e se comparavam os esforços realizados.

Neste grande conclave, Stancia era sempre inspirada a proferir um discurso de longa duração, dotado de eloquência e poder incomparáveis, que mantinha os ouvintes completamente absorvidos durante horas, sem que ninguém se sentisse incomodado ou cansado pela extensão das suas palavras.

Durante o desenvolvimento desta ordem e a administração dos assuntos públicos por Constantia e Stancia, uma inteligência planetária de cada um dos seis planetas tomava frequentemente posse do corpo da sua oráculo, transmitindo informações extraordinárias sobre os códigos éticos vigentes nos seus mundos de origem.

Destas revelações compreendeu-se que cada planeta do sistema solar era, mesmo naquela era remota, habitado por inteligências humanas avançadas, e que assim fora desde tempos imemoriais. Foi também revelado que existiam milhões de outros planetas no universo, mundos habitáveis, e que incontáveis sistemas solares giravam no espaço, cada um compondo um universo de potência e poder em si mesmo, preenchendo os céus com glória e luz inexprimível.

Ficou então revelado que o Universo é um círculo de luz sem princípio nem fim, na medida em que a mente humana pode alcançar, e que constitui a estrutura ou corpo do Deus Eterno, no qual, ao centro, arde e brilha a força da alma divina, de onde emanam todos os germes da vida planetária.

Cada estrela, planeta e sol de cada sistema solar é apenas um átomo do grande corpo do Poder Infinito, e o universo estrelado inteiro é a manifestação da inteligência suprema. Quão mais grandiosa e gloriosa é esta conceção divina, em comparação com a dos tempos posteriores, nos quais se acreditava que a pequena Terra era o único corpo habitado dos céus e que as estrelas não passavam de lâmpadas destinadas a iluminar o caminho humano.

Tal crença — que localizava a morada de Deus no centro estreito dos céus teológicos, com um trono branco onde Ele se sentava eternamente rodeado de anjos a proclamar "Hosanas ao Cordeiro" — empalidece diante da grandiosidade desta revelação.

Oh, se pudéssemos transportar os leitores até ao país dos Atlantes, para que ouvissem as revelações de Stancia e se extasiassem com a beleza das delícias atlantes! Mas não — esse jardim dos Deuses encontra-se agora submerso pelas ondas de um mar inquieto, e o seu povo encontrou alegrias mais elevadas na criação de esferas de luz e sabedoria, que hoje acolhem multidões de almas em progresso.

Em todas as épocas da história da Terra, desde os tempos de Atlântida, nasceram seres humanos com conceções verdadeiras sobre a natureza do Universo e de Deus, seres cujas intuições os conduziram pelos verdadeiros caminhos da contemplação e da reflexão, apesar das cruezas da vida externa e das fórmulas estreitas de fé e doutrina que o erro e o engano impuseram ao mundo.

Entre os tutores e visitantes planetários que se manifestaram através de Stancia, destacou-se uma entidade de elevada estatura proveniente de Júpiter — um magnífico exemplar da humanidade, com cerca de quinze pés de altura, de proporções maciças e presença esplendorosa, um ser cujo rosto brilhava como o sol, e cuja essência deveria parecer divina aos oráculos e videntes que o contemplavam. O visitante planetário não entrou, como tal, na aura de Stancia, mas envolveu-a e sombreou-a com a sua atmosfera gloriosa e a sua influência. E enquanto Stancia se encontrava sob essa posse espiritual, o seu próprio rosto e figura tornavam-se iluminados e transfigurados para além do que a mente humana pode descrever.

Foi através deste visitante vindo daquele planeta maravilhoso e majestoso, hoje chamado Júpiter, que se obteve conhecimento sobre o seu mundo — informações acerca da sua vastidão, da sua grandeza, das suas possibilidades impressionantes, do seu povo e dos seus modos de vida, todos eles muito à frente, até mesmo da bela vida atlante na Terra.

Com este visitante jupiteriano, também se adquiriu conhecimento do seu código moral. Contudo, é importante referir que, em planetas avançados, na verdade não existe necessidade de um código moral expresso, pois os seus habitantes são uma lei em si mesmos — uma lei de pureza, bondade e sabedoria.

A linguagem do povo de Júpiter é universal, mas muito diferente de qualquer língua ou dialeto que alguma vez tenha existido na Terra. No entanto, o instrutor planetário soube adaptar-se à compreensão dos Atlantes e, se hoje pudéssemos reproduzir para o povo da Terra a doçura, o significado elevado e a pureza das expressões de pensamento e linguagem de Atlântida, seria um prazer transmitir a ética moral vinda de Júpiter à humanidade atual. Ainda assim, se fizermos o nosso melhor, talvez consigamos tocar algumas almas intuitivas que estejam prontas para a verdade. Traduzido da transcrição atlante de fragmentos da revelação jupiteriana, citamos o seguinte:

"Do tempo não houve princípio, nem pode haver fim. O universo do espaço sempre existiu e sempre existirá. A essência da vida planetária reside no seio do poder infinito, e constantemente toma forma ao sopro e à vontade de Deus. A causalidade eterna rege o Universo. A sua potência gera incessantemente novas formas de ser e de atividade. Deus sempre foi e sempre será. A mente finita não compreende Deus. A génese dos mundos e dos homens pode ser revelada, mas não há génese para a força criadora de Deus, pois aquilo que sempre existiu e sempre existirá não tem geração nem história.

Nascimento, crescimento e declínio não têm parte na vida de Deus. O homem é apenas uma gota no fluxo da vida infinita; as gotas cedem a sua força, as formas dissolvem-se, mas as qualidades potenciais vivem para sempre em novas formas e atividades revitalizadas. O homem vive eternamente no poder e força da alma. Ele é um microcosmo do Universo. Dentro do seu ser existem todas as maravilhosas artérias, tecidos, fibras e forças do grande todo, em miniatura. O que a forma viva e respirante é para a alma, é o Universo para Deus; sem a essência e luz da alma, o corpo do homem não teria poder, não se manteria como forma organizada. Sem Deus, o Universo estaria desprovido de força e luz, não se manteria como estrutura de mundos.

Deus é luz, Deus é força, Deus é inteligência, Deus é vida. As almas avançam de mundo em mundo. Nenhum ego humano está destinado a permanecer eternamente num só planeta ou nas suas zonas espirituais. As eras podem passar enquanto a entidade adquire experiência e desenvolvimento num planeta ou noutro. Milhares de anos são apenas como sussurros do mar do espírito. Dez mil vezes dez mil anos podem passar enquanto um ser aprende as suas lições num mundo, e ainda assim ele continuará a avançar para planetas superiores, guiado pela música das esferas que marcham, conquistando novas distinções, buscando sempre novos caminhos de sabedoria e poder.

A eternidade engole milhões de anos, e a alma avança para novas condições; prossegue rumo aos planetas que ardem em glória celestial ao longo da estrada das estrelas. Sempre em frente, de zona em zona, de Via Láctea em Via Láctea, para sempre em frente — não só, mas acompanhado por legiões fraternas cujo caminho é, tal como o seu, eternamente para diante."

Estes são fragmentos do que os Atlantes receberam nos dias de Stancia, a oráculo. Aqui se apresenta também um resumo do código moral não escrito dos jupiterianos — um código do qual não há apelo nem desvio, não escrito, mas aceite e praticado por todos:

"Deus é luz — portanto devemos procurar caminhar na luz."
"Deus é luz — por isso devemos habitar na luz, e a luz deve habitar em nós."
"Deus é luz, Deus está na alma do homem, logo, a luz é a alma.
Assim devemos desenvolver a alma por meio de uma vida sábia e prática nobre, para que a luz irradie de nós e através de nós, iluminando todo o nosso caminho."
"Deus é amor — portanto devemos procurar viver no amor."
"Deus é amor — por isso devemos habitar no amor, e o amor deve habitar em nós."
"Deus é amor — assim, ao trabalharmos através do amor para o bem da humanidade, contemplamos o rosto de Deus.

Ao cultivar o amor na alma e difundi-lo em luz, sentiremos a presença e o sopro de Deus."
"Deus é sabedoria — procuremos então a sabedoria e a compreensão, e assim procuraremos Deus e a Sua glória. Deus é sabedoria, e ao crescermos em sabedoria, cresceremos na semelhança de Deus, que é beleza e poder."

"Deus é vida — na vida vivemos, respiramos e nos movemos, na vida moldada pelos mais altos princípios de luz, amor e sabedoria. Na vida estamos centrados nas vastas possibilidades e potências da Causa e da Expressão. Na vida somos um com Deus."
"A luz dissipa as trevas, o amor cria harmonia, a sabedoria gera poder, a vida contém todas as potencialidades.

A vida é Deus.
O homem está em Deus, é de Deus. Deus é o bem eterno.
O homem deve trabalhar pelo bem, crescer pelo bem, viver para o bem.
Só quem é bom pode gerar luz, amor, sabedoria e viver a verdadeira vida."

Tal é a imperfeita transcrição do código moral e credo não escrito dos jupiterianos, transmitido ao povo de Atlântida por intermédio de Stancia, a bela esposa de Constantia, o bondoso e sábio magistrado de uma nação de seres humanos inteligentes e pacíficos, que floresceu na Terra, na terra do Éden, há vinte e cinco mil anos.

Era costume entre os Atlantes entoar invocações aos altos celestiais que vinham até eles desde esferas e planetas superiores, convidando à sua contínua assistência e exprimindo gratidão pela sua presença. Com o tempo, tornou-se também prática dos visitantes planetários responder em cânticos e ritmos harmoniosos às saudações dos seus filhos na Terra.

Ocorriam ocasionalmente procissões públicas pelas belas ruas da cidade — procissões compostas por inúmeros veículos adornados com flores, repletos de donzelas vestidas de branco, cada uma com um símbolo solar ao peito. Seguia-se uma coluna de jovens rapazes, vestidos com túnicas azul-celeste e com o símbolo da antiga ordem — um crescente e uma

estrela. Após eles vinham o presidente e a sua esposa, envergando túnicas amarelas sedosas e sumptuosas — ele com o emblema do Sol, ela com o da Lua.

Este casal e o seu conselho seguiam juntos numa carruagem branca como a neve, enfeitada com trepadeiras floridas — diferentes das "glórias-da-manhã" dos tempos atuais. A carruagem não era puxada por animais — como todos os veículos da época, era movida por energia elétrica.

A seguir, vinham homens de vigor juvenil, mas com sinais de experiência, trajando elegantes vestes de um verde delicado que simbolizavam a fertilidade da Terra e o seu crescimento luxuriante. Havia músicos que tocavam doces melodias ao longo do percurso, utilizando instrumentos de sopro feitos de material dourado, que executavam com precisão e mestria. Estes músicos também usavam insígnias que simbolizavam as dádivas da natureza, de belo desenho.

Depois destes, marchavam os sumo-sacerdotes com vestes brancas, cingidas com cordões dourados, adornados com miniaturas douradas do globo. Seguiam-se grupos de mestres, filósofos, artistas, músicos, cientistas e videntes — alguns a pé, outros em veículos — todos trajando as vestes e insígnias correspondentes ao seu ofício.

Nem os que iam a pé nem os que seguiam montados o faziam por estatuto ou classe, pois cada um escolhia o seu modo de locomoção; muitos dos mais altos dignitários preferiam caminhar, enquanto alguns dos cidadãos mais humildes seguiam em veículos na grande parada.

Entre os grupos de músicos, havia um que se destacava pela sua beleza e encantava os espectadores: uma banda de harpistas e intérpretes de pequenos instrumentos de cordas — as harpas eram de construção leve, facilmente transportáveis. Este conjunto era composto por um grupo de jovens mulheres encantadoras, representando o mar. Cada uma vestia-se com túnicas de azul coroado por espuma branca, ou de verde cintilante com nuances purpúreas e adornadas de branco puríssimo ao pescoço, imitando as múltiplas e encantadoras tonalidades das ondas do oceano.

Esta procissão, como descrita, era realizada em honra da Natureza — a Deusa da Vida — e geralmente acontecia para celebrar colheitas especialmente abundantes ou eventos naturais de maior significado para o mundo do que os comuns ciclos sazonais.

Mas voltemos a Constantia e à sua bela esposa Stancia, a oráculo, através da qual o presidente recebia conselhos do mundo superior. Constantia instituiu um sistema de exercícios públicos que aproximava o presidente e o seu conselho de todos os cidadãos, fortalecendo os laços de amizade e afeto que uniam o povo.

O clima era tão ameno que a vida ao ar livre era norma, e Constantia mandou converter uma vasta extensão de terra num parque aberto, dividido em praças e canteiros floridos, bosques e bancos de vegetação, adornado com fontes e estátuas de graciosidade e beleza. Era costume do chefe supremo passear nesse parque ao final do dia e manter conversas com quaisquer cidadãos que desejassem falar com ele — pois não havia assunto, por mais

simples ou humilde que fosse, que não fosse considerado digno da atenção do grande e sábio líder.

Foi durante uma dessas visitas ao parque que Constantia, caminhando sozinho por um bosque de altas árvores cuja folhagem projetava sombras em seu redor, viu aproximar-se rapidamente um homem de presença gigantesca, como que surgido do próprio ar.

Este visitante tinha um rosto resplandecente e apresentava-se como alguém vindo de um mundo celestial. Apesar de os membros da classe superior dos Atlantes — como sacerdotes e oráculos — terem uma origem planetária superior e, por isso, uma aparência luminosa e distinta, havia algo naquele visitante que o distinguia até deles: um sinal claro de que pertencia a uma raça mais avançada.

Ao aproximar-se, Constantia percebeu que o homem não caminhava, mas deslizava pelo ar, e trazia na mão um rolo de pergaminho branco cintilante, que brilhava como um feixe de luz nas sombras crescentes do crepúsculo. Era o fim do dia — a maioria do povo já estava em casa, preparando a delicada refeição noturna de bolos, nozes e frutas. Constantia encontrava-se só, pois, àquela hora, Stancia recolhia-se sempre no templo com os seus guias celestiais, geralmente em estado de transe, viajando em espírito por diversos mundos e esferas planetárias, onde encontrava seres de luz e poder.

Assim, Constantia estava sozinho para receber o seu hóspede celestial. O visitante aproximou-se e, num instante, desceu à terra, colocando-se diante do presidente de Atlântida. Mas perante esse ser augusto, o grande presidente parecia uma criança — ou, no mínimo, um anão. O visitante teve então de se sentar no chão para nivelar o seu rosto com o de Constantia.

Todo o rosto e corpo do visitante celestial irradiavam uma estranha e brilhante luz — uma luz que não era da Terra, mas que o envolvia e atravessava. Os seus olhos magníficos estavam cheios de um poder intenso, que parecia penetrar o seu companheiro terrestre por completo.

Constantia nunca antes havia visto um ser como aquele, mas não sentiu medo. Um profundo sentimento de reverência, misturado com admiração, percorreu-lhe o corpo — mas sem qualquer traço de temor. Por um momento, ambos ficaram imóveis, fitando-se nos olhos, em absoluto silêncio. Depois, o visitante falou. A sua voz era como música suave vinda de muito longe, e ao mesmo tempo clara e penetrante.

Traduzida para a linguagem moderna, a fala do celestial foi a seguinte:

"Ó Constantia, filho de uma raça favorecida. Foste escolhido para guiar e representar uma grande e importante nação. Muito antes do teu nascimento mortal, já eras um ser das esferas planetárias. Para que a Terra tivesse uma alma digna que a ajudasse a conduzir os seus destinos e a desenvolver os seus poderes, foste escolhido pelos guias da sabedoria para desceres a este plano mortal e viveres uma experiência em Atlântida.

Stancia, tua consorte, foi tua companheira nos reinos planetários e também veio à Terra para ser tua ajuda e tua parceira. Sabe que Stancia é uma grande vidente e uma alma

avançada. Apenas uma vez concebeu e deu à luz — esse filho é o teu pequeno Fontis. Ele é uma criança dos deuses. Fontis crescerá e florescerá, tornar-se-á um grande mestre e líder do povo. Dos seus descendentes nascerá uma raça de videntes e mestres que serão os sumo-sacerdotes e guias nos últimos anos de Atlântida.

Sabe, ó Constantia, que o continente onde tu e o teu povo vivem está condenado. O seu tempo chegará ao fim dentro de três séculos, quando será tragado pelo mar, e o mundo, em eras que ainda hão de nascer, lamentará o seu destino. Mas assim está escrito na história da Terra. A lei e ação planetária decretaram o fim de Atlântida. Muito antes de a tragédia ocorrer, tu e os teus regressareis às esferas planetárias.

Os teus descendentes — os filhos de Fontis, Cabul e Iberna — grandes obreiros e irmãos, mesmo agora já ativos na vida planetária, participarão na cena final da existência atlante e afundar-se-ão com o continente. Assim foi decretado pela lei do destino universal. Constantia, toma este pergaminho. Leva-o contigo para casa. Não o abras até te juntares a Stancia.

Lê-o com ela junto ao corpo adormecido do vosso filho. Guarda bem o seu conteúdo, não o deixes cair no esquecimento, pois foste escolhido como mensageiro do teu povo. Um mensageiro da verdade vinda dos céus eternos.

Perguntas-te, ó Constantia, quem será o teu visitante.
Sabe, ó filho da Terra, que quem agora fala contigo é um habitante das esferas planetárias de Marte, um obreiro de maravilhas e sinais, aquele que foi teu pai antes que a Terra existisse, antes que fosse lançada ao espaço. Tu és meu filho."

Ao pronunciar estas palavras, ainda sentado no chão, o visitante celestial revelou a sua ligação direta com Constantia. Este, ao ouvir a declaração, sentiu uma onda de emoção varrer-lhe o ser, e diante dos seus olhos abriu-se uma visão de deslumbrante beleza — uma memória de um passado distante onde ele, como entidade espiritual, havia vivido. Era uma visão de vida consciente e ativa em esferas planetárias de luz e esplendor, impossível de descrever em linguagem humana. Por alguns momentos, esta visão ocupou completamente o seu campo de perceção, antes de desaparecer lentamente — não sem antes ele se ver a si próprio como fora outrora, magnífico como ser planetário, e compreender que um dia voltaria a ser tal como aquele ser majestoso que agora lhe dava conselhos.

Chegou então a vez de Constantia falar, de agradecer e reconhecer tudo o que lhe fora revelado — não só neste encontro, mas também nas inúmeras mensagens recebidas por meio da mediunidade de Stancia. Comprometeu-se a educar o seu filho Fontis de modo a fazer emergir nele as mais nobres qualidades de um futuro líder, de uma criança dos céus destinada a ser o antepassado de homens elevados.

Ao terminar o seu discurso, Constantia apercebeu-se de outra presença ao seu lado. Ao olhar para cima, viu Stancia — não em corpo, mas em espírito — flutuando no ar, sorrindo-lhe com olhos cheios de aprovação. Era o espírito de Stancia que, deixando o seu corpo adormecido nos aposentos privados, viera juntar-se ao seu companheiro.

À sua aproximação, o espírito planetário fez uma saudação, à qual Stancia respondeu com reverência, pois em espírito conhecia-o bem — era um dos grandes e gloriosos guias que lidavam com os assuntos da Terra, e já lhe fora apresentado anteriormente como um dos seus guias especiais. Nesse momento, o visitante passou o pergaminho brilhante a Constantia e, ao fazê-lo, ergueu-se, fez um gesto de despedida e ascendeu ao ar, desaparecendo num instante, como se fosse uma névoa dissolvida pelo vento.

Mas Constantia ficou com o pergaminho nas mãos, ciente de que não estivera na presença de uma ilusão ou de um fantasma, mas sim de um verdadeiro ser humano, um visitante vindo de outro planeta. Ao voltar-se para Stancia, percebeu que ela tremia e que murmurava estas palavras:

"O corpo chama-me. Fontis despertou e precisa de mim. Vou. Segue-me sem demora."

E num instante, também ela se foi, deixando Constantia sozinho no entardecer, a caminhar lentamente e em reflexão para casa.

Uma hora depois, Constantia e Stancia encontravam-se sentados junto ao pequeno berço do seu filho. O menino repousava meio adormecido, os seus membros roliços e os lábios entreabertos formando um retrato encantador de inocência e beleza infantil.

Constantia desenrolou o pergaminho que segurava; este estava coberto de caracteres dourados que ele conseguia compreender. Começou a lê-los em voz alta, enquanto Stancia ouvia com atenção contida e respiração suspensa — pois aquela mensagem vinda das esferas celestes chegara até eles de uma forma verdadeiramente incomum.

A mensagem começava assim:

"A Constantia
e ao povo de Atlântida,
Saudações do Planeta Marte.
Saudações e amor dos vossos irmãos em Marte.
Saudações e instruções dos vossos guias no Planeta Marte!

Ao povo de Atlântida, saudação!

Sabei que a Constantia e a Stancia nasceu um filho varão — Fontis, fruto do amor planetário. Sabei que Fontis foi enviado à Terra para abrir os grandes armazéns da sabedoria dos reinos superiores.

Assim se declara que, por um período de doze anos, Fontis deverá ser isolado do mundo, entregue aos cuidados exclusivos dos sumo-sacerdotes de todos os concílios.
Aos treze anos, Fontis aparecerá perante o mundo, e por sua palavra será concedida luz e sabedoria à nação.

Durante doze anos, Fontis liderará o seu povo, e depois, ele e doze jovens escolhidos zarparão rumo a terras desconhecidas.
Fontis e os seus companheiros serão bem acolhidos em ilhas distantes, onde formarão famílias e fundarão lares.

Lá ensinarão às gentes dessas terras as tradições e lendas de Atlântida, incluindo a profecia da sua destruição. Esses registos serão preservados para que as futuras gerações aprendam com eles.

Doze anos depois, Fontis regressará à sua terra natal, deixando para trás os seus companheiros, que viajarão para diferentes países onde fundarão novos lares.
Fontis tornar-se-á novamente um líder e mestre do seu povo.

Dessa união nascerão filhos, que serão grandes homens, e cada um destes gerará um filho — dois netos de Fontis — que também serão líderes e mestres de homens.
Estes dois últimos, Cabul e Iberna, serão conhecidos como os grandes e bons, e estarão entre os principais quando o Destino de Atlântida se cumprir.

Tudo isto é profetizado desde Marte, pelos profetas que leem as histórias dos mundos e acompanham os caminhos dos indivíduos.
Assim se faz esta profecia para que o povo de Atlântida a transmita às gerações futuras como sinal da sabedoria e poder das almas planetárias."

E assim se cumpriram todos os acontecimentos previstos no pergaminho entregue a Constantia pelo espírito planetário. Fontis cresceu, fortalecendo-se na bondade e na graça da juventude. Sendo Constantia também sumo-sacerdote de todos os concílios, tinha autoridade — reforçada pelas instruções planetárias — para manter o seu filho sob tutela direta por doze anos. Durante esse tempo, o rapaz não teve contacto com mais ninguém além dos seus pais e dos seres espirituais que desciam dos planos imortais para o instruir e abençoar.

Aos treze anos, tal como fora profetizado, Fontis surgiu perante o povo como guia e mestre. Acompanhado por um sábio de Etrúria, percorreu o continente pregando, abençoando e revelando maravilhas. Passados doze anos dedicados a esse ministério, Fontis e doze jovens por ele escolhidos embarcaram e zarparam rumo a terras distantes, seguindo as instruções dos altos seres que guiavam a sua vida.

Chegaram a um porto remoto do que hoje conhecemos como a costa ocidental da América do Norte. Ali encontraram uma terra fértil habitada por um povo de tez bronzeada, de fala estranha mas modos gentis. Estes acolheram os viajantes com hospitalidade, oferecendo-lhes abrigo em tendas feitas de casca e folhas.

Embora amáveis e inteligentes, estas gentes eram bastante inferiores em habilidade técnica aos Atlantes. Por isso, os jovens mestres dedicaram-se a ensinar-lhes tudo o que pudesse melhorar o seu conforto e saber.

Fontis e os seus companheiros permaneceram naquela ilha e em outras próximas, construíram belas moradas e casaram com filhas dos chefes locais. As jovens eram criaturas gentis, belas e de espírito aberto, que rapidamente aprenderam a língua e os costumes dos seus companheiros atlantes.

As esposas tinham rostos harmoniosos, longos cabelos negros e brilhantes, olhos grandes e luminosos, feições bem delineadas e figuras graciosas. Com elas, os atlantes

geraram filhos, que foram educados segundo os costumes da sua pátria e que herdaram, juntamente com as mães, o conhecimento da história de Atlântida e a profecia do seu destino final.

Fontis escolheu como esposa a doce e bela filha do chefe supremo da nação local. Ela correspondeu com alegria ao seu amor. Era uma criatura sensível, dotada de grande poder psíquico e, através da sua mediunidade, a sua mãe — já falecida antes da chegada dos atlantes — predissera a união da filha com um homem estrangeiro, vindo de uma terra distante. E tudo se cumpriu como havia sido dito. Fontis casou com a bela filha da natureza que tanto adorava, e juntos criaram um lar ideal.

Fontis e Fontina, como ele chamava carinhosamente a sua esposa, fundaram uma escola de formação manual e intelectual onde acolheram todos os jovens, e até alguns adultos, ensinando-lhes muitos saberes e experiências até então desconhecidos naquele povo.

O tempo passou, e após dez anos de casamento, o velho pai de Fontina faleceu. O povo quis então proclamar Fontis como novo chefe da ilha, mas ele recusou, afirmando que o seu tempo ali chegava ao fim e que ele e a sua família regressariam a Atlântida no prazo de um ano.

Assim, Justa, um dos companheiros leais de Fontis, e Justina, sua esposa, foram escolhidos para liderar a tribo, e o povo aceitou a decisão com contentamento.

Mais um ano se passou, e Fontis declarou que já não podia permanecer afastado das margens atlantes. A embarcação que, durante doze anos, fora utilizada nas águas vizinhas da ilha, foi então renovada e preparada para o regresso de Fontis e dos seus entes queridos. Chegou enfim a hora da despedida, e o lar amado, bem como o povo que se tornara parte da própria vida de Fontis e da sua família, ficou para trás.

Em tempo oportuno, a viagem foi feita, e Fontis regressou à terra onde passara os primeiros anos da sua existência. Mas não regressou só. Embora houvesse deixado para trás todos aqueles que haviam partido com ele de Atlântida doze anos antes, Fontis voltou ao continente amado acompanhado de uma esposa bela e graciosa, e de um encantador filho, nascido a bordo do navio, algures entre a ilha natal da mãe e a terra natal do pai.

Além da esposa e do filho, trouxera também dois jovens nativos da ilha e suas mulheres, que se recusaram a separar-se de Fontina, preferindo seguir com ela para onde quer que fosse.

Como é natural imaginar, houve grande júbilo e celebração não só em Etrúria, mas por várias regiões do continente, pela volta de Fontis. Os seus pais, ainda vivos, aguardavam-no de braços abertos, e todos os seus antigos amigos estavam prontos a recebê-lo de novo nos seus corações.

Fontis instalou-se então numa casa em Etrúria e dedicou-se a cumprir aquilo que os espíritos lhe ordenavam. Em pouco tempo, tornou-se pai de outro filho varão e passou grande parte do seu tempo a educar os seus filhos e a governar os assuntos do povo que o colocara numa posição elevada.

À medida que o tempo avançava, tudo se ia cumprindo conforme fora profetizado — ainda que, por momentos, parecesse que parte da profecia não se concretizaria, pois os descendentes de Fontis só tiveram filhos já em idade muito avançada. Assim, quando Iberna e Cabul vieram ao mundo, já tinham passado mais de duzentos anos desde o dia em que Constantia — que entretanto já havia partido para as Esferas Planetárias — recebera o pergaminho do visitante místico no bosque de Etrúria.

Mas tudo se cumpriu. No último século da História de Atlântida nasceram Iberna e Cabul, filhos de irmãos gémeos, e estes dois cresceram e tornaram-se líderes do povo. Cada um foi nomeado sumo-sacerdote de um distrito distinto, cargos que ainda ocupavam quando a terrível calamidade varreu uma nação e um continente da face da Terra — e tudo o que fora profetizado e ordenado se realizou.

Entretanto, na ilha longínqua que outrora fora o lar de Fontis e Fontina, os nativos continuaram a viver e prosperar. Os descendentes dos doze que ali tinham permanecido tornaram-se fortes e poderosos, e destes nasceram novas gerações, algumas das quais navegaram por mares desconhecidos, fundando lares em terras distantes.

Alguns desses migrantes chegaram ao continente asiático, onde estabeleceram moradas e deram origem a outras raças e tribos. E embora tempestades ferozes assolassem a terra em várias partes, e vagas oceânicas arrasassem com fúria, e convulsões naturais ameaçassem com o fim do mundo, ainda assim, em alguns lugares, grupos de seres humanos sobreviveram. Fugindo de uma parte do mundo para outra, escapando à fúria dos elementos, foram preservadas amostras dos antigos Atlantes — e de outros povos — embora agora num estado mais degenerado. Pois, estando à mercê dos ventos e das ondas, constantemente expulsos de terra em terra, já não podiam manter o esplendor e a dignidade dos seus antepassados nem o prestígio dos grandes seres de outrora.

Lutando com as condições de pobreza, fome, tempestades e perigos de toda a espécie, estes povos fizeram o melhor que puderam para manter-se firmes sobre a Terra e para preservar as lendas e tradições de Atlântida e das Ilhas do Pacífico.

Mas tudo se cumprira. A glória de Atlântida, enquanto mundo grandioso e povo progressista, desaparecera da face da Terra. Contudo, os nobres Atlantes vivem agora em esferas mais elevadas — são hoje Espíritos Antigos, alguns convivendo com deuses e seres tutelares. Alguns deles realizam as maravilhas dos próprios deuses. São entidades vivas, conscientes e grandiosas, capazes de participar na criação de mundos e na orientação dos destinos das nações rumo ao progresso dos tempos.

Eles ainda vivem — não como múmias, nem como fósseis de um passado morto — mas como entidades ativas, cujo poder transcende a linguagem humana e cuja glória não pode ser descrita pela boca dos mortais.

XXIX

Na plenitude da velhice, Constantia — amado por todos os Atlantes — partiu da Terra. Também Stancia já havia partido, mas, embora o seu corpo físico tivesse libertado o espírito, Constantia nunca acreditou que ela o houvesse deixado. Pois não passava uma hora sem que a rejuvenescida e belíssima Stancia estivesse ao seu lado. E não era invisível — nem para ele, nem para o povo — pois a visão interior do ancião tornara-se tão aguçada que ele podia ver a sua esposa a qualquer momento. E quanto a Fontis e sua família, todos tinham sido abençoados com visão espiritual e eram capazes de contemplar a bela Stancia, que se tornara a sua guardiã e guia.

Durante alguns anos após a sua transição, Stancia permaneceu junto a Constantia. Depois, anunciou-lhe que se ausentaria durante meio ano, após o qual voltaria para o conduzir à sua morada espiritual, que nesse momento estaria pronta. Disse-lhe que essa ausência era necessária, pois ele ainda vivia parcialmente do magnetismo que ela lhe transmitia, e os guias das esferas da sabedoria haviam advertido que, para o atrair ao mundo espiritual, ela teria de se ausentar o suficiente para que as forças magnéticas absorvidas por ele perdessem energia, permitindo que o seu vínculo à Terra se atenuasse.

Então, Constantia soube que o seu tempo chegara. Mas no seu coração não havia medo nem perturbação, pois compreendia bem que a passagem da Terra para a imortalidade era apenas um passo, e que nenhum espírito perde o vínculo com a vida.

Naquele longínquo período da história atlante, não existia medo da morte. Jamais se falara em castigos eternos ou sofrimento perpétuo. Nenhum pensamento de um Deus irado ou vingativo inquietava a mente humana.

As lendas e tradições falavam apenas de uma humanidade feliz, pacífica e sábia que ascendera a mundos de beleza e jardins de delícias, de onde derramavam bênçãos sobre as novas gerações da Terra.

E os Atlantes sabiam que nada havia a temer. Sabiam que a morte era apenas uma libertadora, abrindo a porta de escape das limitações para ambientes mais vastos. Sabiam que o amor omnipotente era superior ao amor finito, e que o amor terreno jamais permitiria que os seus filhos caíssem.

Por isso, não temiam. Mestres inspirados haviam-lhes ensinado a vida superior e como evoluir em cultura elevada e poder espiritual. Assim, a beleza e o propósito da vida eram-lhes mostrados, e olhavam para a hora da partida com serenidade e alegria, preparando-se como quem hoje se prepara para o casamento ou para um evento feliz.

Ao mesmo tempo, cada Atlante sentia-se contente por esperar o seu chamado ao mundo espiritual, cumprindo com fidelidade e destreza o seu trabalho na Terra. Sabia que era sábio viver o máximo possível e cuidar bem do corpo, para que o espírito se pudesse expressar com inteligência e poder. Assim, mesmo conhecendo e antecipando a vida maior que o aguardava nas Esferas, estava preparado para permanecer na Terra e recolher as suas experiências até que chegasse o momento da partida.

Durante três meses após a partida de Stancia, Constantia manteve-se activo, dedicado aos seus assuntos. Depois, começou a afastar-se gradualmente do mundo, passando os seus dias em contemplação silenciosa ou em comunhão serena com os seres elevados das esferas celestiais.

Embora avançado em idade, o corpo deste patriarca mantinha-se erguido e vigoroso, com cor viva no rosto e brilho nos olhos. O seu porte irradiava uma força vital que era mais expressão de saúde e de vida do que qualquer sinal de declínio ou morte.

À medida que as horas da sua reclusão voluntária se acumulavam, uma mudança marcante começou a manifestar-se em Constantia. O seu corpo foi-se tornando mais delgado, a cor abandonou-lhe as faces e os lábios, e toda a sua estrutura física parecia encolher — apenas os seus olhos escuros e profundos conservavam um brilho intenso, já não do corpo, mas da alma interior.

Todos sabiam que Constantia estava prestes a partir — mas não houve luto, nem sinais de perda ou desespero. Pelo contrário, reinava a alegria pelo destino glorioso do amado líder, que alcançara as distinções e honras devidas à sua grandeza. Pois quem haveria de lamentar aquele que completara o seu grau de iniciação e se preparava para ser promovido a um estado mais elevado?

Embora Atlântida não tivesse realeza — sendo uma república tanto em governo quanto em espírito — usavam-se cores especiais em ocasiões solenes para assinalar a transição de alguém em posição elevada ou de caráter nobre. Por isso, escolheu-se o roxo real para adornar o grande Templo de Etrúria por ocasião da ascensão de Constantia. Durante três semanas antes da sua partida, o venerável patriarca recebeu diariamente visitas dos altos oficiais do Estado, vindos de vários distritos do continente, para conferenciar com ele sobre a sua passagem para outro mundo e confiar-lhe mensagens destinadas a entes queridos já no mundo espiritual, que ele encontraria durante a sua jornada pelas esferas celestes.

Durante esse período, o Templo e os edifícios públicos de Etrúria — assim como todos os Templos do continente — foram enfeitados com cortinas de púrpura suave e cintilante. Contudo, se a cor era real, não era de tristeza. Era apenas o símbolo e sinal da passagem de uma grande alma da morte para a vida eterna.

As três semanas passaram. Numa noite suave e perfumada, Constantia sentiu um toque leve na mão — e despertou. Ao abrir os olhos, viu Stancia ao lado do seu leito. Nunca ela estivera tão bela, resplandecente na glória de um Anjo Planetário. Sorrindo e acenando-lhe, parecia feita de encantamento, prestes a desaparecer... mas não. Ela permaneceu, e, obedecendo ao seu gesto, o patriarca levantou-se e vestiu a túnica branca da ascensão que o aguardava há muitos dias. Depois sentou-se junto à janela voltada para o nascente, e ali aguardou o fim.

Uma luz celestial iluminava o seu rosto, agora transfigurado por uma nova beleza e poder. O seu corpo, que ao longo de três meses encolhera até metade do tamanho original,

parecia agora apenas uma leve casca física — pois os espíritos guardiões haviam extraído das suas células os elementos com os quais moldavam o seu novo corpo espiritual.

Subitamente, o som de música celestial encheu a casa, acordando os que nela dormiam e anunciando que o momento supremo havia chegado. Fontis e Fontina entraram, e em breve estavam junto do ancião — mas já não o encontraram vivo. Apenas o corpo frio e leve ali jazia, que com ternura depositaram sobre o leito. Constantia partira sem dor, sem um suspiro. Como uma ave liberta, voara ao lado de Stancia em direcção às zonas planetárias do éter azul.

Logo foi dado o sinal da libertação: as cortinas púrpuras foram removidas, substituídas por finíssimos panos brancos de renda, símbolo da paz e do repouso — pois uma alma havia saído da prisão do corpo para a vida e a liberdade. A música doce ecoou por toda a cidade, e todos sentiram a harmonia celeste que acompanha a ascensão de uma alma elevada.

O sinal espalhou-se por todo o país, e os edifícios públicos de cada distrito trocaram a púrpura pelo branco. Durante duas semanas, as rendas alvas ondularam suavemente ao vento.

Durante uma semana, o corpo de Constantia repousou no Templo, sobre o qual se realizou um grandioso rito místico da antiga ordem fundada pela mediunidade de Stancia. Depois, foi levado ao altar fúnebre e cremado sobre um leito de flores perfumadas e ramos aromáticos.

Os Antigos acreditavam na cremação — e praticavam-na. Não tinham cemitérios com túmulos, pois sabiam que tudo o que havia de consciente, sensível e inteligente abandonara aquele corpo, e que as cinzas pertenciam à terra.

Assim partiu um homem grande e bom — Constantia, que durante milénios se moveria entre círculos de luz nas Alturas, abençoando inúmeras almas humanas e elevando-as da fraqueza à força, da sombra à vida nova.

Ó alma bem-aventurada, Constantia! Tu e a tua companheira imortal seguis agora os caminhos divinos, trabalhando para o bem da humanidade.

XXX

Mas os descendentes de Constantia e Stancia continuaram a viver após a partida daquele nobre casal. Fontis e Fontina, com os seus belos filhos, dedicavam-se agora a uma obra tão valiosa quanto a dos seus antepassados — uma missão de formação espiritual e intelectual.

Os anos passaram, trazendo apenas vigor e maturidade às suas almas elevadas, até que se aproximou o tempo em que Fontis, já com cem anos, também ascenderia às esferas planetárias.

Tal como o seu pai, Fontis preparou-se para a viagem. Recebeu mensagens de vários membros do povo para serem transmitidas a seres celestes que encontraria em sua jornada. E tal como Constantia, passou para além sem tremor nem suspiro, ciente da

presença dos seus guias e familiares, que via claramente na luz do dia que o envolvia. Partiu para o mundo espiritual — não como quem entra em terra desconhecida, mas como quem regressa a casa, a um lugar familiar, desejado e merecido.

E houve grande júbilo por toda a terra — não tristeza, mas alegria. Pois Fontis era amado, e sabia-se que ganhara lugar elevado e honra grandiosa nos céus. Houve música, cânticos e hinos em todos os Templos, pois uma alma nobre fora libertada da Terra e acolhida no Reino dos Bem-Aventurados.

Entre as tradições de Atlântida, preservava-se uma lenda que assim se traduzia:

"Em tempos imemoriais, dois pássaros aquáticos repousavam sobre uma grande folha verde no meio de um lago pantanoso. Em redor, tudo era barro e lodo, e os pássaros olhavam-se, confusos, sem saber de onde vinham — pois haviam sido trazidos desde um belo rio espiritual. Subitamente, uma luz intensa brilhou à sua volta. Ao tocar as águas turvas, tornaram-se límpidas e transparentes, com fundo claro como areia polida. Os pássaros alegraram-se e voaram da folha sobre as águas brilhantes, que se alargaram até se tornarem um mar cintilante. A luz continuava a brilhar, e as margens antes sombrias floresceram em cores vivas e perfumes. Então, os dois pássaros nadaram até à costa e fizeram um ninho. E nesse pequeno ninho, foi posto um ovo."

E a luz mística continuou a brilhar. Ela aqueceu o ovo no ninho até que a sua casca foi perfurada e dele emergiu uma pequena cabeça. E a luz continuou a brilhar, e o corpinho dentro do ovo ultrapassou os limites da sua casca e repousou sobre o relvado florido. A luz envolvia aquele pequeno ser que se libertava da casca, e o seu corpo esticava-se e crescia — mas, em vez de penas como as de um pássaro, era coberto por uma suave penugem, semelhante a pelo.

E a luz brilhava ainda, e aquilo que nos pássaros era uma asa incipiente, no pequeno ser que se erguia tornava-se uma mão nascente. E a luz brilhava. A criatura, então, ergueu-se do chão com força, ficou de pé sobre dois pés, estendeu duas mãos, e a sua cabeça era redonda, o seu rosto revelava inteligência — e o seu corpo era o de um homem. E a luz brilhava.

As águas do mar azul cintilavam, e os dois pássaros aquáticos — que navegavam nas cristas das ondas — regressaram e contemplaram a estranha criatura nascida do ovo. E quando viram o rosto inteligente e a forma humana coberta de penugem, levantaram voo com as suas asas abertas e desapareceram no céu azul, para nunca mais voltar. Mas a luz continuava a brilhar.

E o homem caminhou sob os seus raios, e ganhou força. Vagou sob essa luz mística até encontrar uma grande árvore cujos ramos se curvavam até o chão, e ali encontrou abrigo e alimento — pois a árvore estava carregada de frutos suculentos, agradáveis à vista e doces ao paladar. O seu sumo era como água cristalina, como orvalho adoçado destilado de flores. E na forquilha da árvore, onde os ramos se cruzavam, fez uma cama, onde adormeceu e sonhou com poderes imortais e com espíritos do ar. E a luz brilhava.

Com o passar dos dias e das noites, o homem crescia, e a sua capa de pelo começou a cair, pouco a pouco — e a luz ainda brilhava. E na sua luz mística, a pelagem foi substituída por uma pele suave e clara, bela à vista. E ele dormiu de novo. Mas, agora sem o pelo, sentiu frio sob a sua nova pele.

Então, enquanto dormia — e a luz ainda brilhava — surgiu-lhe em sonho uma donzela, bela como um sonho de verão. Era uma donzela vinda dos céus, vestida com finíssimas vestes azul-claras, com cabelos dourados e olhos cor de violeta. Sobre os ombros trazia um manto de um carmesim magnífico, que retirou e envolveu em torno do homem adormecido, aquecendo-o. E ele deixou de tremer. E a luz brilhava.

Sob essa luz, a donzela resplandecia como uma rosa de verão. Tocou-lhe suavemente com os dedos, e ele despertou, contemplando com espanto e encanto a visão. E o espírito do homem despertou, e estendeu os braços à donzela dos seus sonhos. E a luz brilhava.

E, nos seus raios místicos, surgiram duas figuras majestosas — espíritos planetários — e atrás deles voavam os pássaros aquáticos que, agora, se haviam tornado aves do ar superior. E os seres celestiais sorriram ao jovem casal e abençoaram-nos. E na luz mística selou-se a união de duas almas na Terra.

Mas a luz continuava a brilhar. E os amantes desceram da árvore e caminharam de mãos dadas pelo relvado. Ele apertava o seu manto carmesim de amor, e sorria para a sua noiva, que, envolta na leveza azul da sua fé, retribuía com alegria. Os seres majestosos acompanhavam-nos, até que chegaram a uma clareira rodeada de árvores frondosas e floridas. No centro, havia uma tenda branca como a neve — e entraram nela, enquanto a luz brilhava.

Ali foi fundado o lar feliz, onde o amor e a verdade envolviam as almas confiantes. Ele partilhou o seu manto carmesim com a esposa, e ela tirou parte do seu tecido azul e cingiu-o ao redor dele — e o amor e a fé tornaram-se uma só alma. E a luz brilhava. Os seres celestiais permaneceram junto à tenda, e as aves pairavam por cima deles.

Enquanto todo o resto do mundo — ainda submerso em águas caóticas e lamaçais — permanecia desolado, aquele vale tornava-se, pela luz mística, um jardim de força criadora e de vida.

Assim se casaram os amantes. E os seres planetários permaneceram com eles. E, passado algum tempo, nasceu-lhes uma alma pequenina — um bebé de olhos cintilantes e pele branca como o leite. E ele prosperou, pois a luz nunca se extinguia.

E o bebé tornou-se homem. E a luz ainda brilhava. Ele aprendeu muitas coisas — a fiar fios de seda, a tecer tecidos brilhantes, e muito mais. Pelo seu talento, a tenda tornou-se casa, e depois um templo erguido em beleza e poder.

E a luz brilhou. E nos seus raios magnéticos caminhava uma donzela, vinda dos reinos celestes. E ela viu o homem e agradou-se dele. E eles casaram-se. E filhos felizes embelezaram o seu lar. E a luz nunca se apagou. Toda a sua glória envolvia o lar.

Mas os seres majestosos haviam desaparecido. As aves do ar tinham-se ido. O mundo balançava nas dores da transformação. Ainda assim, a luz brilhava. E o vale pacífico permaneceu intacto.

O tempo passou. E surgiu outra raça, vinda das brumas dos céus superiores, que se uniu à primeira. Construíram lares, e uma cidade ergueu-se onde antes reinava o caos.

E, através dos anos, a luz mística continuou a brilhar — até que o mundo emergiu da turbulência e deixou de estremecer.

Assim surgiram as nações. E Atlântida, fundada por seres majestosos da vida celeste, ergueu-se para coroá-las a todas.

Tal era uma das tradições transmitidas ao povo de Atlântida. Sempre que morria um grande homem, um par de aves aquáticas era levado até o topo de uma montanha e libertado, para voar pelo éter azul como arautos da chegada de uma alma poderosa.

Assim se fez com Constantia, como também com Fontis. E sempre que nascia uma criança de uma grande linhagem, flores vermelhas e azuis eram penduradas nos altares e santuários de todos os templos, em honra das vestes do Amor e da Fé que haviam vestido o primeiro casal e consagrado a sua união. Assim se fez no nascimento de Fontis, como se faria no nascimento dos seus descendentes.

XXXI

A vida e o progresso do povo de Atlântida continuaram a florescer com o passar dos anos. E, com o tempo, surgiram Cabul e Iberna — descendentes do grande Constantia e da iluminada Stancia.

Eram filhos de irmãos, unidos por um forte laço magnético que os mantinha em comunhão como se fossem gémeos. À medida que cresciam em sabedoria e habilidade, o povo reconhecia que se cumpria a profecia deixada pelo espírito planetário no pergaminho entregue a Constantia no bosque de Etrúria.

Por isso, receberam atenção e formação especial dos sumo-sacerdotes da terra. Mas, em poucos anos, já tinham superado o saber dos próprios Sábios e Filósofos, e estavam aptos a ensinar até os mais eruditos entre eles.

E sabia-se que Cabul e Iberna pertenciam à raça planetária — inteligências superiores que haviam vivido por eras nas esferas exaltadas da vida celeste, mas que haviam escolhido encarnar na Terra como mestres e guias da humanidade.

Também era sabido entre os Sábios que estes dois estariam no continente quando o seu fim chegasse. Contudo, pelo continente fora, poucos acreditavam verdadeiramente que o fim viria naquele século. Embora, em regra, dessem crédito às profecias vindas das Zonas Celestiais, muitos esperavam que esta, talvez, não se cumprisse — ou que apenas parte da bela Atlântida fosse submersa.

Alguns, lembrando-se da profecia, navegaram para terras estrangeiras, onde estabeleceram novos lares e perpetuaram as tradições. Outros acreditavam que o seu destino era afundar com o continente, ganhando assim entrada nas esferas celestiais.

Com o avanço dos anos, Cabul e Iberna foram nomeados governadores e sumo-sacerdotes de vastos distritos. Cabul recebeu um território interior, próximo ao centro do governo; Iberna foi designado para a antiga cidade de Herménia, voltada para o mar.

Ambos exerceram os seus cargos com dignidade e poder espiritual, e cada um tomou por esposa uma mulher de linhagem ancestral e de elevado nascimento.

A Iberna nasceu um filho de grande vigor intelectual e força espiritual…

Mas a Cabul foi-lhe negada toda descendência.

Não é nosso propósito prolongar a narrativa sobre as vidas destes grandes Atlantes, pois já relatámos o suficiente nestas páginas para familiarizar o leitor com o tipo de trabalho e experiências que faziam parte da vida dos líderes e mestres da terra — e estes últimos, na verdade, não diferiam muito dos seus antepassados, a não ser por uma ainda maior manifestação de poder espiritual.

Ora, saiba-se que, segundo as tradições dos Atlantes, acreditava-se que nenhum homem poderia ascender à potência da inspiração espiritual, nem tornar-se guia de uma esfera planetária ou companheiro de um Deus Tutelar, sem antes completar pelo menos um século de experiência física no planeta em que tivesse nascido.

O mesmo princípio se aplicava às suas companheiras femininas — salvo se estas tivessem passado longos períodos como Oráculos a serviço da sabedoria divina das esferas.

Assim, se o filho de um sumo-sacerdote — que fosse também uma alma reencarnada de origem planetária — viesse a morrer antes de completar cem anos, esperava-se que fosse reencarnado e que vivesse novamente na Terra pelo tempo que lhe havia faltado na encarnação anterior. Se, por outro lado, vivesse mais que isso, tal contava a seu favor perante os reinos celestiais.

Como já foi dito, nasceu a Iberna e à sua amada consorte Irnie um filho. Este, segundo o costume da época, permaneceu com os pais no templo de Herménia até aos trinta anos, recebendo instrução e orientação do pai, a quem amava com a mais profunda afeição filial. Aos treze anos, começou a pregar e ensinar, viajando até aos vilarejos vizinhos, espalhando as verdades que recebia de reinos invisíveis.

Aos dezoito anos, foi iniciado na Ordem Simbólica — fundada por seres planetários através da agência de Stancia, séculos antes — e rapidamente tornou-se um mestre de alto grau na assembleia. Seus poderes ocultos pareciam aumentar grandemente à medida que aprendia os sinais e símbolos místicos daquela antiga tradição.

Com trinta e um anos, o filho foi chamado ao templo e recebeu de seu pai muitos ensinamentos. Entre eles, ouviu estas palavras:

"Meu filho," disse o velho Iberna, "chegou o tempo de atravessares esta terra e levares a luz dos teus conselhos espirituais a muitos lares. Enfrentarás experiências estranhas, que não podem ser reveladas ao homem comum, mas estarás acompanhado por inteligências sábias do além.

Não voltarás a Herménia — tua missão manter-te-á em lugares distantes, e jamais verás novamente a cidade do teu nascimento nem os pais que te deram vida.
No dia da tua morte, porém, ascenderás aos planos espirituais onde trabalharás e pensarás. Despede-te ternamente de tua mãe, pois antes que este ano termine, a alma dela voará para os astros.

Tampouco verás teu pai outra vez, pois antes que possas voltar o rosto para Herménia, Atlântida terá sido tragada pelo mar e todas as suas almas terão sido levadas a outro mundo. Não deves partir em busca de salvação — o teu trabalho será no espírito, junto daqueles que entrarão na vida imortal.

Todos os que tiverem suficiente crescimento e formação espiritual passarão para esferas superiores ou para reinos planetários. Muitos — como tu — ainda jovens, não ascenderão de imediato. Para esses, serás mestre e companheiro. Trabalharás com eles até que ascendam ao Planeta Espiritual da Terra ou que reencarnem numa era futura. Pois entre eles — e tu és um deles — há os que se tornarão Deuses Tutelares de Zonas ou Planetas, e estes deverão completar o século de experiência terrena. Por isso, renascerão e viverão por longos anos neste mundo físico.

Tu sabes, meu filho, que um continente espiritual está sendo formado a partir das emanações de Atlântida e do seu povo. Esse continente espiritual está situado acima da Terra física e não será afetado por erupções vulcânicas ou maremotos.

Ele reflete em miniatura o continente físico — com mares, rios, vales e colinas — e será a morada dos que não completarem suas vidas naturais em Atlântida.
Ali fundarão escolas, construirão templos, estabelecerão lares e viverão experiências. Aqueles que não forem destinados à divindade ou à tutela espiritual não precisarão reencarnar — a menos que escolham fazê-lo — e, após completarem a sua missão, poderão ascender a Zonas mais elevadas ou ao Planeta Espiritual.

Os que serão deuses e guias deverão residir nesse continente espiritual por um tempo, até que reencarnem para completar sua preparação. Quando todos os que ali gravitarem tiverem ascendido e o continente espiritual tiver cumprido sua função, ele dissolver-se-á em névoa. Seus elementos essenciais serão absorvidos pela atmosfera terrestre e transferidos para regiões do planeta onde se manifestarão em novas formas de vida.

E tudo isto acontecerá, meu filho, pois assim me foi revelado pelos reinos superiores. Tu renascerás na Terra e passarás por experiências importantes, vivendo plenamente até completar o século de vida que te falta nesta encarnação. Assim será. Tudo está bem. Sabe ainda que nunca estarás só, pois Iberna, teu pai, será o teu guia. Ele conduzir-te-á por lugares estranhos e mostrar-te-á muitas maravilhas.

Quando saíres deste templo, segue a direção que o espírito te indicar. Estarás, em tempo oportuno, na região do teu parente Cabul.

Permanece com ele por um tempo, pois, embora não nos seja revelado o momento exato, o fogo e as águas virão — e será bom que estejas com Cabul, para que juntos trabalhem quando o destino cair sobre Atlântida, joia do mar."

O jovem guardou todas estas palavras no coração enquanto seguia viagem. E sucedeu que, pouco depois, sua mãe Irnie partiu para o mundo espiritual. Cerca de três anos mais tarde, cumpriu-se o fim — Atlântida, com toda a sua glória e povo, foi engolida pelo mar.

Mas, no Continente Espiritual, uma nova raça e nação floresciam. O povo ali tornou-se forte e feliz, até que, com o passar de milénios, ascenderam a outros reinos e dissolveram o continente espiritual. Seus elementos essenciais foram então absorvidos pela Terra e integraram-se noutra região — a do futuro continente da América do Norte — como força potencial e poder construtivo.

XXXII

A região da América do Norte não é, de modo algum, um hemisfério moderno. Esta parte do globo existe há muitos milhares de anos, e as suas terras já foram povoadas e moldadas por seres humanos desde épocas remotas — tal como as suas águas já foram navegadas, os seus rios percorridos, os seus vales habitados.

Povos de temperamento forte e afirmativo habitaram as margens do oceano Atlântico e atravessaram montanhas e planícies até às encostas do Oeste longínquo. Eram de várias raças e tribos — alguns mais guerreiros, outros mais pacíficos — mas todos de maneiras simples e com espírito quase infantil em certos aspetos.

Não nos cabe aqui determinar a idade do planeta Terra, nem quantos milhares de anos ele tem servido como morada da humanidade — desde os primeiros habitantes das cavernas até à evolução do tipo humano a partir das formas superiores de vida animal e dos princípios de reencarnação.

Também não podemos recuar ainda mais na história do mundo até àquele período remoto em que uma extensão de terra e todos os seus belos elementos essenciais para uma forma de vida humana bem organizada foram materializados por espíritos planetários, a partir do coração do planeta em ebulição, que durante eras ainda não seria capaz, pelas suas próprias forças e recursos, de sustentar vida. E, para o bem da Terra e das suas futuras idades, entidades humanas gloriosas oriundas das esferas de planetas avançados materializaram formas para si mesmas e tornaram-se habitantes dessas terras encantadas, para que a Terra pudesse receber deles inspirações de força magnética e, assim, ser auxiliada no seu trabalho evolutivo.

Mas tudo isto ocorreu muitas eras antes do crescimento da Atlântida como continente, e muito antes de os oceanos Pacífico ou Atlântico se estenderem de margem a margem.

Tal como a Atlântida surgiu e floresceu, também outros continentes e inúmeras ilhas cresceram e tornaram-se parte do mundo. Nas eras remotas da sua história, o hemisfério ocidental era composto por uma grande massa de terra e várias ilhas em torno das quais as ondas oceânicas batiam incessantemente com energia e som constantes.

Porém, os povos deste clima ocidental não podiam, naquela época, reclamar qualquer parentesco especial com os espíritos planetários, nem com os climas do sul ou do leste, cujos habitantes eram almas reencarnadas, pois os povos do oeste e do norte eram raças que haviam evoluído a partir das formas inferiores de vida humana, sendo, em todos os aspetos, produtos daquele maravilhoso processo de desenvolvimento da energia e da força potencial que determinou a chamada "descida do homem" — embora este termo seja um erro, pois não designa adequadamente a verdadeira dignidade e o aspeto desse grande trabalho evolutivo.

Embora signifique que o homem descendeu de uma linhagem enraizada no reino animal, não enfatiza suficientemente o facto de que essa mesma descida se tornou, na sua grandeza e beleza, uma gloriosa ascensão: uma ascensão por alturas cada vez mais elevadas de crescimento, progresso, desenvolvimento e cultivo, até que, a partir das condições mais humildes da Terra, o homem alcançou quase o ápice do crescimento físico e espiritual.

Na época em que a Atlântida estava no auge da sua glória, a região onde se situa atualmente o continente norte-americano era habitada, como dissemos, por raças e tribos simples, sem educação nem cultivo das artes ou das ciências. Contudo, como também referimos, alguns indivíduos partiam ocasionalmente do continente da Atlântida e navegavam para portos estrangeiros, estabelecendo-se e difundindo os seus costumes — assim, partes dessas ilhas e continentes tornavam-se de certa forma semelhantes à região atlante, absorvendo a força magnética do seu povo através do casamento de muitos dos seus jovens com filhas de várias raças e tribos.

Mencionámos o facto de um Continente Espiritual ter sido formado acima da Atlântida física, criado por espíritos planetários a partir das forças magnéticas e elétricas do continente físico e do seu povo, destinado a servir de lar e escola para os habitantes da Atlântida, desde os primeiros anos de idade até aos anciãos. Estava decretado que só após completarem um século de experiência em contacto com a Terra, estariam aptos a ascender às esferas superiores.

Com o tempo, o continente espiritual cumpriu o seu propósito. O seu povo dispersou-se por várias partes do universo: alguns para o planeta espiritual, outros para a sexta ou sétima esfera de progresso, outros ainda para mundos planetários do sistema solar e outros para diferentes regiões da Terra, quer para reencarnarem como mortais, quer para servirem como espíritos guardiões de tribos, nações ou indivíduos, a quem poderiam transmitir magnetismo e inspiração.

Quando o continente espiritual se dissolveu, as suas forças foram recolhidas por vários espíritos antigos e planetários designados para esse fim, e transportadas para as regiões das ilhas e continentes do norte, onde habitavam certas tribos nas quais se misturavam

elementos da raça atlante com os de outras nações. Esses elementos e forças do continente espiritual foram absorvidos pelas populações da Terra, trazendo consigo um poder estimulante que originou novos tipos de ser — ou variações no ser — que impulsionaram a natureza espiritual do homem, e as eras seguiram o seu curso.

Muitos jovens, ao longo do tempo, partiram das ilhas e continentes do hemisfério ocidental rumo a outras partes distantes do globo, fundando lares em várias regiões e misturando-se com os povos de outros climas. Assim, os elementos e forças da raça atlante espalharam-se por todo o mundo, infundindo cada região com um poder mais forte e elevado para benefício e progresso de toda a humanidade.

Contudo, surgiram novas condições na vida do planeta, produzindo diferenciações de climas e de povos. A raça ariana, que continha a maior quota de elemento e força espiritual, sendo largamente influenciada e guiada pelos espíritos planetários que tinham tido a Atlântida sob sua tutela, avançou de forma mais significativa e espalhou-se por todo o mundo. Por toda a Europa e Ásia se disseminaram, desde as águas do Nilo até aos murmúrios dos riachos da Europa, adaptando a sua linguagem e costumes às diferentes condições e ambientes com que se deparavam.

Neste texto, contudo, interessamo-nos mais pelos povos primitivos da América do que pelos de outras regiões, pois queremos enfatizar o facto de que esta parte do globo recebeu os elementos essenciais e as forças magnéticas do continente espiritual desaparecido. Essas forças impregnaram a atmosfera com uma nova vitalidade que, por si só, trouxe uma energia vivificadora à própria vida do homem. Este novo poder despertou nas raças e tribos o espírito de liberdade, que se tornou parte das suas naturezas e que os elevou acima das condições e elementos de servidão.

Dessa forma, os espíritos atlantes foram especialmente atraídos por este continente e muitos deles reencarnaram nele, assumindo novas formas e experiências na vida física não só para o seu próprio crescimento espiritual, mas também para ensinar e auxiliar os povos na sua caminhada rumo a um culto espiritual mais elevado. Aqueles Atlantes que não reencarnaram na Terra, mas optaram por manter contacto com os seus habitantes, como Cabul e Iberna, vieram como guias e ajudantes não apenas de indivíduos, mas de comunidades inteiras.

Foi através da influência e do trabalho dessas elevadas inteligências que a moderna revelação do espiritualismo chegou ao mundo. Sob a sua orientação, médiuns desenvolveram-se nesta era moderna, e a glória dos mundos e obras espirituais foi revelada não apenas a alguns eleitos das igrejas e escolas, mas a milhões de pessoas comuns que receberam essa revelação com gratidão e sentiram as suas almas iluminadas por um impulso mais nobre e divino em direção ao mais alto Deus.

Durante milhares de anos, estes espíritos antigos trabalharam para o bem da humanidade na Terra, enquanto aqueles que permaneceram a cuidar do continente espiritual da Atlântida até ao seu desaparecimento centraram a sua atenção principalmente na região da América do Norte e no seu desenvolvimento climático e humano. Outros seres

planetários e inteligências antigas laboraram em conjunto com o Deus Tutelar da Terra noutras partes do mundo. Assim, multidões deles foram empregues no estímulo das forças humanas e planetárias na direção da Ásia, outros em África, outros ainda na Europa, cada grupo conforme a era e a disposição, realizando a sua tarefa designada.

Portanto, em todas as épocas da história do mundo, os mortais, de uma forma ou de outra, estabeleceram contacto com os mensageiros e Anjos das esferas, e esses visitantes antigos exerceram influência nos assuntos humanos ao longo de todos os ciclos do mundo.

Assim, Abraão, sentado à entrada da sua tenda, recebeu os hóspedes glorificados que vieram ter com ele sob a aparência de homens, mas com a luz do céu. Deram-lhe instruções e o patriarca acolheu-os, pois vinham de longe, até das esferas superiores do mundo celestial.

XXXIII

Diversas foram as terras, nações e raças da Terra sobre as quais os Antigos Espíritos da Atlântida e de outros países pré-históricos exerceram influência, amalgamando-se com elas e com as suas forças para a realização de boas obras. Entre aqueles que estiveram diretamente em contacto com muitos desses Espíritos Antigos que outrora habitaram a Terra — e também com outros oriundos de reinos planetários no espaço — estavam os Aztecas originais.

Pois, antes mesmo do nascimento deste povo enquanto raça, o caminho já havia sido preparado para eles e influências foram direcionadas para a terra onde estabeleceriam uma Nação e um lar, por seres planetários e inteligências tutelares que sabiam que a raça azteca demonstraria uma grandeza em arte, habilidade, bom senso nativo e intelecto que seria de altíssima bênção não só na Terra, mas também no mundo espiritual.

Desde os primórdios da história azteca até à extinção do seu povo enquanto raça distinta e não adulterada, brilhou uma linha gloriosa de poder e dignidade ancestral que advinha da influência de seres planetários elevados, conferindo um carácter nobre e até exaltado a toda a raça. Eram um povo gentil, hábil e inteligente, de postura elegante, bem constituídos e de traços belos — tudo quanto há de aristocrático na nobreza natural de um ser humano, homem ou mulher, os Aztecas possuíam.

O seu conhecimento das ciências da Astronomia, Astrologia, Química e áreas afins era profundo. Compreendiam as leis da Matemática de forma admirável, e os estudos geométricos faziam parte do currículo intelectual dos estudantes que frequentavam os templos e procuravam os sacerdotes ou mestres para instrução. Os mestres e oráculos eram igualmente instrutores na religião, nas ciências e nas disciplinas mentais mais comuns.

A religião dos Aztecas era simples. Amavam a luz do sol e prestavam-lhe homenagem, mas, para além de todos os sinais e símbolos, reconheciam uma fonte suprema de todo o poder, a qual veneravam como o criador de tudo. Nos seus cânticos melodiosos e louvores, ao amanhecer e ao entardecer orvalhado, prestavam tributo à Alma Infinita e Eterna. Os Aztecas eram uma nação pacífica, sem desejo de explorar os seus semelhantes, mas, se

fossem molestados por tribos vizinhas ou vindas de outras terras, sabiam defender-se com coragem e zelo. Dedicavam o seu tempo a labores pacíficos e às artes. Os seus jovens e donzelas eram formados tanto em atividades produtivas como nas artes. Muitos eram excelentes músicos, artistas talentosos, escultores inspirados, ourives hábeis e artesãos de metais preciosos e pedras raras. Criavam belas cenas pictóricas em tapeçarias e outros tecidos, com paciência e génio. Homens e mulheres detinham estatuto igual na comunidade, partilhando voz e voto em todos os assuntos importantes da vida.

A nação Azteca tinha os seus governantes e dirigentes, oriundos de linhagens nobres e dotados de sábio julgamento. Os seus conselhos eram compostos por igual número de homens e mulheres, sendo todos esperados a participar ativamente nas deliberações e a expressar-se com clareza e inteligência sobre os assuntos do dia.

Os templos e muitas outras estruturas dos Aztecas eram ricos em arquitetura e obras de arte. A ferramenta e perícia do gravador eram aplicadas nesses edifícios com grande vantagem, e cada construção pública erguia-se imponente como monumento à arte, ao conhecimento e à indústria — orgulho de uma nação e honra de uma raça.

Na terra do México cresciam flores belas e frutos suculentos. O povo alimentava-se desses frutos, respirava o perfume das flores e tornava-se mais belo por causa disso.

Durante a progressão da raça, do estado inferior até à cultura, honra e grandeza que compunham a glória da sua nação e do seu modo de vida, o tipo de civilização evoluído era comparável às mais elevadas formas de civilização intelectual e espiritual da era presente. Entre o povo Azteca, a meio da sua história, vários espíritos sábios e avançados das esferas espirituais decidiram tomar nascimento mortal dentro dos seus domínios, e no espaço de meio século, essas inteligências regressaram à existência terrena. Havia entre eles homens e mulheres, e, com o tempo, tornaram-se videntes e oráculos sábios, reconhecidos pelo povo como seres destinados a guiar e instruir até os sumos-sacerdotes e líderes dos Templos e da Nação.

E não estavam errados nas suas escolhas, pois, graças aos ensinamentos e conselhos dessas almas reencarnadas, o país ganhou novo poder e prosperidade, atingindo níveis ainda mais altos de cultura e êxito em todos os domínios de pensamento e realização para os quais estava destinado.

Nas esferas elevadas do mundo espiritual vivia, na pureza e paz dos seus jardins celestiais, um espírito radiante e belo que há milhares de anos servia a família humana em diferentes esferas como instrutora e oráculo. Zaida, a bela, já alcançara a sétima esfera, podendo há muito ter ascendido a mundos superiores, se assim o desejasse. Mas sentia que a sua missão ainda pertencia aos povos das esferas inferiores, e por isso permanecia entre eles, irradiando luz divina e magnetismo elevador a todos os que alcançava. Durante todas essas eras, Zaida estivera sem companheiro de alma, servindo como instrumento de seres altamente evoluídos nas suas tarefas de orientação e ministração a outras vidas. Em redor dela, inúmeros seres exaltados trabalhavam aos pares, em conjunto, para o bem da

humanidade, mas ela, como oráculo especial das esferas, seguira sozinha, sem aquela união que funde duas almas numa só esfera de harmonia e ação.

Chegou, no entanto, o momento em que Zaida sentiu que já ministrara o suficiente como mestra e oráculo, e que deveria mudar de função e ambiente. Percebeu que a sua experiência deveria agora estender-se à relação conjugal com a sua outra metade, que sentia estar algures à sua espera. Entrando em comunhão com as forças superiores da alma, retirou-se interiormente e sentiu-se elevada aos céus muito além das esferas espirituais que circundam a Terra.

Apesar da beleza dessas esferas, todas empalideciam diante da magnificência do lugar elevado para onde foi levada. Não há palavras que possam descrever, nem pena que possa retratar, o esplendor daquele estado sublime em que Zaida entrou, nem a importância e grandeza da inteligência que lhe foi comunicada pelas almas elevadas ali residentes.

Foi nesse momento de pesquisa interior e exaltação que Zaida soube que o seu companheiro espiritual — o seu equivalente — habitava como entidade humana reencarnada na Terra, no território do México, enquanto adepto azteca versado nos mistérios espirituais das eras. Para se encontrar e unir com ele, teria de descer até ao seu lado, acompanhá-lo nas suas tarefas, influenciá-lo e guiá-lo, e através do seu dom de vidência, tornar conhecida a sua presença e ligação.

Assim, Zaida abdicou das glórias dos reinos superiores a que tinha direito e desceu à Terra, para a terra dos Aztecas — e ali, num templo de uma bela cidade, encontrou o seu companheiro, tal como lhe fora revelado: um mestre e guia do seu povo. A sua alma encontrou nele o reconhecimento e amou-o com profundo afeto. Então revelou-se a ele, e ele ficou extasiado por ela, pois também passara eras sem companheira. A sua alma uniu-se à dela, e fundiram-se como um único Anjo — e nunca mais esteve só.

E aconteceu que muitos dos que vinham ao templo para aprender com o mestre viam Zaida ao seu lado, ou a operar na sua luz, e aprenderam a reconhecer a sua beleza e a esperar por ela. Sob o poder desta ministração dupla, a glória do templo aumentou e o interesse do povo multiplicou-se cem vezes.

Mas chegou o dia em que um inimigo estrangeiro invadiu o local e, apesar de o povo da cidade ter lutado bravamente, foram derrotados, muitos foram mortos e outros capturados, atados de mãos e pés e levados cativos. Aqueles que foram levados para terras distantes acabaram por ser libertos, com a condição de tomarem companheiros entre a tribo dos seus captores e se estabelecerem entre eles. Assim fizeram, e dessa união nasceram descendentes que traziam os traços dos Aztecas misturados com os de outra raça — e assim, um novo tipo de humanidade foi criado.

Mas o amado de Zaida não foi poupado durante o cerco à cidade, pois o templo foi arrasado e os seus sacerdotes e mestres foram mortos. Contudo, quando o mestre foi capturado, uma grande luz brilhou ao seu redor, e Zaida foi vista de pé diante do seu amado, protegendo-o com o seu próprio corpo.

Por um instante, os inimigos ficaram cegos com o fulgor — mas apenas por um momento — e, acreditando tratar-se de uma mulher mortal, avançaram para a arrancar dali. Porém, ao fazê-lo, um relâmpago ofuscante rasgou o templo, enterrando nos seus escombros todos os que não haviam conseguido escapar.

Os sacerdotes que não foram mortos diretamente acabaram soterrados sob as ruínas da estrutura em colapso. No entanto, apenas os corpos morreram — as entidades espirituais viveram, elevando-se a mundos de deleite e beleza superiores. Entre elas estavam Zaida e o seu companheiro, agora unidos em todos os doces e sagrados afetos da alma. Durante longo tempo habitaram a sabedoria da sétima esfera envolvente, até que sentiram que, se algum dia fossem guias de um mundo ou mesmo de uma zona do universo, teriam de regressar à Terra para trabalhar pela emancipação humana do erro e do pecado.

XXXIV

Agora, nos ciclos de tempo e evolução, Zaida e o seu companheiro haviam-se tornado tão intimamente ligados que, onde quer que um estivesse, o outro sentia as suas pulsações e reconhecia as vibrações magnéticas do outro — mesmo que mundos os separassem. E assim aconteceu que espíritos planetários que muito os amavam começaram a preparar as condições para que ambos pudessem nascer na Terra e tornar-se trabalhadores entre os mortais. Porém, deu-se o caso de as condições para o nascimento de Zaida estarem concluídas alguns anos antes das de Harma, seu amado, que enquanto Azteca havia vivido sessenta anos entre as cenas vibrantes do México.

Assim, Zaida tomou forma mortal, nascendo de pais inteligentes, embora humildes. E a criança cresceu e prosperou, manifestando desde cedo sinais de sabedoria acima da sua idade. Desenvolveram-se nela fortes poderes psíquicos, e tornou-se uma vidente e oráculo para muitos, que se sentiam elevados e abençoados pelas suas instruções e ministrações.

Entretanto, ao longe, amadureciam as condições para o nascimento físico de Harma e, com o tempo, ele também assumiu forma humana, sendo criado num país estranho, entre pessoas diferentes, mas boas e honestas. Importa compreender que ambas as almas estavam sob a tutela de elevados seres planetários que as guiavam e protegiam. E, com o tempo, as circunstâncias foram organizadas de modo a reuni-los. Após diversas provações e desafios — deliberadamente permitidos pelos seus guias para testarem a força do seu carácter e essência atlante — acabaram por se reencontrar e unir-se, dedicando-se juntos a uma obra humanitária voltada para os ignorantes e sofredores do mundo moderno.

Dessa forma, criaram as condições necessárias para se aproximarem ainda mais das forças potenciais do Universo e despertarem uma compreensão mais profunda de coisas superiores. Durante a sua vida na Terra, ambos tinham apenas uma vaga consciência das grandes vidas e feitos do passado, pois, apesar dos seus poderes psíquicos, raramente tinham vislumbres nítidos dessas existências anteriores. Contudo, frequentemente, durante o sono, quando os sentidos físicos estavam em repouso, elevavam-se em espírito a mundos celestes, onde se comunicavam com os seus semelhantes — trabalhadores dessas esferas superiores.

Desde os tempos dos Atlantes até ao século XIX da era cristã, a Terra passou por muitas evoluções no seu progresso e desenvolvimento. A um observador superior, contemplando os movimentos convulsos da natureza e testemunhando as lutas e provações do planeta e das raças, nações e indivíduos que nele nasceram — quer por sorte ou infortúnio — poderia parecer que o mundo regredia em vez de progredir.

Mas para os espíritos avançados e iluminados, que sabiam que um mundo, tal como um ser humano, deve atravessar períodos de escuridão assim como de luz, de tristeza assim como de alegria, de tempestade assim como de bonança, estas manifestações de tumulto e sombra eram apenas o resultado inevitável das leis da evolução e da involução em ação — leis que precisam de operar para se alcançar os melhores resultados.

A Terra conheceu os seus períodos sombrios, bem como os agradáveis. Nações surgiram e declinaram. Raças apareceram e desapareceram da face da Terra. Continentes e países emergiram, floresceram e sumiram. Dinastias exerceram poderoso domínio e desvaneceram-se na obscuridade.

No entanto, a Terra continuou a sua rota e da desordem brotou ordem; a experiência amadureceu em sabedoria humana; e da incerteza e inquietação caótica, iluminadas pela luz das eras, nasceu a inteligência e a habilidade.

Assim os séculos passaram — assim as estações se sucederam. Tribos e raças surgiram, fundaram as suas terras e lares, e a maré da civilização avançou. A era cristã despontou sobre o mundo como uma melodia suave e subtil, trazendo revelações de uma fé há muito perdida e esquecida na imortalidade pessoal da alma.

E tal como uma música puríssima, a religião de Cristo fluiu da alma do humilde Nazareno para os corações da humanidade. Mas o mundo tinha-se corrompido desde os tempos dos Antigos. Fora contaminado por ideias falsas e conceções erradas da Divindade. Um espírito que durante algum tempo servira como tutelar da esfera inferior tornara-se um Anjo decaído, e os seus conselhos e ensinamentos foram aceites como vindos do próprio Todo-Poderoso. A crença num diabo pessoal infiltrou-se nas noções religiosas das eras, e ideias completamente erradas sobre o universo prevaleciam quando a era cristã teve início.

Mas o Nazareno ensinou e trabalhou para o bem comum. Era uma entidade elevada das esferas que escolheu entrar no estado terreno como missionário e exemplo de vida reta e amor. Condições especiais foram preparadas para a sua vinda, e embora tenha nascido de pais humanos como qualquer outro, foi especialmente ungido para a sua missão pelos Anjos superiores que lhe conferiram poder. Durante meses antes do seu nascimento, a sua mãe foi envolta na influência divina das esferas superiores.

E assim, o Nazareno veio à Terra — viveu a sua vida e cumpriu a sua missão, regressando depois à glória dos céus para continuar a sua obra em prol da humanidade.

E a era cristã prosseguiu, mas a tolice, o fanatismo, o egoísmo e a sede de poder dos homens infundiram-lhe as falsidades e imperfeições gritantes das suas próprias vidas e

intenções. E assim, em vez de permanecer uma religião de amor, de fraternidade humana e de fé na imortalidade da alma, tornou-se uma religião de sangue e idolatria.

Os séculos passaram — muitos dos Antigos reencarnaram repetidamente para trazer uma influência espiritual direta ao mundo. Muitos outros permaneceram nas esferas como guias e ajudantes dos mortais. Guerras, fomes, terramotos, catástrofes e infortúnios incontáveis afligiram a humanidade. Sofrimento, doença e morte violenta abateram-se sobre muitos indivíduos; pobreza, crime e desespero espalharam-se. Ainda assim, segundo a história do mundo, o planeta e o seu povo continuavam a sua jornada cíclica de experiência, que acabaria por restaurar toda a glória, grandeza, inteligência e sabedoria do passado — agora com potências e capacidades ainda maiores para forjar uma humanidade mais sublime sobre a Terra.

E os séculos seguiram o seu curso. Belas nações e raças majestosas desapareceram ou fundiram-se com outras tribos e povos de tal forma que perderam a sua identidade distinta no processo evolutivo.

A nação Azteca, como tantas outras, viveu os seus séculos de poder, orgulho e beleza. Mas também ela se tornou apenas um nome, uma tradição, para os povos da nova geração e da nova dispensação.

Não estamos a escrever a história da Terra nem das suas terras e nações, por isso não seguiremos o percurso das gerações nem dos países de forma cronológica.

Limitámo-nos a apresentar sugestões fragmentárias sobre a vida dos seres humanos e de certas partes do globo, conscientes de que muitas nações e muitos povos — incluindo África, diversas regiões da Ásia e da Europa — não foram mencionados, apesar de todos possuírem história antiga, bem como experiências pré-históricas, tendo desempenhado um papel importante no desenvolvimento da Terra. Mas, como já dissemos, seria impossível seguir linha por linha a evolução de época em época e o crescimento planetário ou humano século após século — embora uma história desse género, abrangendo os períodos pré-histórico, antigo e moderno, possa um dia ser oferecida ao mundo de uma forma que a mente humana jamais sonhou.

Escrevemos sobre o progresso dos séculos da era cristã, e sobre as dores e sombras que assolaram a humanidade e que continuaram a afligir a raça nesta era moderna — e agora chegamos ao século XIX.

Um século que foi preparado e ansiosamente aguardado pelos Espíritos planetários e antigos que se mantinham em contacto com este mundo. As forças elétricas do universo foram então dirigidas para certos cérebros que foram despertados sob a sua influência, revelando ao homem maravilhas — ou melhor, maravilhas antigas de eras passadas — e, através da sua potência, demonstraram-se as possibilidades da força elétrica aplicada à mecânica e maquinaria modernas. As mentes terrenas, estimuladas pela influência dos Antigos, foram levadas a pensar em termos de experiências práticas e demonstrações, e muitas verdades tornaram-se claras.

Mas o século XIX foi apenas o vestíbulo, ou o corredor de passagem, para uma nova era de luz e força maravilhosas — uma era que se abriria mais claramente no ano dois mil, altura em que a chamada era cristã se fundiria na época humanitária de uma nova geração e raça em desdobramento.

Uma era em que as forças elétricas do universo seriam empregues de forma utilitária para conforto e conveniência do ser humano, tornando o mundo numa morada de luxo que apenas os sonhadores mais ousados teriam imaginado.

O século XIX chegou, e chegou com a sua potência e poder de grandes desenvolvimentos — e os Antigos já haviam preparado o caminho. Por volta do meio do seu curso, as condições pareceram estar maduras para o advento da comunicação espiritual, de modo que o conhecimento da vida após a morte pudesse ser transmitido aos povos da era moderna. A América, com a sua mistura de tribos e nacionalidades, com os seus diversos elementos e condições, foi escolhida como cenário desse acontecimento.

XXXV

Um dos pontos especiais e importantes que pretendemos enfatizar é que o planeta Terra não foi povoado apenas por uma única operação de lei — ou seja, não apenas por uma única via de manifestação.

A lei da causalidade produziu todos os tipos de existência neste planeta ou em qualquer outro, e a lei da atração determinou o funcionamento da causalidade e as suas variações. Tudo é governado por leis.

Contudo, nem a criação especial, nem a evolução, nem a reencarnação, isoladamente, explicam a origem da vida humana na Terra. E, no entanto, cada uma destas vertentes da lei de causa e efeito é um fator essencial na produção de uma humanidade inteligente e progressiva.

Nas eras mais remotas do mundo, espíritos planetários elegeram materializar uma parte da Terra — ou, mais precisamente, embelezá-la — e, através das suas forças elétricas e magnéticas e das suas emanações, aceleraram o seu desenvolvimento, para que esta se tornasse mais rapidamente num habitat adequado ao ser humano, do que se estivesse apenas sujeita ao lento processo da evolução planetária. E quando essa parte da Terra floresceu à sua satisfação, essas entidades humanas materializaram formas físicas para si mesmas, através das quais puderam laborar na Terra, construindo aí os seus lares, infundindo na atmosfera terrestre a sua própria aura magnética, que se espalhou num fluxo de magnetismo por todo o planeta, auxiliando o seu desenvolvimento para as futuras eras da humanidade.

Essa materialização de seres humanos como habitantes da Terra pode ser chamada, num certo sentido, de Criação Especial, e é análoga à alegoria bíblica do primeiro homem, que Deus teria criado do pó da terra — sendo o Jardim do Éden, nessa narrativa, um símbolo da região paradisíaca criada pelos seres planetários como habitação para os primeiros moradores da Terra.

Mas, como já foi referido, um processo evolutivo decorria em paralelo, e ao longo das eras surgiram no planeta diferentes formas de existência animal, uma sucedendo à outra, até que se formou uma espécie superior com maior atividade, consciência e inteligência. Quando os corpos destes animais superiores morriam, o princípio inteligente da vida permanecia na atmosfera — não para ser reabsorvido por corpos animais, mas para ser vitalizado pelos germes da alma das entidades humanas que flutuavam nesse mesmo éter, produzindo assim um novo tipo de ser: as formas inferiores da vida humana.

E com o passar dos anos, essas formas inferiores libertavam os seus elementos vitais, enquanto a ação planetária desenvolvia corpos físicos mais aperfeiçoados, com maior capacidade cerebral e de pensamento. Esses elementos e germes da alma eram então novamente absorvidos na matéria, produzindo o potencial tanto da evolução como da reencarnação. E novamente os espíritos planetários desejaram abençoar o mundo e, com o avanço das eras, decidiram deixar de lado as condições das suas vidas nas esferas espirituais e nascer na Terra em forma mortal, para adquirirem experiência e disciplina terrena — e para se tornarem mestres e auxiliares dos seus irmãos e irmãs mortais, que haviam evoluído do reino animal e continuavam a manifestar traços da criação bruta — embora num grau suavizado e humanizado.

Assim, o processo de reencarnação alargou o seu alcance a essas entidades humanas, tornando-se uma lei especial para aqueles que desejavam beneficiar do seu escopo.

Ora, enquanto a lei da reencarnação opera de modo benéfico para os tipos e tribos inferiores de seres humanos evoluídos, e enquanto serve o propósito das almas avançadas que a ela se submetem por motivos de crescimento, experiência ou realização, ela é tão infalível no seu funcionamento como qualquer outra lei da natureza.

E as almas elevadas das esferas que decidem encarnar novamente na Terra sabem perfeitamente que, por um período — seja ele longo ou breve — terão de deixar de lado as memórias das suas atividades e associações anteriores, e fundir toda a sua consciência na da nova identidade que assumem ao tomar a nova forma. Mas aceitam isso de bom grado, sabendo que, para o espírito e para a eternidade, um século é apenas um momento — e que, ao fundirem os seus propósitos no desejo de abençoar a humanidade, poderão ajudar a raça humana e a própria Terra a progredirem rumo a um novo patamar de desenvolvimento e espiritualidade.

E nenhum ser inteligente reencarnado permanece ignorante das suas experiências prévias e posteriores ao seu renascimento quando, mais tarde, regressa às esferas superiores de onde partiu. E se escolher reencarnar sucessivamente, formando ligações familiares, parentais ou fraternais na Terra, isso é natural e bem-vindo — pois não pode formar laços genuínos que não sejam também espirituais. E, na vasta vida planetária do universo, esses vínculos são reconhecidos como elos que unem a alma à grande fraternidade eterna.

Quanto aos tipos mais baixos de vida humana, que evoluíram diretamente do reino animal, não se coloca a questão de preferirem ou não reencarnar. Para eles, trata-se de uma

necessidade. Todas as leis de força atrativa e de gravitação irresistível arrastam-nos de volta ao contacto com a vida mortal. Por terem evoluído do animal, existiram inicialmente na atmosfera como elementais, sendo mais tarde atraídos para formas de vida humana inferior. Nestas formas desenvolvem uma atividade e consciência provenientes da força vital do germe da alma que agora absorveram — mas, de início, ainda não estão suficientemente vitalizados com potência espiritual para poderem existir como entidades humanas imortais. Assim, após a morte do corpo, permanecem como seres disformes e atrofiados na atmosfera, até serem novamente absorvidos por um organismo humano superior, no qual o espírito ganha mais consciência e atividade e evolui até se tornar numa entidade imortal.

Nas formas inferiores de vida humana, não existe qualquer resistência à reencarnação — esta é aceite de forma cega, instintiva e sem qualquer consciência especial do seu processo. No entanto, à medida que a inteligência e o poder evoluem, o homem torna-se um ser dotado de livre-arbítrio e responsabilidade moral, podendo ele próprio escolher se deseja ou não reencarnar, da mesma forma que um habitante da Terra, com tempo, meios e oportunidade, pode decidir por si se fará uma viagem ao estrangeiro ou se permanecerá em casa.

Durante o progresso da chamada era cristã, os espíritos planetários e antigos que outrora habitaram a Terra decidiram que, dentro dos séculos que compõem o segundo milénio, a luz e o conhecimento do mundo espiritual — com demonstrações práticas da imortalidade individual — deveriam ser projetados sobre este mundo. Nas suas deliberações sobre o melhor método e local para isso, voltaram a sua atenção especialmente para a América. Ali, o espírito de liberdade fora absorvido pelas várias tribos e nacionalidades que ali viviam ou que já haviam passado por aquela terra. Além disso, numerosos espíritos planetários e antigos haviam, em algum momento, encarnado nas suas margens ou influenciado indivíduos a dirigirem-se até lá, vindos de outras partes do mundo.

Foi decidido que, visto que a humanidade na Terra estava a tornar-se cada vez mais sensível, mais psíquica, e mais recetiva a influências e forças ocultas, por volta de meados do século XIX poderiam ser feitas demonstrações tangíveis, através de médiuns mortais, da existência espiritual e consciente de seres inteligentes desencarnados — o que se cumpriu, como provam os anais do espiritualismo moderno.

Saiba-se, então, que graças ao profundo interesse na disseminação da verdade espiritual entre os homens, vários espíritos antigos — não só da Atlântida, mas de outras esferas e mundos — decidiram envolver-se nesse trabalho de esclarecimento e auxílio geral à humanidade. Alguns foram designados para encarnar na Terra como entidades mortais, a fim de servir como educadores e líderes do povo, assim que os seus cérebros físicos estivessem suficientemente desenvolvidos para receber a força inspiradora dos seus guias espirituais, ou então suficientemente desenvolvidos em qualidades magnéticas para gerar e utilizar inteligentemente forças curativas, a serem transmitidas aos doentes e sofredores.

Outros dos Antigos permaneceriam na atmosfera terrestre como guias e cooperadores dos seus amigos reencarnados. E ainda outros trariam forças estimulantes a vários povos

da Terra oriundos dos reinos evoluídos, que, por herança e ancestralidade, possuíam qualidades e elementos que poderiam ser utilizados na produção de diversos fenómenos psíquicos surpreendentes. Assim, desenvolveram-se muitos graus e qualidades de mediunidade. A mais elevada forma espiritual e instrutiva — especialmente na linha ética e na perceção profética mais pura — manifestou-se através de médiuns reencarnados. Havia então pessoas inteligentes, aspiracionais e progressistas dispostas a aprender com a escola superior da sabedoria espiritual — entre elas, almas inspiradas que eram videntes, profetas, mestres, filósofos, músicos, curadores e reformadores humanitários. Entre esses estavam Harma e Zaida, juntamente com muitos outros da sua própria esfera de cultura e pensamento. Como seus mestres e guias espirituais estavam Iberna, Cabul e outros da raça atlante, que os reconheciam como parentes espirituais.

Por outro lado, havia também os mais degradados ou ignorantes — incluindo certos médiuns — que não desejavam aprender nem progredir em conhecimento ou poder dentro do culto espiritual superior. Apegavam-se ao passado e ao brilho do mundo material. Estes pertenciam ao grupo evoluído que emergira dos reinos animais e que ainda conservava os instintos das formas inferiores. No entanto, sob a orientação de forças elevadas, utilizando espíritos intermediários como agentes de ligação, foram também desenvolvidos e utilizados esses tipos de mediunidade, com vista à bênção da humanidade.

XXXVI

E mesmo através desses tipos de mediunidade — ainda que de fases mais baixas e manifestações mais simples — corre um processo evolutivo e uma força estimuladora que, ano após ano, gera um desdobramento em direção a um crescimento e fortalecimento espiritual maior, mesmo entre as classes mais ignorantes, mais brutas, ou entre os médiuns mais rudimentares.

Assim, no século XIX, milhares de indivíduos psíquicos foram desenvolvidos e utilizados para a manifestação da inteligência desencarnada ao mundo, realizando uma grande obra para a humanidade, que estimulou linhas de pensamento mais elevadas e nobres, bem como novos métodos de trabalho espiritual.

Importa agora dizer que entre os espíritos que tomaram parte no processo evolutivo da raça estavam milhares de almas que, em séculos passados, pertenceram às tribos aborígenes da América do Norte. As primeiras tribos desses povos eram gentis, simples, afetuosas, dignas na postura e elevadas no sentimento. No mundo espiritual, foram educadas e treinadas para obras de grande utilidade.

E como a atmosfera da América se impregnara do elemento e magnetismo indígena, tornou-se fácil para muitos desses espíritos indígenas operarem em conjunto com médiuns terrestres. Como esse magnetismo possuía qualidades curativas vitais, esses espíritos podiam transmiti-lo livremente aos doentes, curando-os, e também utilizá-lo para proteger os seus médiuns de várias formas.

Dessa forma, centenas de espíritos indígenas foram selecionados como guias, curadores e mensageiros, e enviados para trabalhar com a maioria dos médiuns do país, que em geral

foram abençoados e fortalecidos por essa ajuda. O espiritualismo tornou-se devedor da raça vermelha.

Embora muitos desses guias indígenas fossem realmente apenas isso — índios que, através da lei da evolução, haviam subido por diversos estágios de progresso físico e espiritual — muitos dos mais refinados e inteligentes eram, na realidade, seres originais de Atlântida ou de outros mundos, reencarnados em tempos passados entre tribos nativas avançadas da América do Norte, com missões específicas. No entanto, nas esferas superiores, são reconhecidos na sua forma e espírito original. Quando regressam à Terra como guias, assumem a aparência e o modo espiritual cultivado da sua encarnação indígena, agindo de acordo com a cultura que haviam abraçado naquela vida.

Estes estão geralmente entre os guias indígenas mais evoluídos de médiuns avançados — curadores e instrutores da classe mais espiritualizada e inteligente.

Milhões de seres humanos na Terra estendem os seus pensamentos e aspirações às forças invisíveis da vida superior, em busca de orientação e conhecimento. Muitos só se satisfazem com a comunicação direta dos seus amigos espirituais pessoais e, ao longo dos anos, necessitam repetidamente de receber sinais de identidade e mensagens individuais para seguirem qualquer linha de pensamento e cultura espiritual.

Outros, por sua vez, após serem assegurados da presença viva e inteligente dos seus entes queridos no além, não se contentam com experiências repetitivas e seguem em direção a novos domínios de investigação espiritual e filosófica, procurando lições sobre o mistério da vida junto de mentes avançadas nas esferas, as quais consideram competentes para os instruir e guiar. E, como para cada procura há uma oferta, também para estas almas há resposta: enquanto uns recebem dos encontros mediúnicos a contínua certeza do amor e proximidade dos seus amigos espirituais, os outros, mais cedo ou mais tarde, são elevados a uma esfera de recetividade e vibração através da qual lhes é transmitida luz e conhecimento por mestres antigos e modernos.

Existem ainda outros entre os espíritos progressistas para os quais o espiritualismo moderno não oferece fonte suficiente para as exigências das suas naturezas. As suas almas anseiam por algo mais misterioso e inexplicável, e tendem a envolver tudo aquilo que escapa à explicação física — e até aquilo que não escapa — com véus de mistério e sobrenaturalidade. E há, de facto, muitas manifestações no universo suficientemente estranhas e insólitas para satisfazer até os mais ávidos buscadores do mistério.

E há ainda aqueles que gostam de mergulhar nos reinos do saber e do culto antigo, encontrando na teosofia certos sinais, revelações, teorias e símbolos que satisfazem as suas mentes, contentando-se em habitar o domínio de uma verdade misturada com fantasia, transmitida de forma imperfeita à humanidade a partir da sabedoria ancestral dos Hindus.

Por outro lado, existem almas em busca da luz que, nas suas aspirações pelo bem e pelo elevado, ignoram as exigências da matéria ou da lei física. Reconhecendo a verdade de que — à luz de todo o plano da criação e do desdobramento — "tudo é bom", tendem a esquecer que, nesse mesmo processo de desenvolvimento e operação da lei superior, é gerado

sofrimento para raças e indivíduos, sofrimento este que é não apenas muito real, mas que também deve ser tratado de acordo com a lei psíquica e a lei da mente. Contudo, todos esses grupos estão a estender as mãos em direção ao espiritual, e, segundo a sua procura e o seu desejo, assim lhes são dadas respostas.

Espíritos antigos, das esferas espirituais mais elevadas, estão ocupados com o levantamento da raça humana na Terra. Muitas dessas inteligências pertencem a outros planetas, mas trabalham em conjunto com os povos da Terra e poderão continuar a fazê-lo por muitos milhares de anos.

A glória do século XIX não reside apenas nas grandiosas revelações da ciência, mas sim nas magníficas demonstrações que foram feitas da vida eterna e individualizada do homem. Destacando-se entre os seus predecessores na história moderna, o século XIX resplandece com o fulgor das esferas que sobre ele derramaram revelações sobre a vida e as obras no mundo espiritual. E são os Espíritos Antigos os responsáveis por esse trabalho, pois, ao longo de milénios, foram eles que magnetizaram os habitantes da Terra com forças espirituais, despertando a natureza psíquica da humanidade e ajudando-a a entrar em sintonia com as esferas celestiais.

Os Deuses Tutelares planeiam grandes obras — governam planetas e constroem Zonas — mas são os seus agentes que executam, em detalhe, muito do trabalho importante. Os Deuses Tutelares são invisíveis para entidades de ordem inferior, especialmente para aqueles que ainda não se aproximam do seu plano de existência. Já os Espíritos Antigos podem ser vistos e reconhecidos por muitos que ainda não alcançaram o seu grau de exaltação, mas que recebem os seus conselhos e ministrações. No entanto, os seres da esfera mais baixa não os percebem como personalidades, mas antes como raios de luz.

A obra da construção planetária é nobre. Tal como a criança mortal constrói a sua casa de cartas ou de blocos, assim o Deus Tutelar e os seus assistentes moldam um planeta a partir dos materiais e da aura dos mundos ao seu dispor. Mas, ao contrário do trabalho da criança, que pode ser soprado e desfeito com um só sopro, o planeta Terra vive ao longo das eras — um tributo duradouro de majestade e poder à inteligência, ao desígnio e à mestria que lhe deram origem.

Das sombras do passado imenso
A mente ativa e mãos infindas do homem
Projetaram sobre o Universo imenso
O horóscopo do plano divino que o consome.

Pois eis que o humano desenvolveu tão bem
Uma essência cada vez mais divina,
Uma potência que língua mortal não tem
Para narrar proezas que o espírito determina.

Magnífico além de toda medida,
O poder progressivo da alma humana,

E o homem, exaltado na sua vida,
Toma os mundos na palma soberana.

Fala — e logo, ao seu comando,
As forças em ondas se transformam em ser,
A sua vontade molda o espaço vago,
Que em astros vivos se começa a mover.

A criação canta o que outrora era mudo,
E a matéria, absorvida pelo espírito ardente,
Torna-se energia em curso absoluto
De ascensão eterna, clara e crescente.

Vê! O homem, ao ascender, sereno e calmo,
Varre do caminho todo o entrave ou dor,
Com vigilância eterna, não perde o salmo
Da liberdade além da ira e do temor.

Tudo se curva à mente desperta,
Que reconhece o poder da força espiritual —
E deixa para trás a forma incerta
Para trilhar o curso da alma imortal.

Planetas e sistemas despertam à vida
Sob o comando da vontade humana perfeita,
O homem, na sua força criativa,
Governa o mundo — por graça ou por desfeita.

No seu todo, o homem é como Deus feito,
Em grandeza, ministério e nobre ação,
O caminho das estrelas ele tem por leito,
E a infinidade é sua eterna missão.

XXXVII

Todas as nações e todas as raças que já existiram sobre a face da Terra tiveram os seus sábios e profetas, os seus grandes pensadores, os seus líderes morais e físicos que as conduziram a alturas de poder ou de conhecimento que, de outro modo, não poderiam ter alcançado. Estas almas à frente do seu tempo manifestaram uma mentalidade, uma coragem e uma espiritualidade muito além da qualidade média da época em que viveram.

Foram portadores da verdade, arautos do progresso, e mostraram ao mundo capacidades e sabedoria que não poderiam ter herdado da ancestralidade de onde nasceram, se nos basearmos apenas numa linha direta de evolução ou hereditariedade — sem considerar a ação da lei psíquica. Essas mentes extraordinárias não poderiam ter surgido na Terra sem que esta passasse por mil vezes mais idades do que já passou. Pois o rio não pode correr acima da sua nascente, e a linha da natureza humana — mesmo com os impulsos elevadores

da evolução — não pode, por si só, produzir expressões fenomenais de mentalidade além do seu alcance natural.

Contudo, as eras ofereceram ao mundo mentes muito à frente do seu tempo. Mentes que, através dos seus ensinamentos e análises filosóficas dos propósitos e destinos da vida, muito fizeram para despertar os princípios mais elevados da humanidade, auxiliando-a a tornar-se mais recetiva à inspiração das esferas celestiais.

Assim o fizeram Buda, Confúcio, Jesus e inúmeros outros líderes e reformadores no domínio ético e cultural — bem como inúmeros pioneiros em outros campos de interesse e necessidade humana. Viveram e trabalharam pela humanidade, adiantando-se ao seu próprio tempo. Cumpriram as suas missões e passaram para cenas mais elevadas de realização e poder.

Tais almas viveram por eras em outros corpos e sob outras condições. São os trabalhadores planetários das esferas, ou pertencem aos Antigos que habitaram a velha Atlântida ou até épocas mais remotas da Terra. Tais seres aceitaram reencarnar como entidades humanas, conscientes da missão que lhes cabia.

E uma história de reencarnações sucessivas como a sua — para influenciar e trazer glória à Terra e aos seus povos, além de qualquer poder que o planeta por si só pudesse produzir — é uma história de expressões magníficas, de realizações esplêndidas e dos propósitos mais sagrados, pelo amor à humanidade.

Comparadas com esse registo, as reservas e dúvidas de alguns mortais que negam a reencarnação por lhes parecer, na sua visão estreita da vida, que isso os exclui da continuidade pessoal ou os separa dos seus amigos espirituais, são tão fracas e fugazes como o brilho de um pirilampo perante a luz gloriosa do sol do Céu.

Mortais de vista curta, que não compreendem que o espírito, em si, jamais perde a sua identidade. Que os nomes e formas servem apenas como expressão temporária de identidade e mudam a cada ascensão da alma para reinos mais elevados.

Esses mortais não conseguem compreender que a eternidade é ampla e longa o suficiente para que o ego passe por qualquer número de reencarnações, em todos os planetas que deseje explorar. Criaturas míopes, que piscam diante da luz das eras e se retraem perante o esplendor da verdade, sem perceber que as almas afins jamais se separam — e que aqueles que são verdadeiramente "nossos" assim permanecerão enquanto a força espiritual de atração nos unir… e não mais além.

E talvez seja útil que os seres humanos aprendam na Terra algumas das verdades que, inevitavelmente, terão de aprender em algum momento — e uma dessas verdades é que muitos dos que hoje estão unidos por afetos intensos, por um ano ou por cinco séculos (pois o tempo pouco conta além da matéria), podem, com o tempo, deixar de sentir essa mesma força de atração e de associação psíquica, seguindo para outras esferas, onde novas ligações e novos laços sociais se formarão.

Mas tudo o que é da alma vive e permanece parte da nossa existência — na Terra, os amigos por vezes afastam-se, até mesmo os parentes, não por desentendimento ou diferenças de opinião, mas porque já absorveram ou deram um ao outro toda a força magnética ou os elementos psíquicos que poderiam ser partilhados, e a força de atração que os unia perdeu o seu poder, deixando de atuar como um íman. E nisto não há motivo para queixas nem razão para descontentamento — é apenas a ação da lei natural.

Esses seres humanos, que deixaram de se manter ligados pelos mais profundos laços de afeto ou amizade, podem sempre desejar o bem um ao outro, e interessar-se pelo bem-estar mútuo. No entanto, cada um só pode manter os laços e relacionamentos para os quais o desdobramento da alma o prepara e torna apto. Por isso, não é estranho que muitos dos vossos amigos e vizinhos, que outrora conhecestes e admirastes — ou vice-versa — se tenham afastado, quer ainda em vida, quer já nas esferas do espírito, sem que haja qualquer comunicação entre vós.

Os Antigos compreendem perfeitamente o funcionamento destas leis e operam segundo linhas de menor resistência. Estão em harmonia com a lei natural, buscando sempre o maior bem para o maior número de seres. Estão acima das pequenas personalidades ou caprichos, pois ocupam-se de grandes tarefas que reclamam a sua atenção e tempo.

As grandes almas não são aquelas que vivem centradas na gratificação pessoal, ansiosas pela realização de esperanças, planos ou objetivos que visem apenas uma felicidade individual. As grandes almas são as que aplicam as suas energias e talentos ao serviço dos interesses humanos, em favor das massas que lutam, esmagadas pelos instrumentos do sofrimento e do desespero. No entanto, essas almas não ignoram as necessidades pessoais e os confortos dos indivíduos — apenas os colocam em segundo plano, subordinados à elevação e ao desdobramento do coletivo.

Não se pode esperar que um filho da Terra, que viveu apenas uns poucos anos neste mundo de condições contrastantes, compreenda a vida através da lente filosófica dos Sábios e Profetas do passado, que são sábios por milhares de anos de experiência, crescimento e realização. Para esses Antigos, a mente mais avançada da Terra — o cérebro mais intelectual e a natureza mais culta — parecem ainda cruas e simples, em comparação com a sua própria mentalidade intensificada e cultura refinada. Um homem de oitenta anos é, aos olhos deles, apenas um bebé na escala da experiência que acumula a sabedoria de dez milénios.

Oh maravilhoso germe da alma! Que no princípio da sua jornada como entidade viva carrega consigo, da grande Fonte de toda a vida e luz, a potência de uma energia infalível e de uma utilidade eterna.

Oh maravilhoso germe da alma! Que, pela lei da atração, avança por entre as forças e elementos elementares, agregando a si os essenciais necessários para a construção do intelecto e a criação de uma forma útil!

Oh maravilhoso germe da alma! Que se lança entre átomos e éteres, conduzindo tudo com poder irresistível, até animar uma forma mortal respirante, e insuflar nela o sopro da vida eterna.

"Quem é o homem, ó Deus, para que te lembres dele?" — Ó mortal, alma viva — pergunta-o aos ventos que levam as tuas interrogações aos confins da Terra. Pergunta-o às ondas que rugem com força incessante de costa a costa. Pergunta-o às estrelas que giram, ardem e entoam hinos de louvor à Vida — à Vida eterna. Pergunta-o aos Deuses Tutelares, que guiam mundos e moldam planetas com o engenho do pensamento criador, da força elétrica e da energia vitalizada. Pergunta-o aos seres planetários que se movem em majestade com os mundos em rotação. Pergunta-o aos Antigos, que contemplam as eras passarem e cuja sabedoria transcende as palavras humanas. Pergunta-o ao Ser Supremo, cujo corpo é o próprio Universo.

Quem é o homem?

E a resposta vem de todos os pontos e forças interpeladas:

O homem é divino! O homem é poder! O homem é a divindade personificada! O homem é tudo! E Deus, com razão, cuida dele e guia-o para a glória e desdobramento perfeitos — pois o homem é parte e é vida de Deus.

XXXVIII

Ó pobres mortais de visão curta, que se agarram às coisas e costumes do passado — ou mesmo vós, que vos apegais às práticas e preocupações do presente, relutantes em acompanhar os avanços progressivos do tempo — não sabeis o que fazeis. Milhares e milhares de entidades humanas, como vós, continuam presas à "rocha dos séculos", ou, metaforicamente, mergulhadas até aos tornozelos no lodo de antigos hábitos, pensamentos e preconceitos — quando poderiam estar a voar como espíritos imortais pelas esferas eternas.

E muitos destes milhares já não se encontram em corpos físicos — há séculos ou décadas (pouco importa) deixaram a forma terrena e ingressaram no mundo espiritual. No entanto, continuam como fósseis — agarrados ao passado, petrificados na rigidez da autoimportância e das suas opiniões, ignorando a luz maior e o amplo horizonte espiritual para onde poderiam ascender em beleza e com energia, se apenas ousassem utilizar o seu poder e tentassem lançar-se rumo às esferas infinitas com a glória de Deus diante dos olhos.

Mas os seres tímidos, hesitantes — talvez a atravessar pela primeira vez a peregrinação da vida terrena — podem ser perdoados por não verem nas estrelas e planetas que giram acima deles os mundos que, um dia, poderão habitar, se assim o quiserem e trabalharem para isso. Ou as zonas e orbes de glória viva que tais seres, na perfeição do poder, poderão criar.

Por isso, tornam-se objeto de compaixão e de ensino por parte dos Antigos — seres que há milhares de anos percorrem as grandes estradas das estrelas e praticam com as forças

e elementos dos mundos em busca de realizações grandiosas. Do mesmo modo, inúmeros espíritos presos à Terra, que não podem ou não querem elevar-se, são alvo de piedade e assistência por parte das inteligências superiores.

Milhares de almas continuam a apegar-se à vida antiga, às antigas atrações puramente materiais, a costumes obsoletos e a erros, tornando-se alvo da instrução dos Antigos. Mas não é de um momento para o outro que podem ser libertas das suas rotinas ou vitalizadas pelo magnetismo do mais elevado, para uma nova ação e desdobramento. Muitos Espíritos Antigos trabalham em harmonia com guias e ajudantes de tempos mais recentes para trazer essas almas cativas a um estado mais elevado de compreensão e de progresso espiritual.

Muitos mortais, ao tomarem conhecimento da comunicação com o espírito, perguntam por que razão os Espíritos Antigos se sentiriam atraídos de volta à Terra — por que desejariam eles lidar com os assuntos humanos. Repetidamente se questiona por que não ultrapassaram completamente a Terra, a ponto de já não terem qualquer laço ou atração por este mundo.

Mas saiba-se: apenas aqueles dos Antigos que foram poderosos líderes nas ciências da filosofia mortal, da metafísica, da lei física e dos seus mecanismos — que, no passado, foram mestres, videntes e mentes avançadas — retornam à Terra para guiar e dirigir as suas forças na senda do desdobramento, a fim de abençoar os seres humanos, tanto individual como coletivamente, com a sua influência e força instrutiva. Outros, que avançaram para uma grande exaltação espiritual, dedicam o seu tempo a ensinar e ajudar espíritos que já deixaram os corpos terrenos, mas que habitam ainda as três ou quatro esferas inferiores da vida espiritual.

E outros ainda seguiram em frente, de Zona em Zona, cumprindo o seu papel no grande esquema do ser, sem jamais regressarem à Terra nem darem atenção especial aos seus habitantes.

Os Espíritos Antigos que têm acesso direto à Terra e influência sobre certas pessoas encontram-se em relação espiritual direta com almas afins que estão reencarnadas neste planeta. Laços de verdadeira consanguinidade espiritual unem-nos. Assim, a atração que traz de volta à Terra os Antigos desencarnados é das mais naturais — pois o amor segue os seus, de Zona em Zona, e mantém unidas as almas que partilham a mesma esfera de origem.

Esses Antigos que regressam são também aqueles que, em tempos idos, sopraram as suas forças magnéticas sobre o planeta; a própria atmosfera está impregnada com a sua energia elétrica; o brilho do sol carrega o magnetismo da sua personalidade; e a alma do globo recebeu a sua energia radiante, bem como a dos seres planetários que ajudaram no seu desdobramento e estimularam o seu poder evolutivo.

São entidades que labutam longamente, com fidelidade, pela elevação de um mundo e pela perfeição de uma humanidade.

Raças vão e vêm, nações ascendem e declinam, dinastias erguem-se ao poder e são varridas como colunas de areia por um vento forte — mas estes seres humanos trabalham serenamente, imperturbáveis pelas tempestades ou pelo esplendor, aguardando o momento em que o homem, com poder desperto e identidade aperfeiçoada, habite o planeta com toda a glória e vigor primordiais — tal como os seres planetários que, desde o início, tomaram formas materiais e vieram à Terra para a vitalizar com a sua força potencial.

Há milhares de médiuns na Terra que são sensíveis — médiuns que viveram noutras formas em eras passadas, médiuns que aqui estão para cumprir um trabalho, seja humilde ou grandioso. Cada um ocupa o lugar que lhe foi atribuído. Cada um está a cumprir uma parte essencial no seu destino pessoal e, ao mesmo tempo, a executar os desígnios da lei e da força superiores. Nem todos os médiuns são almas reencarnadas — muitos já viveram antes como entidades conscientes e ativas. O conhecimento da sua pré-existência é, muitas vezes, ocultado deles, pois o trabalho e a missão do presente são tudo o que precisam de saber.

Cada um dos médiuns reencarnados é acompanhado por um Espírito Antigo, que vela por si e ajuda a dirigir e moldar os acontecimentos de forma a proporcionar-lhe as experiências necessárias e valiosas.

Cada filho da Terra — seja humilde ou de posição elevada — tem guias e vigilantes espirituais. Nem todos, porém, atraem espíritos antigos ou planetários. Os guias de muitos mortais são amigos do seu próprio círculo, antigos conhecidos ou familiares, acompanhados por um ou dois mestres mais avançados de uma era moderna. Ao protegerem os seus amigos terrenos e procurarem exercer um juízo sábio e previdente em seu benefício, esse grupo de guias conquista para si um desenvolvimento e uma experiência que os prepara para esferas mais elevadas — e ainda mais elevadas.

É pelo trabalho, pelo pensamento e ação altruístas, pelo crescimento e pela aspiração que as almas se elevam. O que o mais glorioso e avançado dos Antigos se tornou, também pode ser alcançado por espíritos que ainda hoje percorrem os caminhos da Terra.

Aquilo que os Arcanjos e Serafins das esferas celestiais representam em luz, inteligência e poder de realização, qualquer um que leia estas palavras pode aspirar a tornar-se — e alcançar.

O caminho do progresso é eterno. E as entidades humanas que nele entram encontram oportunidades incontáveis que se lhes abrem diante dos passos — para prosperar, crescer, aprender, desdobrar-se, trabalhar e realizar. Existe um vasto domínio de possibilidades ainda por explorar pelas almas mais progressistas — um reino de descoberta e poder, de beleza inexplorada e de grandeza. E a liberdade ilimitada da eternidade oferece ao ego o campo e a força que precisa para avançar, sempre e sempre, em direção à perfeição.

Por vezes perguntam-nos se o Sol do vosso sistema solar é habitado. O Sol não é apenas um grande luminar, mas também um enorme reservatório de força elétrica, que emite as suas correntes com energia e potência tremendas. Os seres humanos não podem habitar a sua atmosfera.

A energia radiante é aquilo que o Sol fornece ao seu sistema na forma de força e potência motriz. Este fluido elétrico é, em parte, absorvido por espíritos tutelares e planetários, embora estes não habitem o Sol. Contudo, foi-nos dito que o Sol é composto, em parte, pela essência da força espiritual — uma substância que é, por si mesma, a vida dos germes da alma.

Essa essência gera uma aura que entra na composição do "Sol espiritual", o contraponto do luminar físico, e este é vitalizado por essa essência, criando uma atmosfera em que os germes da alma podem habitar até serem atraídos — pela força irresistível da atração — para a Terra ou para outro planeta, onde poderão vitalizar elementos de matéria e de éter, correlacionando-os até que a união entre esses elementos e a força da alma se torne espírito eterno.

Cada parte e porção do universo tem o seu lugar e utilidade — cada átomo que alguma vez existiu desempenhou um papel no grande plano da vida. Cada pulsação do ser, cada vibração da força, tem a sua missão e o seu trabalho. Tudo é divinamente planeado e sabiamente executado.

A lei da evolução é uma lei nobre — desenvolve até as formas mais elevadas de existência e inteligência a partir dos estratos e condições mais humildes do ser. A causalidade é a força suprema que rege todas as coisas — o efeito, em todos os domínios da vida e da ação, é apenas o resultado da causa.

Toda e qualquer entidade, por mais humilde que seja, é herdeira da mais alta realização — ainda que leve um milhão de anos a alcançar o trono da sabedoria e da luz.

Pois até mesmo os Deuses Tutelares, os seres planetários e os Antigos entre os Antigos foram todos, um dia, evoluídos a partir de germes de alma primordiais e de formas físicas simples, em alguma Zona planetária.

"O universo é um Todo estupendo,
Cujo corpo é a Natureza, e Deus — a Alma."